UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO

RAFAELLA FÉLIX DA SILVA

Decolonializando o currículo escolar através de narrativas: uma proposta de trabalho com lendas indígenas Tabajara em perspectiva intercultural crítica

JOÃO PESSOA/PB
2023

RAFAELLA FÉLIX DA SILVA

Decolonializando o currículo escolar através de narrativas: uma proposta de trabalho com lendas indígenas Tabajara em perspectiva intercultural crítica

Dissertação referente ao Exame de Defesa apresentado como um dos requisitos para o cumprimento das exigências para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues

JOÃO PESSOA/PB

RAFAELLA FÉLIX DA SILVA

Decolonializando o currículo escolar através de narrativas: uma proposta de trabalho com lendas indígenas Tabajara em perspectiva intercultural crítica

Dissertação referente ao Exame de Defesa apresentado com um dos requisitos para o cumprimento das exigências para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues

Data: 21/12/2023

Banca Examinadora:

Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba

Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael
Universidade Federal da Paraíba

Dr. Rodrigo Albuquerque Pereira
Universidade de Brasília

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586d Silva, Rafaella Félix da.
Decolonializando o currículo escolar através de narrativas : uma proposta de trabalho com lendas indígenas Tabajara em perspectiva intercultural crítica / Rafaella Félix da Silva. - João Pessoa, 2023.
179 f. : il.

Orientação: Tiago de Aguiar Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Narrativas. 2. Lendas indígenas - Tabajaras. 3. Interculturalidade crítica. 4. Pedagogia decolonial. 5. Currículo escolar. I. Rodrigues, Tiago de Aguiar. II. Título.

UFPB/BC CDU 82-32(043)

Elaborado por Larissa Silva Oliveira de Mesquita - CRB-15/746

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO - PGLE

ATA DE EXAME DE DEFESA

RAFAELLA FÉLIX DA SILVA

Aos vinte e um dias do mês de dezembro de dois mil e vinte três (21/12/2023), às 14h00, realizou-se o exame de defesa da mestranda RAFAELLA FÉLIX DA SILVA, do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino (PGLE/UFPB), que apresentou o trabalho intitulado *"DECOLONIALIZANDO O CURRÍCULO ESCOLAR ATRAVÉS DE NARRATIVAS: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LENDAS INDÍGENAS TABAJARA EM PERSPECTIVA INTERCULTURAL CRÍTICA"*. A Banca Examinadora, constituída pelo Prof. Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues (PGLE/UFPB) – orientador, pela Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (PGLE/UFPB) e pelo Prof. Dr. Rodrigo Albuquerque Pereira (UnB), apresentou o seguinte parecer:

Aprovada (X)

Reprovada ( )

Observações sobre o exame:

A pesquisa atende aos requisitos do programa e contribui com o estado da arte. Necessita de alguns ajustes conforme orientações da banca, bem como de uma revisão para entrega final.

A presente ata foi lavrada e assinada pelo presidente da Banca Examinadora, juntamente com os demais membros desta.

João Pessoa, 21 de dezembro de 2023.

gov.br Documento assinado digitalmente
TIAGO DE AGUIAR RODRIGUES
Data: 13/03/2024 17:27:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Tiago de Aguiar Rodrigues
(Presidente da Banca Examinadora)

Rodrigo Albuquerque Pereira
(Examinador)

Eliana Vasconcelos da Silva Esvael
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Eu acredito que exista uma força superior que nos movimenta e nos leva para os espaços que precisamos estar. Meu primeiro agradecimento é a essa força em que confio e que tem me guiado num caminho de felicidade.

Agradeço a minha mãe Irene e ao meu pai Antônio por terem me dado o suporte ao longo da vida para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje e agradeço aos meus filhos Nicolas e Miguel por terem a paciência de dividir a mãe com outros tantos filhos que chamo de alunos e alunas.

Esse projeto nasceu numa manhã em minha casa, enquanto mexia nas minhas plantas e conversava com Tai e Juscelino sobre a vida. Agradeço profundamente aos dois por terem me dado suporte, emocional e intelectual, para que as ideias fossem nascendo e as ações fossem sendo efetivadas. Sem vocês essa pesquisa nem teria começado…

Agradeço a todos da aldeia Barra de Gramame, em especial a Carlinhos e Simone, meus queridos amigos, que abraçaram cada ideia que eu tive em cada etapa dessa pesquisa.

Agradeço ao meu professor orientador Tiago Aguiar por toda a troca de conhecimentos que tivemos nesse tempo de pesquisa. Obrigada pela paciência e por ter dito sim para essa nova experiência em nossas vidas acadêmicas. Agradeço também a todos que fazem o programa MPLE acontecer. Sei que não é fácil fazer um programa tão importante seguir caminhando.

Agradeço a todos que fazem parte da Escola Municipal Professora Lina Rodrigues do Nascimento, em especial a gestora Ingride Gabriela que segurou na minha mão e seguiu até o final de todas as etapas da pesquisa, dando o suporte necessário para que tudo acontecesse da melhor forma possível.

Agradeço também aos meus queridos amigos Guilherme Deganello, Ana Moravi, Mayara Valentim e Maurício Garcia por terem auxiliado nas captações de imagem e som do dia da visita à aldeia e posterior edição, além de agradecer por todo o tempo de amizade que temos. Agradeço ainda à Axel por ter feito a ilustração da lenda *A cidade encantada* e a todos os meus amigos por terem me amado mesmo quando precisei estar ausente para dar conta desse projeto.

Agradeço ao Gurugi por ter me acolhido tão bem e ter me deixado ser quem eu sou e fazer o que eu amo que é ser educadora. A educação me libertou e me transformou e sigo trabalhando para que também liberte e transforme outras pessoas.

RESUMO

Este trabalho qualitativo emergiu de nossa inquietação, enquanto professores não indígenas e de Língua Portuguesa, de pensarmos maneiras de contribuir para o processo de decolonialidade em escolas que atendam estudantes indígenas e não indígenas. Para tanto, buscamos refletir como podemos trabalhar nas aulas de LP o compartilhamento dos conhecimentos ancestrais que servem como mecanismo essencial para a preservação da memória e como mecanismo de reflexão sobre suas práticas para o fortalecimento da identidade. Utilizou-se o método de Pesquisa-Ação-Triangular que ocorreu através de entrevista realizada com o Cacique Carlinhos da Aldeia Barra de Gramame em Conde/PB para coleta das narrativas míticas e posterior retextualização, questionários, aula de campo realizados com os alunos do 6º ano A da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Lina Rodrigues do Nascimento - Conde/PB e observações feitas pela professora pesquisadora ao longo das etapas de aplicação desta pesquisa. O objetivo geral deste trabalho é reconhecer/compreender o potencial das narrativas Tabajara para a construção de um currículo escolar decolonial. Para tanto, nossos objetivos específicos são (a) ter contato com as narrativas locais, temporais e situacionais através das narrativas míticas indígenas Tabajara; (b) reconhecer o pensamento colonial eurocentrado que ainda existe na escola, (c) refletir sobre novas práticas pedagógicas que visem decolonializar saberes e d) contribuir nas aulas de língua portuguesa com a integralização das culturas no ambiente escolar. A partir do reconhecimento da colonialidade presente no currículo nossa proposta de intervenção é inserir no currículo de Conde/PB o estudo sobre a etnia originária da região, os Tabajara, através do estudo das lendas indígenas, como sugere a Base Nacional Comum Curricular em sua habilidade (EF67LP28). Partiu-se dos conceitos de interculturalidade relacional, funcional e crítica (Walsh, 2009, 2012, 2022), problematizando as linhas abissais (Santos, 2009) e discutindo práticas sociais e educativas capazes de romper com a retórica do multiculturalismo e, efetivamente, vivenciar uma pedagogia decolonial através da interculturalidade crítica. Para a aplicação da interculturalidade crítica foram observadas as narrativas do povo Tabajara através da coleta de suas narrativas míticas baseadas nas perspectivas de Souza (2020) e Delgado (2003). A retextualização das narrativas míticas seguiu o pensamento de Marcuschi (2010) e Travaglia (2007) para se observar que tais narrativas guardam um saber ancestral (Thiél, 2013). Nas escolas o trabalho com a interculturalidade crítica pode ser feito através de práticas pedagógicas decoloniais de forma interdisciplinar (Fazenda, 1994) e nas aulas de Língua Portuguesa o trabalho com essas narrativas nesta perspectiva pode se dar seguindo a Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2009).

Palavras-Chave: Tabajara, interculturalidade crítica, pedagogia decolonial, narrativas, currículo.

ABSTRACT

This qualitative work emerged from our concern, as non-indigenous and Portuguese language teachers, to think about ways to contribute to the process of decoloniality in schools that serve indigenous and non-indigenous students. To this end, we seek to reflect on how we can work in PL classes on sharing ancestral knowledge that serves as an essential mechanism for preserving memory and as a mechanism for reflecting on practices to strengthen identity. The Triangular Action-Research method was used, which occurred through an interview carried out with Cacique Carlinhos from Aldeia Barra de Gramame in Conde/PB to collect mythical narratives and subsequent retextualization, questionnaires, field classes carried out with 6th grade students year A of the Municipal Elementary School Professor Lina Rodrigues do Nascimento - Conde/PB and observations made by the research teacher throughout the stages of application of this research. The general objective of this work is to recognize/understand the potential of Tabajara narratives for the construction of a decolonial school curriculum. To this end, our specific objectives are (a) to have contact with local, temporal and situational narratives through Tabajara indigenous mythical narratives; (b) recognize the Eurocentric colonial thinking that still exists at school, (c) reflect on new pedagogical practices that aim to decolonialize knowledge and d) contribute to the integration of cultures in the school environment in Portuguese language classes. Based on the recognition of the coloniality present in the curriculum, our intervention proposal is to insert into the Conde/PB curriculum the study of the region's original ethnic group, the Tabajara, through the study of indigenous legends, as suggested by the National Common Curricular Base in its ability. (EF67LP28). The starting point was the concepts of relational, functional and critical interculturality (Walsh, 2009, 2012, 2022), problematizing the abyssal lines (Santos, 2009) and discussing social and educational practices capable of breaking with the rhetoric of multiculturalism and, effectively, experiencing a decolonial pedagogy through critical interculturality. To apply critical interculturality, the narratives of the Tabajara people were observed through the collection of their mythical narratives based on the perspectives of Souza (2020) and Delgado (2003). The retextualization of mythical narratives followed the thoughts of Marcuschi (2010) and Travaglia (2007) to observe that such narratives preserve ancestral knowledge (Thiél, 2013). In schools, work with critical interculturality can be done through decolonial pedagogical practices in an interdisciplinary way (Fazenda, 1994) and in Portuguese language classes, work with these narratives from this perspective can take place following Applied Linguistics (Moita Lopes, 2009).

Keywords: Tabajara, critical interculturality, decolonial pedagogy, narratives, curriculum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Oficina *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola*.....20
Figura 2 - Entrevista com o Cacique Carlinhos.....37
Figura 3 - Aula de artes com pinturas corporais indígenas.....41
Figura 4 - Material trabalho nas aulas de Ensino Religioso.....42
Figura 5 - Professores e estudantes chegando à aldeia Barra de Gramame - Conde/PB…….43
Figura 6 - Cacique Carlinhos narrando as histórias do seu povo.....43
Figura 7 - Juscelino Tabajara fazendo pintura corporal indígena nos estudantes.....44
Figura 8 - Equipe pedagógica, estudantes e indígenas na aula de campo.....45
Figura 9 - Resposta do estudante C da questão 3 do Questionário 1.....53
Figura 10 - Resposta do estudante A da questão 6 do Questionário 2.....54
Figura 11 - Resposta do estudante B da questão 6 do Questionário 2.....54
Figura 12 - Resposta do estudante C da questão 6 do Questionário 2.....54
Figura 13 - Respostas do estudante A das questões 7 e 8 do Questionário 2…….....56
Figura 14 - Respostas do estudante B das questões 7 e 8 do Questionário 2.....56
Figura 15 - Respostas do estudante C das questões 7 e 8 do Questionário 2.....56
Figura 16 - Respostas da atividade do estudante não prototípico 57
Figura 17 - Respostas do estudante A das questões 3 e 12 do Questionário 2……..59
Figura 18 - Respostas do estudante B das questões 3 e 12 do Questionário 2.....59
Figura 19 - Respostas do estudante C das questões 3 e 12 do Questionário 2.....60
Figura 20 - Respostas da pergunta 11 do Questionário 1 dos estudantes A, B e C, respectivamente……..61
Figura 21 - Resposta da pergunta 14 do Questionário 2 dos estudantes A…….....62
Figura 22 - Resposta da pergunta 14 do Questionário 2 dos estudantes B…….....62
Figura 23 - Resposta da pergunta 14 do Questionário 2 dos estudantes C…….....63
Figura 24 **-** Lendas indígenas Tabajara na proposta curricular de língua portuguesa de Conde/PB ……..……65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....11

2. PERCURSO TEÓRICO PARA UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL.....16

2.1 Multiculturalismo e Interculturalismo.....17

2.2 Sujeitos e Narrativas Tabajara na desconstrução do Mito Colonial.....22

2.3 Tipologia Textual Narrativa.....27

2.4 Interdisciplinaridade e Linguística Aplicada…….32

3. METODOLOGIA.....34

3.1 Metodologia da Contextualização: descrição dos métodos.....35

3.2 Metodologia da Contextualização: aplicação dos métodos.....37

4. ANÁLISE PRÉVIA DOS DADOS.....51

5. PRODUTO DA INTERVENÇÃO.....64

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....67

7. REFERÊNCIAS.....70

8. ANEXOS.....73

INTRODUÇÃO

A educação é um pilar essencial na construção de uma sociedade democrática e é preciso pensar as formas de ensino, ou repensar, a partir de perspectivas que valorizem os diferentes conhecimentos advindos da sociedade. Para que isso ocorra, é necessário reconhecermos antes a história de colonização dos nossos povos originários e as marcas deixadas pela lógica do pensamento europeu, que silenciou e ainda silencia as narrativas dos povos colonizados, pois, embora as fronteiras geográficas tenham sido amenizadas pelo contato entre etnias, ainda há fronteiras culturais que precisam ser discutidas e problematizadas. Nos propomos a fazer esse reconhecimento e discussão neste trabalho a partir do contato com as narrativas do povo originário Tabajara, trabalhando-as nas aulas de língua portuguesa.

O povo Tabajara é originário do estado da Paraíba e atualmente conta com uma população de cerca de 755 habitantes, que residem nos municípios paraibanos de João Pessoa, Alhandra, Pitimbu, Caaporã, e em três aldeias no município de Conde: Aldeia Barra de Gramame, Aldeia Nova Conquista e Aldeia Vitória. Os indígenas Tabajaras vêm desde o início do século XXI num processo de fortalecimento de sua identidade, mesmo após décadas de perseguições e silenciamento, lutando pelo direito da demarcação de suas terras na cidade de Conde/PB.

A cidade de Conde ainda não tem uma escola indígena que possa acolher os estudantes Tabajara, pois ainda estão em processo de demarcação do território. Uma escola indígena lhes ofereceria um currículo desenvolvido através da sua cultura tradicional, assegurando princípios de "coletividade, reciprocidade, integralidade, espiritualidade e alteridade indígena" (Brasil, 2017, p. 17).

Os jovens Tabajaras frequentam o ensino regular junto com jovens não indígenas e é preciso se pensar num currículo que seja integralizador entre as distintas culturas encontradas, pois, ainda que a BNCC oriente para o ensino da cultura indígena, este é feito numa perspectiva transversal e que, por muitas vezes, só reforça a visão colonial eurocentrada.

Para que essa visão eurocentrada seja superada, é preciso pensar o que os alunos não indígenas conhecem da etnia Tabajara, como os alunos Tabajara podem expressar sua cultura no ambiente escolar, como as aulas de Língua Portuguesa (LP) podem contribuir para a integralização dessas culturas, haja vista que a língua materna dos Tabajaras (Tupi) não é mais falada em conversações nas aldeias, apenas em rituais pontuais como o Toré, e

quais metodologias podem ser usadas/desenvolvidas em sala de aula numa perspectiva decolonial.

Nas escolas não indígenas que atendem a comunidade indígena, as aulas de LP precisam ser sensíveis quanto ao processo de ensino-aprendizagem da língua para trabalhar o letramento em contextos e práticas sociais nas diversas realidades. No entanto, a questão é sensível por ocorrer numa comunidade que passou pelo processo de colonização que visava acabar com os vestígios de identidade do povo (Souza, 2020)[1]. Tal processo fez com que os Tabajaras fossem afastados, inclusive, de sua língua materna, o Tupi, e hoje já não a falam mais como primeira língua dentro do território.

Como então, enquanto professores não indígenas e de Língua Portuguesa, podemos contribuir para o processo de decolonialidade? Como podemos trabalhar nas aulas de LP o compartilhamento dos conhecimentos ancestrais que servem como mecanismo essencial para a preservação da memória e como mecanismo de reflexão sobre suas práticas para o fortalecimento da identidade Tabajara?

Consideramos esta pesquisa relevante por se tratar de uma realidade ainda pouco estudada. Há pesquisas que tratam do ensino de línguas na educação escolar indígena nas quais o professor é indígena e a comunidade escolar fala a língua materna da etnia, como é o caso da obra *Ensino de línguas e educação escolar indígena*, organizada por Antônio Almir Silva Gomes (2019). Em outras pesquisas, como a de Santos e Serrão (2017), o professor não indígena atua em escolas regulares onde há alunos indígenas e não indígenas que ainda falam a língua.

Há estudos que se aproximam dos propostos nesta pesquisa, pois tratam do desenvolvimento de práticas de letramento para o ensino de Língua Portuguesa em comunidades indígenas através de gêneros textuais, como é o caso do trabalho de Simas (2009). No entanto, esta pesquisa ainda não contempla totalmente nosso objeto de pesquisa, pois o estudo é feito em uma etnia diferente, a Potiguara, e em um contexto diferente, numa escola indígena, ainda que, como em nosso estudo, os alunos indígenas também não falem mais a língua materna indígena como primeira língua.

[1] Neste trabalho ao referenciar Souza (2020) trazemos os pensamentos de Juscelino Tabajara, um importante interlocutor da Aldeia Barra de Gramame. As citações são encontradas em seu Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba no ano de 2020 intitulado TABAJARA ANDOU NA MATA: Um estudo sobre o papel dos processos técnicos no fortalecimento da identidade indígena do Litoral Sul da Paraíba.

Ressaltamos ainda a relevância desta pesquisa por estar sendo desenvolvida em uma escola que atende também à comunidade quilombola. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Lina Rodrigues do Nascimento atende as turmas de 6º a 9º ano nos turnos manhã e tarde e fica localizada na região de Gurugi, em Conde/PB, a qual possui três comunidades Quilombolas: Gurugi, Ipiranga e Mituaçu. Os estudantes que frequentam a escola também são oriundos dessas comunidades quilombolas e o município não possui escola quilombola para atender à comunidade. As duas comunidades que vivem na região e proximidades, a quilombola e a indígena, sempre tiveram contato e troca, até mesmo por compartilharem de um espaço em comum que é a escola; no entanto, o currículo desta foi construído voltado mais para a comunidade quilombola e não se tem ainda uma interculturalidade crítica sendo aplicada.

Nesta pesquisa, temos como objetivo geral reconhecer/compreender o potencial das narrativas Tabajara para a construção de um currículo escolar decolonial e para conseguir atingi-lo, quatro objetivos específicos orientam nossas ações e observações. No primeiro objetivo (a) propomos ter contato com as narrativas locais, temporais e situacionais do povo Tabajara através das narrativas míticas indígenas Tabajara; o segundo objetivo específico (b) é reconhecer o pensamento colonial que ainda existe na escola mediante o diálogo sobre a etnia e sobre as narrativas míticas com os estudantes; o terceiro objetivo específico (c) é refletir a respeito dessa colonialidade para pensar sobre novas práticas pedagógicas que visem decolonizar os saberes e o quarto objetivo (d) é contribuir nas aulas de língua portuguesa com a integralização das culturas no ambiente escolar. Nossa proposta de intervenção é apresentar na proposta curricular de Língua Portuguesa do Município de Conde/PB o trabalho com as lendas[2] indígenas tabajara para que essa etnia, originária do município, seja reconhecida pelos estudantes da localidade, professores e comunidade escolar. O presente trabalho está dividido em 6 capítulos, além desta introdução com uma visão geral acerca deste trabalho.

O capítulo teórico traça os caminhos percorridos para que se possa compreender a emergência de se aplicar uma pedagogia decolonial. Iniciamos a discussão fazendo a diferenciação entre o colonialismo e a colonialidade com Tavares e Gomes (2018) e Mignolo (2003) e a linha abissal criada a partir da dicotomia apropriação/violência

[2] Embora o termo lenda, como elucida Thiél (2013) seja um gênero literário ocidental e nossa proposta é decolonizar o currículo, neste trabalho nos referimos as narrativas míticas produzidas pelos Tabajara como sendo lendas para que esteja alinhado ao proposto pela BNCC, haja visto que no corpo do texto desse documento não é referenciado a terminologia narrativas míticas.

ocorridas nos territórios colonizados com Santos (2007, 2018). Essa discussão é importante para se compreender como a sociedade colonizada foi formada por muitas culturas, mas que essa perspectiva de multiculturalismo precisa ser ultrapassada para que possamos, para além de reconhecer a existência de culturas variadas que se relacionam e de que há uma assimetria nessa relação, problematizar as causas dessa assimetria partindo de quem está no lugar, historicamente, de subalternização numa perspectiva intercultural crítica proposta por Walsh (2009, 2012). A forma como propomos de partida de quem ocupa este lugar é através da escuta de suas narrativas que, segundo Delgado (2003), são instrumentos que auxiliam na transmissão das tradições e das identidades de um povo, e Dijk (1975), que nos dá suporte ao afirmar que essa transmissão através de narrativas se dá por estas serem produzidas a partir de quadros de memórias e histórias.

Na aplicação de uma pedagogia decolonial, especificamente aplicada nas aulas de língua portuguesa proposta neste trabalho, é considerado o trabalho com as duas modalidades da língua: a oral e a escrita, a partir do tipo textual narrativo. Para explicarmos como um texto pode ser caracterizado como narrativo, ainda no capítulo teórico, evocamos Travaglia (2007) ao trazermos os cinco critérios apresentados pelo autor para essa classificação e exemplificamos cada um deles com exemplos de uma narrativa mítica indígena Tabajara intitulada *A Cidade Encantada*, coletada pela professora pesquisadora no primeiro momento desta pesquisa.

As aulas de língua portuguesa da educação básica se orientam a partir do que sugere a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Nesta, é indicado na habilidade EF67LP28 que os estudantes devem desenvolver a habilidade de ler e compreender de forma autônoma, dentre outros gêneros textuais, as lendas indígenas. Moita Lopes (2006, 2009) nos auxilia a compreender que essa habilidade pode ser trabalhada na escola por meio da linguagem objetivando a resolução dos problemas sob o olhar da situação cultural, institucional e histórica e tanto este autor como Fazenda (1994) afirmam que isso pode ser feito a partir do diálogo com outras formas de conhecimento com a interdisciplinaridade, pois superar o parcelamento do saber auxilia na reflexão sobre a construção da identidade, nesse caso não apenas a identidade do povo Tabajara como também as próprias identidades dos estudantes.

No capítulo metodológico demonstramos o caminho das ações realizadas ao longo da pesquisa que irão culminar na análise dos dados e na proposta de intervenção. Este trabalho utilizou uma abordagem qualitativa por esta possibilitar a observação de fenômenos sociais

que acontecem na aldeia e entre a aldeia e a escola através da relação mundo e sujeito, bem como propor a interculturalidade crítica como perspectiva para romper com a visão eurocentrada que os estudantes possuem acerca da etnia Tabajara. Foram utilizados procedimentos de pesquisa-ação-triangular, que se referem à utilização de mais de um método de coleta de dados para garantir a confiabilidade e a credibilidade dos dados da pesquisa. Mesclaram-se os métodos de observação (gravações em áudio das narrativas orais, fotografias e filmagens), entrevista não estruturada, questionários abertos e aula de campo. Tais métodos serão detalhados no capítulo metodológico.

No capítulo da análise dos dados serão confrontados os dados obtidos nos dois questionários com todas as etapas do procedimento metodológico a fim de se observar qual o impacto intercultural ocorreu com os conhecimentos dos estudantes. Em seguida, relatamos qual foi o nosso produto de intervenção e como o aplicamos.

Por fim temos as considerações finais, nas quais avaliamos o impacto da aplicação da interculturalidade crítica nos estudantes e discutimos formas da aplicação da pedagogia decolonial na escola onde a pesquisa foi aplicada. Tais formas de aplicação são sugeridas a partir da proposta de intervenção que nos propusemos a realizar para atingir a pedagogia decolonial, inserindo no currículo no Município de Conde o estudo das lendas indígenas Tabajara para que a cultura e o etnônimo Tabajara sejam reapropriados. Ainda, anexado a esse Currículo, inserimos a proposta de atividade trabalhada pela professora pesquisadora para que os demais professores da rede municipal de educação de Conde /PB possam acessar o material e utilizar com seus alunos e alunas.

2. PERCURSO TEÓRICO PARA UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL

Uma sociedade mais justa e democrática é possível ao ampliarmos as contribuições dos diferentes conhecimentos para assegurá-los à igualdade de oportunidades, conforme defende Santos (2018). Para que isso ocorra em nossa sociedade, é necessário refletir e problematizar sobre o processo de colonialidade sofrido para pensar sobre novas práticas pedagógicas que se enquadrem no modelo epistemológico pós-colonial. Propomos nesta pesquisa fazer essa discussão como objetivo específico (c) a partir da observação da luta pelo bem-viver do povo Tabajara através de suas narrativas.

Na cidade de Conde, no litoral sul da Paraíba, vivem os indígenas Tabajara, que vêm num processo de retomada devido a décadas de apagamento histórico. O território Tabajara, que até antes de 1865 abrangia as cidades que hoje conhecemos como Conde, parte de Alhandra e parte de Pitimbu (MURA; PALITOT; MARQUES, 2010), passou por um processo de regulamentação fundiária do governo imperial, tendo seu território reduzido de 35.000 para 1.754,50 hectares. Esse processo se deu por meio de agressões físicas, psicológicas e geográficas, sendo visto como a "última tentativa de individualizar o sentimento de coletividade" que havia (SOUZA, 2020). De acordo com Souza (2020), o propósito, consciente ou inconsciente, de colonização era acabar com os vestígios de identidade do território.

Segundo Souza (2020) o indígena Tabajara não podia plantar, ou dizer que era dono, ou mesmo que era índio, pois isso motivava perseguições. No entanto, práticas como caça, pesca e coleta continuaram a ser reproduzidas, o que possibilitou o compartilhamento dos conhecimentos herdados. Tais conhecimentos, como ressalta Souza, servem como mecanismo essencial para a preservação da memória e como mecanismo de reflexão sobre suas práticas para o fortalecimento da identidade Tabajara. Esse fortalecimento teve início no começo do século XXI com o processo de reafirmação da identidade étnica e reapropriação do etnônimo Tabajara (Mura; Palitot; Marques, 2010).

Neste capítulo lançamos olhar sobre alguns conceitos-chave que enfatizam a necessidade de se discutir os problemas advindos do colonialismo e os caminhos possíveis para uma pedagogia decolonial. Na seção 2.1 discutimos os conceitos de multiculturalismo e interculturalismo buscando esclarecer a necessidade de transcender a ideia de que há apenas o contato entre as diversas culturas para problematizar as hierarquias que existem a partir da colonialidade. Na seção 2.2 abordamos também os conceitos de sujeitos e suas narrativas observando que memórias individuais e coletivas são essenciais para o

fortalecimento da identidade de um povo. Na seção 2.3 apresentamos o conceito da tipologia textual narrativa para que esta seja trabalhada em sala de aula a partir das narrativas míticas do povo Tabajara objetivando uma pedagogia decolonial e tratamos de como esse trabalho pode ser feito de forma interdisciplinar na escola sob a perspectiva da Linguística Aplicada nas aulas de Língua Portuguesa na seção 2.4.

2.1 Multiculturalismo e Interculturalismo

Os conceitos de colonialismo e colonialidade, embora distintos, se relacionam. Enquanto o colonialismo assumiu, preferencialmente, dimensões políticas, jurídicas, administrativas e econômicas, a colonialidade atingiu raízes mais profundas e duradouras, como a cultura, a língua e as memórias. Apesar da descolonização dos povos, o colonialismo sobreviveu com os mecanismos de opressão em sua extensão de colonialidade, através da repressão das formas de produção de conhecimento.

> À subalternização epistemológica corresponde uma subalternidade ontológica, no sentido em que, se os saberes e memórias culturais diferentes são reduzidos a meros etnosaberes, saberes primitivos, sem legitimidade epistemológica, os povos que o possuem são, também, subalternizados, considerados primitivos ou selvagens, afinal, como não existentes (Tavares; Gomes, 2018, p. 48).

A expansão colonial se deu para além de aspectos religiosos e econômicos, também geopolíticos, contribuindo para a colonialidade do saber (Mignolo, 2003). Nesse sentido, a lógica do conhecimento e pensamento era a lógica europeia e as narrativas dos povos colonizados eram, e ainda são, silenciadas pela hegemonia da modernidade europeia. Percebe-se esse silenciamento, por exemplo, com o povo Tabajara, que esteve presente em publicações históricas brasileiras até o século XIX. Desse período até o início do século XXI não se teve mais registros historiográficos sobre a etnia, pois, como esclarece Souza (2020), os Tabajara foram obrigados a negar sua identidade étnica pela violência sofrida por mais de um século, o que levou muitas pessoas a acreditarem em sua completa extinção.

É certo que há a convivência com as diversas culturas por fatores como as migrações e a própria globalização, o que possibilitou formas outras de contatos entre as culturas. A exemplo disso temos a região do Gurugi, onde a escola em que esta pesquisa foi desenvolvida fica localizada. O Gurugi tem três comunidades quilombolas com situação fundiária certificadas: Gurugi, Ipiranga e Mituaçu. Nessa região sempre houve o contato e troca entre os indígenas tabajara e os quilombolas, e a escola sempre atendeu ambos, pois as

comunidades não têm essas duas modalidades da educação básica, como garante o art. 208 da Constituição Federal (Brasil, 1998). Apesar da constante troca entre os povos, na escola o currículo não foi construído objetivando a integralização cultural entre eles; o que ocorre são ações pedagógicas separadas em uma ou outra comunidade. Não há, portanto, o diálogo entre elas, mas sobre elas e, geralmente, um diálogo apenas expositivo e não crítico, mediado por agentes da instituição escolar que não são oriundos dessas comunidades, o que corrobora para a continuidade da visão eurocêntrica que se tem dentro e fora dos muros da escola.

Observa-se, portanto, que, embora as fronteiras geográficas se amenizem, sobram as fronteiras culturais que não são discutidas e problematizadas, o que se costuma chamar de multiculturalismo. As diferentes culturas coexistem num mesmo espaço, mas não há um diálogo pacífico e integralizador entre elas. Este diálogo é o cenário ideal em todas as esferas e é também nas instituições de ensino, por estas serem lugares onde é proporcionada a ampliação dos conhecimentos objetivando a formação cidadã do estudante; no entanto, segundo Candau (*apud* Tavares; Gomes, 2018, p. 49):

> [...] a cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construídas fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um "problema" a resolver (Candau *apud* Tavares; Gomes, 2018, p.49).

Walsh (2009) apresenta a decolonialidade como uma ferramenta que possibilita visibilizar os mecanismos de poder e como estratégia para tentar construir relações de saber, ser, poder e da própria vida de modo distinto, pensando-se numa forma de conviver com todas as diferenças com respeito e sem hierarquias. Nesse sentido o conceito de interculturalidade é valoroso por este não ter sua origem na esfera acadêmica, e sim nas comunidades indígenas. Acerca da interculturalidade Walsh (2012) nos traz três perspectivas: relacional, funcional e crítica.

A perspectiva relacional refere-se ao contato e intercâmbio entre diferentes culturas, que podem acontecer em condições de igualdade ou não. Sob essa ótica a interculturalidade sempre existiu no continente americano porque sempre houve contato entre os povos, mas, por vezes, são ignorados os contextos de poder e dominação em que essas relações aconteceram. Walsh (2012) exemplifica essa perspectiva com o contato que sempre houve entre os povos indígenas e afro-descentes e é possível observar a naturalização da miscigenação sem o pensar criticamente sobre essa questão também nas instituições de

ensino, como é o caso da escola onde esta pesquisa foi aplicada, que vivencia esse contato entre indígenas e quilombolas, por essas atenderem a um público diversificado que é reflexo de sua comunidade, sem garantia ou políticas que promovam o diálogo, a interação e a integração entre as culturas.

A perspectiva funcional reconhece a diversidade cultural e as diferentes metas de inclusão dentro de uma estrutura social, mas, embora se procure promover o diálogo com as diferenças, não se trata das causas da assimetria, nem se questionam "as regras do jogo", como afirma Walsh (2012, p. 64), que reforça:

> [...] o reconhecimento e o respeito pela diversidade cultural torna-se uma nova estratégia de dominação, destinada não a criar sociedades mais equitativas e igualitárias, mas a controlar os conflitos étnicos e a preservar a estabilidade social, a fim de promover os imperativos econômicos do modelo (neoliberalizado) de acumulação capitalista, agora "incluindo" grupos historicamente excluídos no seu seio. Sem dúvida, a onda de reformas educacionais e constitucionais dos anos 90 - que reconhecem o caráter multiétnico e multilingue dos países e introduzem políticas específicas para os povos indígenas e afrodescendentes - fazem parte desta lógica multicultural - pronta e funcional; simplesmente acrescentam diferença ao sistema e modelo existentes (Walsh, 2012, p. 64 - tradução da autora).[3]

O modelo globalizado de civilização não busca transformar os historicamente excluídos, mas administrar a diversidade para que não haja maiores questionamentos. A interculturalidade funcional promove, portanto, o diálogo sobre as diferenças, mas tem como limite não discutir as causas dessa assimetria social e cultural.

É possível perceber na escola Lina Rodrigues que o interculturalismo relacional foi superado, pois já existem ações na escola que buscam promover o diálogo entre os indígenas Tabajara e a comunidade escolar. A exemplo dessas ações, ocorreu na escola, no dia 19/09/2022, o Projeto Dia C (Dia de Cooperar) que promoveu troca de saberes a partir da oficina *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola.* Nesta ação os indígenas Juscelino Tabajara e Tai Tuwixawa, da Aldeia Barra de Gramame em Conde/PB, ministraram palestras para a comunidade escolar sobre seus saberes ancestrais, tais como plantas nativas e seus usos medicinais e fitoterápicos, bioma da região e costumes do povo Tabajara como caça, pesca e

[3] No original: [...] el reconocimiento y respeto a la diversidad cultural se convierten en una nueva estrategia de dominación, la que apunta no a la creación de sociedades más equitativas e igualitarias, sino al control del conflicto étnico y la conservación de la estabilidad social con el fin de impulsar los imperativos económicos del modelo (neoliberalizado) de acumulación capitalista, ahora haciendo "incluir" los grupos históricamente excluidos a su interior. Sin duda, la ola de re-formas educativas y constitucionales de los 90 – las que reconocen el carácter multiétnico y plurilingüístico de los países e introducen políticas específicas para los pueblos indígenas y afrodescendientes –, son parte de esta lógica multiculturalista y funcional; simplemente añaden la diferencia al sistema y modelo existentes (Walsh, 2012, p. 64).

coleta de alimentos. Essa ação contou com a colaboração da professora pesquisadora deste trabalho que fez o convite aos indígenas Tabajara para ministrarem as palestras e auxiliou na organização do evento.

Figura 1 - Oficina *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola*

Fonte: arquivo da autora

No entanto, ainda que a ação tenha sido positiva no sentido de reconhecer a diversidade cultural entre os povos ao promover o diálogo sobre as diferenças, ocorrendo assim a interculturalidade funcional, ainda não foi suficiente para discutir a assimetria social existente que é proposta na interculturalidade crítica pretendida neste trabalho. É preciso, então, questionar as desigualdades sociais e, no contexto escolar, fazê-lo a partir do diálogo entre os protagonistas que foram subalternizados e sob suas próprias perspectivas e narrativas, ou seja, reconhecer que as diferenças foram construídas dentro de uma estrutura racializada e hierarquizada com os "brancos e branqueados em cima e os povos indígenas e afrodescendentes nos andares inferiores" (Walsh, 2009, p. 3) e a partir daí propor discussões para transformar essas estruturas, o que pode ser feito a partir da interculturalidade crítica.

A perspectiva crítica defende que o ponto de partida não é a problemática da diversidade ou da tolerância, ou da inclusão culturalista; ao contrário, como elucida Walsh (2012), vê-se que o problema central é a forma estrutural hierarquizada e racializada que se deu a partir do poder colonial. A interculturalidade crítica é, portanto, "um apelo de e para as pessoas que sofreram a subjugação e subalternização históricas, dos seus aliados e dos setores

que lutam, juntamente com eles, pela refundação social e descolonização, pela construção de outros mundos" (Walsh, 2012, p. 66 - tradução da autora).[4]

A interculturalidade crítica trata da questão partindo de quem está no lugar, historicamente, de subalternização. É desse lugar que a problematização da construção social, cultural e política hegemônica tem a possibilidade de se transformar a partir de novos olhares que surgem do próprio grupo. Para além de se pensar em uma transformação política, a interculturalidade crítica contribui também para os saberes outros, como o bem-viver e a própria existência, que foram cognitivamente negados aos povos no processo de colonização. É essa interculturalidade que propomos nesta pesquisa.

A invisibilidade do ser enquanto forma de conhecimento dos povos originários, que pode ser explicada a partir da dicotomia apropriação/violência ocorrida nos territórios coloniais (desse lado da linha abissal), se deu, segundo Santos (2007), pelo fato de esse conhecimento não seguir nem os critérios científicos de verdade, nem os de conhecimentos reconhecidos como alternativos, como a filosofia e teologia, ficando de um lado da linha abissal[5] onde as práticas do viver indígena eram incompreendidas e vistas como mágicas ou idolátricas. Acerca dessa dicotomia, Santos (2007, p. 9) esclarece:

> [...] a apropriação envolve incorporação, cooptação e assimilação, enquanto a violência implica destruição física, material, cultural e humana. Na prática, é profunda a interligação entre apropriação e a violência. No domínio do conhecimento, a apropriação vai desde o uso de habitantes locais como guias[13] e de mitos e cerimónias locais como instrumentos de conversão, à pilhagem de conhecimentos indígenas sobre a biodiversidade, enquanto a violência é exercida através da proibição do uso das línguas próprias em espaços públicos, da adopção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de culto, e de todas as formas de discriminação cultural e racial. (Santos, 2007, p.9).

É preciso pensar em novos processos, práticas e estratégias de intervenção intelectual que possibilitem incluir, entre outras necessidades,

> [...] a revitalização, revalorização e aplicação dos saberes ancestrais, não como algo ligado a uma localidade e temporalidade do passado, mas como conhecimentos que têm contemporaneidade para criticamente ler o mundo, e para compreender, (re)aprender e atuar no presente (WALSH, 2009. p.25).

[4] No originial: "un llamamiento de y desde la gente que ha sufrido un histórico sometimiento y subalternización, de sus aliados, y de los sectores que luchan, conjunto con ellos, por la refundación social y descolonización, por la construcción de mundos otros" (Walsh, 2012, p. 66).

[5] Boaventura traz o conceito de linhas abissais ao afirmar que existe uma fronteira que divide a realidade social de uma forma tão profunda capaz de fazer com que tudo o que fica do outro lado da linha permaneça invisível ou irrelevante sendo, portanto, a fundamental característica do pensamento abissal, a impossibilidade de co-presença dos dois lados da linha (Santos, 2007).

A interculturalidade crítica e a decolonialidade se entrelaçam no seu conceito e fazem "questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir" (Walsh, 2009, p. 25) ao acontecerem, por exemplo, na observação das narrativas dos povos originários contadas a partir do próprio povo, "dando voz a sujeitos e lutas a partir do reconhecimento da validade desses saberes nascidos nas lutas" (Santos, 2018, p. 18).

Compreender os conceitos de interculturalidades nos ajuda a entender a urgência da mudança de paradigmas relacionais e funcionais para, através da interculturalidade crítica, obtermos êxito em uma pedagogia decolonial. Na seção seguinte discutiremos o conceito do que são narrativas para pensarmos em como as memórias dos sujeitos guardam os saberes ancestrais que são passados para outros povos e gerações observando como ouvir a voz dos historicamente subalternizados tem potencial modificador na visão eurocentrada da sociedade.

Reconhecer o pensamento colonial eurocentrado que ainda existe na escola é um objetivo específico deste trabalho e sua aplicação ocorreu a partir do trabalho em sala de aula na escola onde esta pesquisa foi aplicada ao serem trabalhadas as narrativas do povo originário da região, os Tabajara. Os dois questionários também contribuíram nesse reconhecimento, pois os estudantes puderam comparar as respostas de antes e depois da visita. Essa observação consta no capítulo da análise dos dados. Como esta pesquisa foi aplicada nas aulas de Língua Portuguesa (LP) de uma turma de 6º ano, nos concentramos em discutir maneiras de o trabalho acontecer por meio da tipologia textual narrativa, visando cumprir o que sugere a BNCC, conforme será detalhado na seção 2.3.

2.2 Sujeitos e Narrativas Tabajara na desconstrução do Mito Colonial

Numa sociedade como a do Brasil, formada a partir da colonização e da escravização, as memórias foram forjadas ao esquecimento através do impedimento das narrativas feitas pelos povos originários, considerados subalternos. Em seu lugar, a narrativa colonial vigorou por séculos, como é o caso dos escritos feitos sobre os povos originários da Paraíba (Potiguara, Cariri, Tabajara), escritos esses que são derivados de uma herança colonizatória que, segundo Souza (2020), de certa forma inibiram a verdadeira situação pela qual os povos foram obrigados a passar, desde o genocídio[6] ao etnocídio.

[6] A palavra 'genocídio' foi criada em 1943 pelo advogado polonês Raphael Lemkin. Em 1948, a Onu reconheceu e aprovou a convenção sobre o genocídio e o vocábulo passa a ter uma aceitação internacional. Fonte: SEMELIN, J. (2005). What is Genocide? European Review of History: Revue européenne d'histoire, 12(1), 81-89.

As narrativas, assim como os lugares da memória, segundo Delgado (2003, p. 21), são "instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições". Para o Povo Tabajara, houve o silenciamento por mais de um século de suas narrativas e a memória foi preservada a partir das práticas do dia a dia como pesca e coleta de alimentos e a contação das histórias entre o próprio povo, como relata Souza (2020):

> Lembro-me de quando criança, sair para pescar com meu pai na boca da Barra do rio Gramame. Antes dos oito anos eu não podia ir pois era muito pequeno e como ele naquela época subia rio acima dando lances de tarrafa, não queria que eu fosse, pois, sendo criança ainda não tinha tanta destreza. Logo depois de aproximadamente oito anos, comecei a acompanhá-lo nas pescas à noite, em que o meu trabalho era segurar o samburá. Naquelas idas a serviço com meu pai (Cacique Carlos), ele me contava algumas histórias de situações que aconteceram com ele, ou com alguém, referente a seres espirituais, e situações sobrenaturais que aconteceram no ambiente da boca da Barra, como também nas muitíssimas voltas que compõem o Rio Gramame. (Souza, 2020, p. 16-17).

Foi através dessas atividades do cotidiano e das narrativas que a história e a memória foram preservadas mesmo diante da tentativa de seu apagamento. É preciso, então, dar espaço para que as narrativas dos povos originários sejam conhecidas e reconhecidas e a história possa ser contada, desta vez, por quem estava do outro lado da linha abissal. Mas, afinal, o que são narrativas?

As narrativas são traduções, segundo Delgado (2003), dos registros de experiências já vividas por uma pessoa ou por um coletivo e que, por muitas vezes, relatam o poder de transformação. Para esse autor a temporalidade é um importante aspecto para se analisar o passado, servindo para orientar o ser humano a localizar-se no que ele define como a dinâmica temporal em que está integrado e elucida que reconhecer a temporalidade ajuda a encontrar valores, culturas e modos de vida em sua pluralidade. Esse reconhecimento, segundo Turner (1991), será percebido através de um foco temporal, ou seja, quando o agente reconhece a história através de uma projeção temporal. O fator espacial também é importante, pois, ainda que o tempo modifique as referências espaciais, as memórias auxiliam na preservação histórica das localidades (Delgado, 2003).

Um dos objetivos específicos deste trabalho é ter contato com as narrativas locais, temporais e situacionais através das narrativas míticas indígenas Tabajara. Utilizamos os conceitos de temporalidade - narrativas temporais (observando em que tempo as narrativas míticas aconteceram) e espacialidade - narrativas locais (em quais espaços do município as histórias aconteceram) e observamos ainda a relação do texto e de quem o produz com o contexto de situação comunicativa que, segundo Koch e Travaglia (1992), dependem de uma

multiplicidade de fatores como a cultura e a interação para que seja possível apreender seu sentido.

As narrativas podem ter sua forma de registro oral ou escrita. Nesta pesquisa consideramos ambas de grande relevância para a transmissão de saberes geracionais, cada uma com suas especificidades, que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem e, numa dimensão macro, a desconstrução de uma visão eurocentrada de povo.

Van Dijk (1975) defende que a estrutura semântica é indispensável para se analisar as narrativas morfológica e sintaticamente ao afirmar que as capacidades de recordação e reconhecimento dos enunciados são direcionadas pela estrutura semântica. É baseado nessa afirmativa que se consegue explicar por que as pessoas são capazes de contar a mesma história – em seu sentido, mas não são capazes de repetir uma estrutura sintática mais longa. De acordo com o autor

> Descobriu-se que na produção de histórias, por exemplo, os sujeitos selecionam certas preposições e/ou combinam as informações de várias proposições em uma única proposição, e que as proposições selecionadas e resultantes são armazenadas na memória, lembradas e servem como pistas de reconhecimento para as proposições ou sentenças originais da história (Van Dijk, 1975, p. 549 - tradução da autora).[7]

O que o autor define como teoria empírica na narração abarca a questão de como contamos e o que lemos e interpretamos das histórias. São, portanto, as estruturas cognitivas descritas que levam em conta fatores culturais e situacionais que ampliam o conhecimento do falante e espelham a forma como ele compreende o mundo e os significados das palavras diante de uma macroestrutura semântica narrativa. As histórias são contadas levando-se em consideração, com elucida Turner (1996), questões espaciais, capacidades motoras e sensoriais (visão, audição, tato, olfato, paladar) e outras submodalidades que percorrem essas questões.

Abrir caminhos para que os povos indígenas (os atores) contem, eles mesmos, suas próprias histórias (os movimentos) a partir de narrativas oportuniza que eles selecionem as estruturas cognitivas (o que, como e por que contar) através de quadros de referências situacionais de suas próprias memórias e histórias (ponto de vista/ foco) para que sejam preservadas suas identidades e tradições (Turner, 1996).

[7] It has been found that in reproducing stories, for example, subjects select certain propositions and/or combine the information from various propositions into one proposition, and that the selected and resulting propositions are stored in memory, recalled, and serve as recognition cues for the original propositions or sentences of the story (Van Dijk, 1975, p. 549).

Esse direito é garantido através de documentos oficiais como a Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. As Diretrizes Curriculares Nacionais, através da portaria CNE/CEB nº 4/2010, estabeleceram as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Ainda, na Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu artigo 78, consta como papel da União, em colaboração com as agências de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas. Ainda em seu artigo 79, a LDB (Brasil, 1996) define como competência da União, apoiar técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da Educação Escolar Indígena, por meio de programas integrados de ensino e pesquisa, visando:

> I – fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;
> II – manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
> III – desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
> IV – elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado. (BRASIL, 1996).

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), alinhada às referidas leis e diretrizes, assegura competências específicas baseadas nos princípios da "coletividade, reciprocidade, integralidade, espiritualidade e alteridade indígena, a serem desenvolvidas a partir de suas culturas tradicionais reconhecidas nos currículos dos sistemas de ensino" por meio de uma perspectiva intercultural em que os valores cosmológicos sejam considerados (Brasil, 2017, p. 17). Em Língua Portuguesa, disciplina foco de aplicação desta pesquisa, esse trabalho pode ser desenvolvido na habilidade EF67LP28, única habilidade prevista nos anos finais do ensino fundamental nessa disciplina em que é mencionada a terminologia *indígena.*

> (EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2017, p. 169).

A Proposta Curricular do Estado da Paraíba prevê a educação indígena como parte diversificada do currículo e garante o desenvolvimento das competências gerais da BNCC. Também indica o trabalho com a habilidade EF67LP28, mas não trata especificamente do estudo das etnias originárias do Estado da Paraíba, nem, consequentemente, de suas narrativas O mesmo ocorre no currículo do município de Conde/PB, que prevê o trabalho com a habilidade EF67LP28 nos 6º e 7º anos em Língua Portuguesa, mas não prevê esse trabalho com a etnia Tabajara, originária do município. Com esse levantamento é possível perceber que os documentos encaminham para um trabalho intercultural, como prevê a BNCC, mas essa interculturalidade ainda é funcional, pois compreende a existência das diversas culturas e estimula a troca de conhecimentos entre elas, mas ainda não problematiza as raízes das assimetrias sociais que existem, por exemplo, entre os indígenas Tabajara e os não indígenas do município de Conde. É preciso, portanto, inserir nesses currículos os estudos das etnias originárias das regiões, o que implica conhecer suas narrativas, para que o trabalho seja feito, para além de um tema transversal que se distancia da comunidade, um tema local que busca reconhecer as diversas culturas e a forma como elas foram historicamente dispostas até chegar ao modelo contemporâneo e decolonizá-lo. No contexto escolar essas narrativas podem ser trabalhadas, em Língua Portuguesa, a partir da tipologia narrativa.

Nas narrativas orais são utilizados alguns recursos como a entonação, a escolha do momento e duração das pausas e retomadas, as trocas de olhares e a interação imediata com o interlocutor (DELGADO, 2003). Tais recursos não são possíveis nas narrativas escritas, particularmente pela ausência imediata do interlocutor como coautor do texto, mas outros são utilizados como as escolhas sintáticas e morfológicas que auxiliam na produção do efeito de sentido pretendido. Sobre isso (MARCUSCHI, 2010, p. 75) indica nove operações para o processo de retextualização do oral para o escrito, a saber: estratégia de eliminação baseada na idealização linguística; estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia; estratégia de eliminação para uma condensação linguística; estratégia de inserção; estratégia de reformulação objetivando explicitude; estratégia de reconstrução em função da norma escrita; estratégia de substituição visando a uma maior formalidade; estratégia de estruturação argumentativa e estratégia de condensação. Para esta pesquisa foram utilizadas as nove estratégias propostas por Marcuschi ao retextualizarmos as narrativas míticas contadas pelo Cacique Carlinhos, no entanto, não nos lançamos a detalhar as formas de utilização das nove operações neste estudo e como elas aconteceram no processo de retextualização realizado pela professora pesquisadora, pois nosso foco não é a análise da retextualização das narrativas míticas indígena Tabajara coletadas, mas a importância do trabalho com estas na

escola para se efetivar uma pedagogia decolonial. Na seção seguinte iremos observar quais características são seguidas para que um texto seja tipificado como narrativo, em especial pertencente ao gênero textual lendas indígenas, e a importância do trabalho com esse gênero na decolonialidade do saber proposto nesta pesquisa.

2.3 Tipologia Textual Narrativa

Nas aulas de Língua Portuguesa, com enfoque nos anos finais do Ensino Fundamental, por ser o campo de aplicação desta pesquisa, é possível trabalhar as narrativas orais e escritas através da Tipologia Textual Narrativa. Travaglia (2007, p. 39) traz cinco critérios para que um texto seja denominado narrativo: a) o conteúdo; b) a estrutura composicional; c) os objetivos e funções sociocomunicativas da categoria; d) as características da superfície lingüística, geralmente em correlação com outros parâmetros; e) elementos que podem ser atribuídos às condições de produção da categoria de texto.

Lacerda (2015) define o gênero textual lenda como sendo histórias que surgem da imaginação coletiva de um povo, sendo criadas e transmitidas de forma oral. Essas criações populares expressam as incertezas, medos e fantasias desses grupos através de suas narrativas que, dependendo da intenção, traz em seu bojo aspectos como problemas universais: criação da terra, surgimento de seres sobrenaturais. Embora o termo lenda, como elucida Thiél (2013) seja um gênero literário ocidental e nossa proposta é decolonizar o currículo, neste trabalho pensamos nas narrativas míticas produzidos pelos Tabajara como sendo lendas para que esteja alinhado ao proposto pela BNCC, haja visto que no corpo do texto desse documento não é referenciado a terminologia narrativas míticas.

A lenda a seguir, intitulada *A Cidade Encantada,* foi coletada no primeiro momento desta pesquisa e a utilizamos para ilustrar o plano composicional da tipologia narrativa:

A Cidade Encantada[8]

O Povo Tabajara conta que há um tempo havia um caboclo da região que namorava uma bela moça do Gurugi. Certa noite, esse caboclo saiu de Mituaçu e foi visitar sua

[8] História contada pelo Cacique Carlinhos, liderança indígena Tabajara da Aldeia Barra de Gramame, localizada em Conde-PB.

namorada e, para isso, precisou atravessar uma mata que ficava entre Paripe e Gurugi, e assim o fez.

O caboclo caminhava distraído quando chegou em um vilarejo e achou estranho, pois nunca tinha passado por aquele lugar antes. Era um vilarejo muito iluminado, repleto de lamparinas por todos os lugares, o que lhe causou muita surpresa, pois na época a iluminação era pouca, já que as luzes usadas eram apenas de candeeiro. O povo desse vilarejo também parecia de outra época, pois eram muito brancos e se vestiam com roupas muito diferentes das que o povo da região costumava usar.

Mesmo desconhecendo o lugar, o caboclo encantado com tudo o que via foi caminhando pelo vilarejo. Os tabuleiros tinham frutas muito bonitas. Resolveu comprar 5 laranjas do céu para levar para sua namorada e ao tentar pagar o dono do tabuleiro disse que ali não aceitavam dinheiro e que ele podia levar as laranjas sem pagar por elas. O caboclo então pegou as laranjas, agradeceu e seguiu caminhando. Mais na frente parou numa bodega para limpar a garganta com uma bebida e fumar um cigarro e mais uma vez ao tentar pagar, não aceitaram seu dinheiro.

O caboclo então seguiu seu caminho pela cidade com as laranjas para a casa de sua namorada. Já chegando no fim da rua, quando se virou para trás, todas as luzes se apagaram. Ele percebeu que estava dentro da mata. Magicamente aquele vilarejo havia desaparecido.

O caboclo não conseguia explicar o que havia acontecido e não havia sinais desse vilarejo. Era uma cidade encantada. Ao chegar em Gurugi contou essa história para todos de lá e até hoje se fala dessa cidade.

O primeiro critério apontado por Travaglia refere-se ao conteúdo temático que caracteriza o que se espera encontrar dito num texto de determinado tipo. O autor destaca que no tipo narrativo os conteúdos temáticos são caracterizados por acontecimentos organizados em episódios em que são descritos tempo, lugar, personagens e os acontecimentos – para as histórias - de forma encadeada que caminham para um desfecho. No texto que serve de exemplo, se vê já na introdução a descrição do tempo (há um tempo - passado), lugar (região entre Gurugi, Paripe e Mituaçu), personagens (o caboclo, a moça e mais adiante no texto as pessoas do vilarejo) e os acontecimentos (o vilarejo abrindo-se misteriosamente no meio da mata) caminhando para o desfecho de o caboclo não ter conseguido pagar pelo que consumiu, o vilarejo ter desaparecido e ele não conseguir explicar como aquilo havia acontecido, deixando um mistério no ar.

O segundo critério é a estrutura composicional, que tem como estrutura geral o esquema introdução, que no texto exemplificado vem com um resumo do que será apresentado contendo informações como personagens, tempo e espaço já mencionados no parágrafo anterior; orientação, que no texto apresenta-se no que precisou acontecer até que o caboclo encontrasse a cidade encantada; trama - o que aconteceu na cidade, as pessoas não aceitarem seu dinheiro, serem diferentes dele e por fim a cidade desaparecer - comentários, que no texto apresenta-se na própria ênfase de não se ter explicação racional para o que havia acontecido; e epílogo, que é a conclusão daquela cidade ser encantada. Travaglia (2007) destaca que, a depender do gênero, essa estrutura composicional pode ser realizada de modo diferente.

O terceiro critério utilizado são os objetivos e funções sociocomunicativas. Um texto narrativo tem como objetivo contar, dizer os fatos, os acontecimentos, as ações. No texto *A Cidade Encantada,* o objetivo é contar como surgiu a lenda dessa cidade que apareceu e desapareceu misteriosamente no meio da mata e que até hoje desperta a curiosidade dos moradores da região. Ao contar essa história, o Cacique ressalta alguns costumes que o povo Tabajara tinha naquela época como, por exemplo, o de caminhar longos trechos pela falta de transporte daquele tempo, o contato com a mata, andando por entre as trilhas que ainda são conhecidas pelo povo, costumes como fumar e beber que ainda existe entre o povo. Ressalta ainda os nomes das localidades para evidenciar que o povo Tabajara tem o contato antigo com a região. São contados, portanto, os costumes e tradições antigas do povo pelo povo (interculturalidade crítica) e os estudantes, ao ouvirem/lerem a história, poderão observar a existência de outra cultura diferente da sua, mas que coexiste no mesmo território. Ao aplicar essa prática pedagógica decolonial, o objetivo é proporcionar que esses agentes com diferentes culturas e que compartilham de um mesmo território, se reconheçam.

O quarto critério que define um texto narrativo são as características da superfície linguística. O uso de verbos gramaticais de tempo é o primeiro destacado por Travaglia. Pode-se perceber ao longo do texto utilizado como exemplo o uso de verbos majoritariamente no pretérito - ora no pretérito perfeito quando a intenção é indicar que a ação conseguiu ser completamente concluída pelo caboclo, ora no pretérito imperfeito quando se quer indicar que o caboclo não havia finalizado a ação - algumas vezes no particípio. Observe o quarto parágrafo:

> O caboclo então seguiu seu caminho pela cidade com as laranjas para a casa de sua namorada. Já chegando no fim da rua, quando se virou para trás, todas

> as luzes se apagaram. Ele percebeu que estava dentro da mata. Magicamente aquele vilarejo havia desaparecido.

Nesse mesmo trecho é possível perceber a segunda característica da superfície destacada por Travaglia, os verbos dinâmicos, que são os verbos que exprimem a ideia de ações, fatos e fenômenos transformativos, como o verbo *seguir* que indica o movimento de continuar andando feito pelo caboclo.

A quinta característica são os verbos enunciativos de contar e assistir, já que o produtor é quem conta a história e o receptor é o assistente dos episódios. São verbos como ver, presenciar, contar, falar, ocorrer, etc. É possível observar essa característica já no começo do texto que serve de exemplo, no qual o povo Tabajara é quem vem relatar a história.

> O Povo Tabajara conta que há um tempo havia um caboclo da região que namorava uma bela moça do Gurugi.

A sexta característica é a forma como a narração ocorre no texto. Num texto do tipo narrativo são possíveis três aspectos de duração: durativo (compondo a totalidade ou maior parte do texto), iterativo (mesclando entre falas de personagens e narração) e pontual (aparecendo de forma pontual no texto). No texto *A Cidade Encantada* tem-se narração do tipo durativa, onde o texto está completamente narrado por um narrador-observador.

Tem-se também a característica certeza e a probabilidade, pois são esses textos que fazem com que os acontecimentos sejam conhecidos. Ao tratar de narrativas míticas indígenas, os discursos dos textos são desvinculados de um discurso histórico ou verdadeiro e assumem uma função religiosa. O termo "encantado" é utilizado pelo povo Tabajara como uma força divina que pode ser humana, como um antepassado ou uma força da natureza que se materializa, oferecendo um verdadeiro saber e não apenas entretenimento. Para Thiél (2013) o mito não é uma construção ficcional, mas uma construção social.

Há ainda a relação entre o tempo referencial e o tempo da enunciação que determina o tempo atual da narração. Observando o último parágrafo do texto, é possível se perceber que, embora a narração dos acontecimentos vividos pelo caboclo ocorram no passado, a história ainda é contada no presente pelas pessoas da região, bem como pelo narrador.

> O caboclo não conseguia explicar o que havia acontecido e não havia sinais desse vilarejo. Era uma cidade encantada. Ao chegar em Gurugi contou essa história para todos de lá e até hoje se fala dessa cidade.

O último critério apontado por Travaglia (2007) são as condições de produção, que se referem a quem produz (que pode ser um indivíduo ou a comunidade discursiva, esta última sendo importante na caracterização dos gêneros textuais que são os que circulam e funcionam na esfera social); para quem (quais os interlocutores desse discurso); onde e quando (em que tempo e espaço o discurso é produzido e ainda, lido); com qual objetivo (qual a finalidade se tem ao produzir o discurso); em qual suporte (o espaço-objeto que porta o texto, ou seja, onde ele se materializa) etc.

No texto *A Cidade Encantada,* a produção, embora tenha sido materializada em forma de narrativa oral pelo Cacique Carlinhos, é fruto do conhecimento social da comunidade, passado de geração para geração através do tempo para todos os interlocutores, também da comunidade ou de fora dela. Se passa na própria região onde a comunidade está inserida e num tempo passado, mas lida num tempo presente com a finalidade de transmitir os conhecimentos ancestrais de costumes e de lugares, preservando a memória do povo, num suporte que parte do oral, da conversação e se estende para o escrito para circular ainda na própria comunidade e também na escola e em outras esferas sociais onde for possível sua circulação.

É esse conjunto de critérios, e em especial as condições de produção, que indica a que gênero textual um texto melhor se enquadra de acordo com a sua finalidade sociodiscursiva.

Temos, portanto, narrativas míticas Tabajara que trazem memória cultural e identitária e que possuem uma finalidade, que é a de preservar as tradições desse povo. As narrativas míticas podem ser retextualizadas do formato oral para o escrito com as estratégias discursivas adequadas como, por exemplo, utilizando os cinco critérios de Travaglia (2007) e serem trabalhadas (nos dois formatos) nas aulas de LP. Observamos que os textos retextualizados neste trabalho se enquadram no gênero textual Lendas Indígenas por possuírem essa finalidade e trazerem as características que geralmente são percebidas nesse gênero como, por exemplo, sua origem ser de tradição oral, possuir "a consciência de uma continuidade ou de uma permanência de um saber ancestral" (Thiél, 2013, p. 1182), tratar de acontecimentos sobrenaturais, possuir elementos misteriosos, etc. Além disso, é importante alinhar os textos como sugere a BNCC para os 6º e 7º anos na habilidade EF67LP28 disposta no Campo Artístico-Literário, no eixo Leitura, que cita especificamente a relevância do trabalho com as lendas indígenas brasileiras.

Embora a habilidade se encontre apenas no eixo Leitura, é valoroso o seu trabalho nos demais eixos - Oralidade, Produção de Textos e Análise Linguística/Semiótica –, pois cada

eixo visa desenvolver competências específicas. Esta pesquisa focaliza apenas os eixos Oralidade e Leitura/Interpretação, pois o tempo pedagógico disponível para o trabalho com essa temática não foi suficiente para se trabalhar os demais eixos, haja vista que na escola onde a pesquisa está sendo desenvolvida já havia outras atividades pedagógicas previstas no calendário escolar.

Destacamos a necessidade de adaptar a linguagem para o público-alvo conforme as experiências e repertórios de cada grupo que interpreta o texto. No caso desta pesquisa, a retextualização foi feita levando-se em consideração que o público-alvo para o trabalho pedagógico seria feito com alunos de 11 e 12 anos, em sua maioria, ou seja, o público infanto-juvenil; portanto, os elementos lúdicos foram trabalhados com atenção visando estimular o imaginário dos estudantes. Buscamos elaborar perguntas que não tivessem mais de uma interpretação possível e utilizando palavras de conhecimento dos estudantes, com exceção do termo "etnia", que foi utilizado propositalmente para que os estudantes tivessem o contato com essa terminologia. A escolha dessa linguagem ocorreu pois alguns dos alunos e alunas participantes ainda apresentam dificuldade na leitura e interpretação de textos por terem passado os anos de 2020 e 2021 com aulas remotas em decorrência da pandemia da COVID-19. Estes estudantes estavam no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais e ainda estavam consolidando as habilidades leitoras e os anos afastados da sala de aula, somado à carência de recursos tecnológicos que estes possuíam, prejudicou tal consolidação, sendo o ano letivo de 2022 o ano de efetiva volta às aulas presenciais e, para muitos, de retomada efetiva dos estudos.

Por último, destacamos que a retextualização dos textos ocorreu levando-se sempre em consideração as intenções do locutor, que é o representante de um povo, para que os textos fossem o mais fiel possível da intenção discursiva do Cacique Carlinhos. Ao longo das entrevistas, o Cacique sempre expressou a importância de identificar nos textos os locais e tempos onde as histórias ocorreram para que os estudantes pudessem identificar que as histórias eram passadas na mesma região onde os estudantes vivem e frequentam e, assim, atribuir contemporaneidade à leitura das lendas.

2.4 Interdisciplinaridade e Linguística Aplicada

O percurso teórico que é apontado, desde a concepção do que são narrativas e da potencialidade dessas enquanto ferramenta de preservação da memória de um povo até a forma de inseri-las na educação básica alinhada ao que orientam os documentos oficiais nas

aulas de Língua Portuguesa, teria menor eficácia, ao nosso ver, se não fosse trabalhado de forma interdisciplinar para o nosso objetivo de propor uma pedagogia decolonial.

Para ser decolonial, além, e principalmente, de abrirmos espaço para ouvir e ler as narrativas contadas pelo povo Tabajara, precisamos que seja contada sua história, seus rituais, suas tradições, sua luta, e a disciplina de Língua Portuguesa pode oferecer uma grande contribuição mas, sozinha, não dá conta de trabalhar com a profundidade necessária esses aspectos tão importantes. Acerca disso, Moita Lopes (2009, p. 16) endossa que "nenhuma área do conhecimento pode dar conta da teorização necessária para compreender os processos envolvidos nas ações de ensinar/aprender línguas em sala de aula devido a sua complexidade" (Moita Lopes, 2009, p. 16).

O trabalho interdisciplinar, ao propor superar o parcelamento do saber, auxilia na reflexão sobre a construção da identidade, nesse caso não apenas a identidade do povo Tabajara como também as próprias identidades dos estudantes. Para Fazenda (1994, p.16) "os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações". A interdisciplinaridade, por outro lado, tenta o diálogo com outras formas de conhecimento para enriquecer a relação com o outro e com o mundo.

Para que o trabalho interdisciplinar possa acontecer, os educadores precisam estar dispostos a trabalhar juntos pensando numa mesma direção onde causa e intenção coincidam. Na disciplina de Língua Portuguesa essa prática é possível através da Linguística Aplicada (LA), que permite expandir os tópicos de investigação sobre os assuntos.

A LA, ao reconhecer a linguagem como instrumento de interação social, auxilia nas dificuldades que surgem nas práticas de sala de aula que podem ser resolvidas por meio da linguagem. O interesse para a resolução desses problemas passa a ser a situação cultural, institucional e histórica que é discutida pelo discurso e interação. Para Moita Lopes (2006) essa percepção é incorporada à LA por esta ter um olhar interdisciplinar. Assim, pelo prisma da interdisciplinaridade pregada pela Linguística Aplicada as questões culturais podem auxiliar o ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa. Nessa perspectiva, aproximamos a dinâmica da Linguística Aplicada da versatilidade dos Estudos Culturais. Com essa perspectiva de quebra de fronteiras, ressaltamos as diferenças e a valorização da cultura como parte fundamental do ensino de língua materna.

Nesta pesquisa o trabalho interdisciplinar aconteceu com a colaboração entres os professores e das disciplinas de história, ensino religioso, artes e língua portuguesa e sua organização será melhor detalhada no capítulo a seguir que demonstrará o percurso metodológico utilizado na pesquisa.

3. METODOLOGIA

Neste estudo foi utilizada uma pesquisa aplicada, com objetivos específicos de: (a) ter contato com as narrativas locais, temporais e situacionais através das lendas indígenas Tabajara; (b) reconhecer o pensamento colonial eurocentrado que ainda existe na escola; (c) refletir sobre novas práticas pedagógicas que visem decolonializar os saberes e d) contribuir nas aulas de língua portuguesa com a integralização das culturas no ambiente escolar. O objetivo geral deste trabalho é reconhecer/compreender o potencial das narrativas Tabajara para a construção de um currículo escolar decolonial.

A abordagem de análise qualitativa possibilita a observação de fenômenos sociais que acontecem em determinado contexto através da relação mundo e sujeito, o que não seria possível numa abordagem quantitativa nesta pesquisa, pois nosso objetivo não é quantificar os fenômenos. Por esse motivo utilizou-se a abordagem qualitativa e sua aplicação se deu com procedimentos de pesquisa-ação triangular, que se refere à utilização de mais de um método de coleta de dados para garantir a confiabilidade e credibilidade dos dados da pesquisa (Paiva, 2019), objetivando superar as limitações de um único método (Flick, 2009). Para tanto, nesta pesquisa foram combinados os métodos de entrevista, questionário, aula de campo e observação de todos os métodos citados através da vivência prática na aldeia e no fazer pedagógico por meio de registros em gravação de áudio, filmagens e fotografias. Para que fosse possível organizar os vários métodos de observação citados se pensando em sua aplicação em sala de aula, dois momentos metodológicos foram planejados. O primeiro momento foi o da metodologia da contextualização seguindo Andrade e Sartori (2018).

A metodologia da contextualização oportuniza ao estudante que este trabalhe com problemas de sua realidade social e o coloca no centro do seu processo de aprendizagem. Com essa metodologia buscamos organizar a sequência e aplicação adequada de cada método, que será detalhado na próxima seção, para aplicar no segundo momento a metodologia da intervenção, no qual fazemos uma análise comparativa das respostas dos alunos, identificando os conhecimentos sobre a etnia Tabajara antes e depois da visita a campo, e discutimos propostas que visem diminuir sistematicamente a linha abissal para que a decolonialidade do saber seja efetivada, como a inserção do estudo das lendas indígenas Tabajara no Currículo de Língua Portuguesa do Município de Conde/PB.

3.1 Metodologia da Contextualização: descrição dos métodos

Para a Metodologia da Contextualização, foi utilizada a triangulação que aconteceu por meio de quatro métodos: entrevista não estruturada, questionário aberto, aula de campo e o método de observação (das imagens, filmagens, gravações em áudio) que foram aplicados em quatro momentos feitos entre os dias 02/09/2022 ao dia 13/10/2022 e que são mais bem detalhados na seção 3.2. Esse período foi escolhido visando alinhar as demandas de projetos da escola onde os questionários foram aplicados, bem como do planejamento pedagógico mensal da professora pesquisadora, do calendário escolar da Secretaria de Educação do município e da agenda dos indígenas Tabajara. Observamos que era necessário fazer a aproximação da comunidade escolar com a aldeia para que a interculturalidade crítica pudesse ser efetivada e que isso poderia ser realizado através da parceria entre ambos, que foi firmada desde o primeiro momento da pesquisa. Os três principais métodos utilizados, como mencionado antes, foram a entrevista não estruturada, o questionário aberto e a aula de campo.

Na entrevista não estruturada, é possibilitada ao entrevistado a liberdade de decidir pela construção de sua resposta. Essa flexibilização "possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores" (Laville; Dione, 1999, p. 189). Segundo esses autores, há projetos em que o pesquisador, para desembaraçar o conjunto de forças sociais, seleciona um determinado número de temas que conduzirão o entrevistado a falar sobre seus sentimentos, suas convicções e suas experiências de forma espontânea e pessoal, auxiliando para uma qualidade única de observação. Foi observado que, dadas as especificidades deste trabalho, que tem como objetivo decolonizar os saberes através da interculturalidade crítica, oportunizar que o entrevistado, o Cacique Carlinhos, ficasse à vontade para contar a história do seu povo escolhendo o que falar e na sequência que acreditasse ser mais apropriada seria de grande relevância para que fosse possível atingir tal objetivo.

Foi utilizado o método do questionário aberto, que é composto "de questões cuja formulação e ordem são uniformizadas, mas para as quais não se oferecem opções de respostas" (Laville; Dione, 1999, p. 186). Nesse tipo de questionário, é oferecido ao entrevistado um espaço para emitir sua opinião com suas próprias palavras, o que possibilita ao pesquisador uma observação mais detalhada do conhecimento do entrevistado. Nesta pesquisa o questionário aberto foi aplicado na turma do 6º ano regida pela professora

pesquisadora e o objetivo foi fazer um levantamento dos conhecimentos prévios que os estudantes tinham sobre a etnia Tabajara e suas lendas por meio do Questionário 1 e o que havia mudado ou permanecido de conhecimento após a aula de campo no Questionário 2. A partir desse comparativo acontecerá a reflexão das propostas de intervenção. Ambos questionários são detalhados na seção 3.2.

A aula de campo, mais um importante recurso metodológico, foi utilizada para proporcionar ao estudante o contato com novos ambientes além do escolar, sendo possível a observação direta de outras realidades e, com isso, a ampliação de seus conhecimentos críticos sobre a temática trabalhada. No caso desta pesquisa, foi importante a aula de campo para que muitos estudantes tivessem o primeiro contato com a etnia Tabajara, pudessem observar seu bem-viver e pudessem ter contato com as narrativas do povo contadas primeiramente pelo próprio povo para que a interculturalidade crítica proposta por Walsh (2012) fosse efetivada.

O método de observação, que também foi utilizado nesta pesquisa, segundo Laville e Dione (1999), tem um importante papel na construção dos saberes, pois é a partir dela que nos situamos, orientamos nossos caminhos, reconhecemos pessoas e emitimos juízo sobre elas. Esse método auxiliou nas reflexões feitas sobre as práticas do bem-viver Tabajara, desde o processo de colonização que sofreram com o silenciamento de sua cultura até o processo de retomada no início do século XXI, e como este processo pode ser efetivado também nas instituições de ensino da região onde a etnia está localizada. Para qualificarmos nossas observações como ciência neste trabalho, tomamos como foco nossos objetivos geral e específicos e mesclamos as observações estruturadas com os dois questionários aplicados na escola e observações não estruturadas como a entrevista não estruturada com o Cacique Carlinhos, a gravação em áudio dessa entrevista, as fotografias e filmagens feitas ao longo da aplicação da pesquisa. Buscamos minimizar os efeitos da observação participante nos procedimentos relacionados diretamente à aldeia como a entrevista com o Cacique, por isso a escolha de uma entrevista não estruturada, e a montagem do roteiro da aula de campo, para que o povo Tabajara fosse organizador e protagonista da ocasião, ainda que concordemos com Laville e Dione (1999) quando afirmam que o observador tem certa influência sobre as situações e pessoas observadas, pois “inevitavelmente, sua presença modifica essa situação e pode afetar o comportamento dos atores” (Laville; Dione, 1999, p. 181).

Na próxima seção contextualizamos como esses métodos foram aplicados nesta pesquisa.

3.2 Metodologia da Contextualização: aplicação dos métodos

A aplicação dos métodos ocorreu em quatro momentos. O primeiro foi a coleta de dados por meio de entrevista não estruturada com o Cacique Carlinhos, a qual ocorreu no dia 02/09/2022 através de uma primeira visita à aldeia Barra de Gramame (Conde-PB). Nesse primeiro momento a professora pesquisadora encaminhou-se à aldeia para entrevistar a liderança Carlos Batista de Souza, cacique da aldeia Barra de Gramame, que é conhecido como Cacique Carlinhos pela comunidade e como Arapuã no movimento indígena. A entrevista ocorreu de forma não estruturada, foi direcionada pela temática "Histórias de vida do povo Tabajara" e foi registrada por meio de gravação em áudio utilizando o aparelho celular da professora pesquisadora, que possuía um aplicativo com essa finalidade para posterior consulta, transcrição e retextualização, essas realizadas pela própria professora pesquisadora. As narrativas produzidas pelo Cacique Carlinhos foram adaptadas do formato oral para o escrito como textos do gênero lendas indígenas para serem trabalhadas na escola nas aulas de Língua Portuguesa em consonância com o proposto na habilidade (EF67LP28) da BNCC, como indicado no capítulo anterior.

Escolheu-se o modelo não estruturado de entrevista por concordarmos com Flick (2009) que esse possibilita maior liberdade entre o entrevistador e o entrevistado, fazendo com que o Cacique ficasse mais à vontade para contar as histórias de vida dele e do seu povo. Dessa forma, a entrevista teve início com a chegada da entrevistadora à aldeia, sendo recebida pelo Cacique, sua esposa e a indígena Tai Tuwixawa, indígena da etnia Cariri que reside na aldeia Barra de Gramame. Ao todo, dez lendas foram adaptadas.

Figura 2 - Entrevista com o Cacique Carlinhos

Fonte: arquivo da autora

O segundo momento foi a aplicação do Questionário 1, elaborado e aplicado pela professora pesquisadora no dia 04/10/2022 com os 34 alunos do 6º ano A da E.M.E.F Professora Lina Rodrigues do Nascimento, localizada na região do Gurugi no município de Conde/PB. A data foi escolhida alinhada ao planejamento de aula da professora e num dia em que esta tinha duas aulas na turma, possibilitando um tempo maior para que os estudantes pudessem refletir sobre as questões propostas e responder a elas.

O Questionário 1, composto por dez perguntas abertas e uma extra onde foi solicitado que os estudantes fizessem um desenho de como eles imaginavam ser uma aldeia indígena, foi formulado de acordo com o que sugere Gil (1999) e será detalhado mais adiante.

> a) as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
> b) deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação;
> c) a pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
> d) a pergunta não deve sugerir respostas;
> e) as perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez (GIL, 1999, p.132).

As perguntas deste questionário foram elaboradas a partir da necessidade de se descobrir o que os estudantes já conheciam sobre a etnia Tabajara. Para isso, foi traçada uma sequência de perguntas que iniciavam com duas interrogativas mais generalizadas:

1. *Que tipo de história você gosta?* ***2.*** *Quais são seus personagens favoritos?*

O interesse nessas duas perguntas estava em saber com quais gêneros textuais predominantemente narrativos os estudantes já tinham contato (pergunta 1) e quais os personagens habitam o imaginário dos estudantes (pergunta 2). O objetivo dessas perguntas era identificar quais as preferências e informações que esses estudantes possuíam.

A terceira pergunta do questionário visou identificar se os estudantes já haviam tido contato com o gênero textual lendas. Nessa pergunta optou-se por não questionar ainda o que eram lendas indígenas para que eles pensassem primeiro no conceito geral do que são lendas e não serem influenciados pela terminologia “indígena”.

3. *Você sabe o que são lendas?*

As perguntas quatro, cinco e seis direcionaram os estudantes a pensar e responder sobre o gênero textual lendas indígenas. O objetivo dessas perguntas era saber se eles já tiveram contato com alguma lenda indígena e se essa lenda advinha de narrativas locais.

4. *Você conhece alguma lenda indígena? Qual?*

5. *Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?*

6. *Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?*

Nas perguntas sete e oito o objetivo era saber se os estudantes já tinham contato com algum indígena, que não precisava ser necessariamente da região, para traçarmos se as respostas das questões eram resultado de um conhecimento teórico, institucionalizado, como da escola e dos livros didáticos, ou empírico, a partir da vivência com os próprios povos indígenas.

7. *Você conhece algum indígena? Se sim, quem?*

8. *Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?*

A pergunta nove foi construída com base na hipótese de o estudante nunca ter ido a nenhuma aldeia, de responder como imaginava ser esse espaço. Nessa pergunta mais uma vez o interesse era saber como havia sido construído o imaginário do estudante acerca dos povos indígenas, se era com base institucionalizada ou empírica, se o pensamento eurocentralizado estava presente e se era possível identificar de que forma.

9. *Caso nunca tenha ido a uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?*

A pergunta dez questionava se os estudantes sabiam da existência da etnia Tabajara na região onde moram e estudam. Essa pergunta também auxiliou a compreender como os estudantes responderam às questões anteriores acerca dos povos indígenas: se o conhecimento advinha de uma perspectiva eurocentrada ou se já havia a decolonialidade desse conhecimento.

10. *Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?*

Por fim, foi solicitado que o estudante fizesse um desenho de como ele imaginava que seria uma aldeia indígena. Essa solicitação foi pensada por duas razões: a primeira por ter sido

feito um trabalho interdisciplinar com a disciplina de artes e esses desenhos virem a ser utilizados posteriormente pela professora da disciplina em um projeto pedagógico; a segunda porque muitos estudantes ainda apresentam dificuldade na escrita e o desenho é uma forma de oportunizar que eles expressem os seus pensamentos sobre a temática em questão.

11. *Faça um desenho de como você imagina que seja a aldeia.*

Buscamos elaborar perguntas o mais objetivas e claras possíveis para que os estudantes não apresentassem maiores dificuldades em responder a elas, haja vista que muitos ainda apresentam dificuldade na leitura e escrita devido ao tempo de afastamento do ambiente escolar por causa da epidemia da COVID-19.

O terceiro momento foi a aula de campo feita com os estudantes até à aldeia. O objetivo foi minimizar as fronteiras geográficas - levando os estudantes para a aldeia - e culturais visando alcançar a interculturalidade crítica proposta por Walsh (2012), na qual o próprio povo Tabajara fala sobre seu processo de luta e bem viver. A visita aconteceu no dia 08/10/2022 no período da manhã, e essa data foi escolhida para atender a agenda do Cacique Carlinhos. No total foram 18 alunos dos 34 que responderam ao primeiro questionário. Para a visita, foi encaminhado um termo de autorização para o/a responsável por cada um dos 18 alunos, que foi assinado e entregue na escola até o dia da visita. As autorizações constam nos anexos desta pesquisa para consulta. Os demais estudantes que não puderam participar são de outras localidades da zona rural e dependem do transporte escolar para fazer o trajeto escola-casa. Como a visita ocorreu em um sábado, o ônibus escolar só fez o trajeto da escola para a aldeia e da aldeia para a escola, o que impossibilitou a participação de parte dos estudantes. Embora não tenham comparecido à escola e por isso não ter sido possível fazer nenhum trabalho separado com eles nesse dia, todos os alunos da turma participaram das atividades que aconteceram nas aulas de LP após a visita referentes ao trabalho interdisciplinar sobre a etnia Tabajara. Observamos a necessidade de as próximas visitas serem realizadas em um dia letivo da semana para possibilitar que todos os alunos possam participar desse momento valoroso.

A equipe escolar foi convidada para acompanhar a visita. Na ocasião, além da professora-pesquisadora que ministra as aulas de língua portuguesa, também estavam presentes os professores e professoras das disciplinas de geografia, ensino religioso, artes e educação física. Embora o professor que ministra a disciplina de história não tenha

comparecido por motivos pessoais, sua participação foi presente ao longo da organização do evento e do posterior trabalho interdisciplinar.

O trabalho interdisciplinar foi planejado na semana anterior à visita durante uma reunião de planejamento escolar e foi executado nas duas semanas seguintes à visita. Os professores colaboradores para esse trabalho interdisciplinar foram os da disciplina de história, que trabalhou a história de Conde, inclusive seu processo de urbanização,que é citado em algumas das lendas coletadas, e a história do povo Tabajara; artes, que trabalhou com os alunos as pinturas corporais típicas dos indígenas Tabajara; ensino religioso trabalhando a religiosidade dos indígenas Tabajara como as entidades religiosas e o ritual de Toré; e língua portuguesa, que trabalhou as lendas indígenas coletadas no primeiro momento desta pesquisa. Os professores e professoras envolvidos nesse trabalho interdisciplinar utilizaram como recurso para as aulas o livro Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos, de autoria de Elio Chaves Flores *et al. (2014)* e que se encontra no acervo da escola onde a pesquisa foi aplicada.

Figura 3 - Aula de artes com pinturas corporais indígenas

Fonte: arquivo da autora

Figura 4 - Material trabalho nas aulas de Ensino Religioso

PREFEITURA DE CONDE UM NOVO TEMPO	E.M.E.F.
	ALUNO (A): TURMA: 6 º Ano
17 a 21/10/22	DISCIPLINA: ENSINO RELIGIOSO PROFESSOR (A):

ELEMENTOS CONSTITUINTES DAS RELIGIÕES: CRENÇAS E SÍMBOLOS INDÍGENAS DE CONDE.

Aldeia Jacoca Cacique: Carlinho

Os povos tabajaras possuem uma história de sucessivas migrações, devido a constantes conflitos de terras desde o período colonial. A Tribo Indígena Tabajara que vive na Barra de Gramame no Conde-PB, mantém a pesca como principal atividade econômica, e luta para manter viva a cultura do povo indígena.

A partir de 2006, teve início o levantamento da documentação histórica da etnia; em 2007 começou a consolidar alianças com o movimento indígena e indigenista; e no ano de 2008 iniciou o reagrupamento Tabajara na Paraíba; e em 2009 foi nomeado ano da cultura com o aprofundamento dos rituais, do Toré, da pintura, da cosmologia, e do modo de viver. Sua oca foi construída no ano de 2005 e nela são realizadas várias atividades tais como as reuniões mensais, no último domingo de cada mês, com a prática do Toré; a reunião das mulheres indígenas; e a celebração do dia 19 de abril.

Aldeia Vitória

A Aldeia Vitória está localizada em Mata da Chica I, segundo o Cacique Ednaldo, ela foi reerguida no dia 5 de maio de 2012, em um território tradicional onde viviam seus ancestrais. A Aldeia conta atualmente com cerca de 27 famílias residindo nesta localidade. A Oca fica no centro da Aldeia e é nela onde são realizadas as reuniões, celebrados seus rituais, a exemplo do Toré, e eventos tais como os jogos indígenas, semana dos povos indígenas, o aniversário de retorno dos povos Tabajaras para suas terras e o Grito dos Tabajaras. Este local tem um importante valor para as Aldeias indígenas, constituindo-se como um importante símbolo da identidade dos povos tradicionais.

As duas aldeias têm no Toré seu principal símbolo, O Toré é um ritual comum a várias etnias do Nordeste brasileiro, trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade, brincadeira, como sendo uma dança cantada dos mestiços indígenas.

ATIVIDADE

1.Quais são as aldeias de Conde?
2. Quais os nomes dos caciques das aldeias de Conde?
3. Qual o principal símbolo das duas aldeias de Conde?

Fonte:https://www.paraibacriativa.com.br/artista/tribo-indigena-tabajara-em-barra-de-gramame/ https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/conheca-o-tore-ritual-de-diferentes-etnias-do-nordeste-do-pais#:~:text=O%20Tor%C3%A9%20%C3%A9%20um%20ritual,%2C%20m%C3%BAsica%2C%20religiosidade%20e%20brincadeira.

Fonte: arquivo da autora

O roteiro da visita à aldeia foi feito pelo próprio Cacique Carlinhos, pois entendemos que essa autonomia e protagonismo no que compete ao que e como se quer mostrar sua cultura e modo de vida são necessários para atingirmos uma interculturalidade crítica.

Os estudantes chegaram à aldeia às 8h e, acompanhados dos professores e professoras, percorreram brevemente o espaço para conhecê-lo. Este momento foi importante, pois serviu como experiência para que eles pudessem comparar como era o imaginário deles antes e depois da visita acerca de como é uma aldeia.

Figura 5 - Professores e estudantes chegando à aldeia Barra de Gramame - Conde/PB

Fonte: arquivo da autora

Em seguida todos se dirigiram até a oca central e se acomodaram em cadeiras dispostas em círculo à espera do início da conversa. Estavam presentes na mesa de apresentação o Cacique Carlinhos; seu filho, Juscelino Tabajara; a companheira de Juscelino, Tai Tuwixawa, a esposa do cacique, Simone, conhecida na luta indígena como Iraê Tabajara; o Pajé Biu; e os indígenas Tabajara Ednaldo e Assis. Cada um contribuiu com uma fala de apresentação sobre quem é e o papel que desempenha na aldeia. Este momento aconteceu das 8h30min às 9h.

A partir das 9h o Cacique Carlinhos iniciou sua fala sobre a luta de seu povo, brevemente relatada neste trabalho no início do capítulo anterior, e, de forma dinâmica, contou as três lendas escolhidas entre as dez coletadas na entrevista não estruturada. Por ter sobrado algum tempo além do previsto para esse momento, que aconteceu até às 10h, contou mais uma lenda e seu filho Juscelino narrou uma história que não havia sido coletada no dia da entrevista e que, por isso, não consta neste trabalho.

Figura 6 - Cacique Carlinhos narrando as histórias do seu povo

Fonte: arquivo da autora

Na aula de campo os estudantes puderam conhecer a aldeia e os indígenas, tiveram contato com o ritual de toré - ritual sagrado para os indígenas que envolve canto e dança em forma de reza para agradecer e também pedir força e proteção aos encantados e às forças divinas - com as comidas típicas, as pinturas corporais e os costumes do povo Tabajara e ouviram o Cacique Carlinhos e seu filho Juscelino contarem as narrativas do seu povo.

Figura 7 - Juscelino Tabajara fazendo pintura corporal indígena nos estudantes

Fonte: arquivo da autora

As lendas foram escolhidas em parceria com o Cacique e os pesquisadores seguindo o critério principal de geolocalização das histórias para que os alunos pudessem visualizar os locais, tempos e situações, importantes numa pesquisa qualitativa, como indica Flick (2009). Sob esse critério, as três lendas escolhidas foram *A lenda do padre sem cabeça*, *O bode que cuspia fogo* e a lenda *A cidade encantada*, esta última já vista no capítulo anterior. Todas são histórias contadas pelo povo Tabajara e que acontecem num tempo passado na região de Conde: *A lenda do padre sem cabeça* se passa entre o centro da cidade de Conde e o Gurugi, local onde fica localizada a escola frequentada pelos estudantes; a do *Bode que cuspia fogo* se passa entre a região de Jacumã (bairro de Conde próximo à aldeia) e a aldeia; e a lenda da *cidade encantada* que acontece entre as regiões de Paripe, Mituaçu e Gurugi, todas regiões próximas à escola. Outro critério escolhido foi a temática lúdica dos contos e o nível de complexidade deles, como sugere Thiél (2013), para que fosse compatível com o trabalho naquela turma de 6º ano.

A escolha de três lendas se deu, também, pensando no tempo que seria necessário para contá-las articulando com o roteiro de toda a visita. Com sobra de algum tempo, mais uma lenda pôde ser contada no dia da visita, a lenda do Pai do Mangue, essa sendo escolhida por se passar num bioma conhecido pelos estudantes, o mangue, e também seguindo o critério de ludicidade e complexidade.

Na sequência da contação das narrativas houve o momento do lanche, no qual os estudantes puderam provar da culinária indígena Tabajara. Foram oferecidos arroz doce, frutas da aldeia e sucos naturais. Houve ainda a exposição de artesanatos feitos pelas Moara - grupo de mulheres indígenas Tabajara liderados por Iraê Tabajara e que trabalha em prol do fortalecimento da identidade da mulher indígena Tabajara a partir da culinária, da confecção de artesanatos como biojóias e do cultivo de plantas medicinais para a confecção de sabonetes fitoterápicos e garrafadas. Esse momento aconteceu das 10h até às 10h30min.

Por fim, os estudantes puderam ter o contato com as pinturas corporais feitas pelos indígenas Tabajara. As tintas são confeccionadas a partir do extrato de jenipapo e urucum e os desenhos são feitos inspirados em aspectos físicos de animais como, por exemplo, a pele da onça ou da cobra. Para os indígenas Tabajara, ao se pintarem com desenhos inspirados nos animais, adquire-se sua força e habilidade.

Figura 8 - Equipe pedagógica, estudantes e indígenas na aula de campo

Fonte: arquivo da autora

O quarto momento foi a aplicação do segundo questionário que aconteceu no dia 13/10/2022 apenas com os 18 estudantes que participaram da aula de campo por conter

perguntas que necessitavam da visita prévia à aldeia e foi elaborado como sugere Gil (1999). Ao todo foram elaboradas 13 perguntas abertas e uma última onde foi solicitado que eles fizessem um novo desenho de como havia sido a visita.

1. *O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?*

4. *Qual a parte da visita você mais gostou?*

As perguntas um e quatro foram elaboradas objetivando-se observar quais haviam sido as impressões da visita à aldeia, se os estudantes haviam gostado ou não da experiência e o que eles mais haviam gostado.

Na segunda pergunta, nosso interesse era saber se eles conseguiam lembrar qual a etnia eles haviam conhecido. Identificar o etnônimo é uma parte importante do processo de preservação de memória e que funciona como mecanismo de reflexão sobre as práticas para o fortalecimento da identidade de um povo. Os Tabajaras iniciaram esse processo no início do século XXI com a reapropriação do etnônimo Tabajara e entendemos que é importante que este fique consolidado na memória dos estudantes.

2. *Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?*

Na terceira pergunta investigamos qual o conhecimento que os estudantes tinham antes da visita e o que mudou ou permaneceu após o contato com a etnia Tabajara. Com as respostas obtidas a professora pesquisadora poderia analisar quais transformações aconteceram com os estudantes para trabalhar em sala de aula a interculturalidade crítica e a decolonialidade ao problematizar com os estudantes a forma estrutural hierarquizada e racializada que ainda se tem sobre os indígenas advindas da colonização.

3. *Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?*

A pergunta cinco do Questionário 2 foi a pergunta seis do Questionário 1. Após a visita todos os 18 estudantes responderam sim a esta pergunta. O objetivo foi consolidar que o próprio povo subalternizado (Tabajara) teve o espaço para contar sua história a partir das narrativas míticas orais, que até o momento do Questionário 1 ainda não tinham sido apresentadas aos estudantes em formato escrito. Também objetivou-se observar se os estudantes lembravam dos nomes dos indígenas que estavam presentes no dia da visita, pois entendemos que lembrar dos nomes é também uma forma dos estudantes compreenderem que

o processo de luta pelo bem viver Tabajara é contemporâneo e os aproximam daquelas narrativas contadas por se criar o vínculo com os locutores.

5. *Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?*

A pergunta seis foi elaborada visando a um comparativo com as respostas da pergunta três do Questionário 1. Nesta os estudantes ainda não haviam tido contato com o conceito de lendas nas aulas de LP regidas pela professora pesquisadora nem tido contato com a aldeia e objetivou-se observar como o conceito havia sido formulado ou transformado a partir do contato com os indígenas Tabajara.

6. *Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?*

A pergunta sete e a oito foram elaboradas com o objetivo de observar o que havia mudado nas respostas das perguntas quatro e cinco do Questionário 1. Na pergunta quatro do Questionário 1 foi perguntado se os estudantes conheciam alguma lenda indígena e pedido para que citassem alguma, caso conhecessem. Nesse momento, a maioria dos estudantes participantes da pesquisa ainda não haviam tido nenhum contato com a etnia Tabajara e foi observado que as respostas eram baseadas em lendas indígenas brasileiras, mas de outras localidades as quais os estudantes não tinham nenhum contato. Após a visita já foi possível perceber que eles conseguiam indicar lendas indígenas locais. Já na pergunta cinco do Questionário 1 foi perguntado quais personagens de lendas indígenas os estudantes conheciam e mais uma vez as respostas foram baseadas em lendas indígenas brasileiras amplamente conhecidas no folclore brasileiro como o Saci e a Iara. Após a visita, os estudantes também já conseguiram responder a pergunta sete com as personagens das lendas contadas pelo Cacique Carlinhos.

7. *Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?*

8. *Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?*

O objetivo da pergunta nove foi saber quais as impressões os estudantes haviam tido das lendas contadas na visita.

9. *O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?*

A pergunta dez foi elaborada objetivando observar se os estudantes compreenderam que as narrativas são ambientadas em locais que eles mesmos frequentam ou já frequentaram e que a interculturalidade está presente no dia a dia deles na medida em que compartilham do mesmo espaço geográfico, buscando-se romper com as linhas abissais como proposto por Santos (2017).

10. *Você conhece os lugares citados nas lendas?*

A pergunta 11 foi elaborada com o intuito de saber se os estudantes tinham interesse em fazer outras visitas à aldeia. Com as respostas também é possível nortear se o tema é de interesse dos estudantes e se a forma como foi conduzida a visita foi atrativa o suficiente para que eles tenham o desejo de fazer essa atividade outras vezes.

11. *Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?*

A pergunta 12 foi elaborada para que se pudesse observar se a visão colonizada dos estudantes advinda do contato apenas com narrativas eurocêntricas sobre o modo de viver indígena havia sido modificada pelo contato e escuta do próprio povo e de que forma isso havia acontecido.

12. *A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?*

Foi proposta a pergunta 13 para que pudesse partir dos estudantes alguns encaminhamentos para uma pedagogia decolonial pois compreendemos que todo trabalho pedagógico precisa ser feito de forma colaborativa.

13. *Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?*

Na pergunta 14 foi pedido que os estudantes fizessem um novo desenho, dessa vez da visita à aldeia. O objetivo era visualizar como eles compreendiam a aldeia antes e depois da visita. Essa pergunta também foi feita objetivando dar oportunidade aqueles que apresentam maiores dificuldades na escrita de poder expressar o que haviam vivido e quais impressões haviam tido e compartilhar os desenhos com a professora da disciplina de artes para o trabalho pedagógico desta disciplina.

14. *Faça um desenho da nossa visita à aldeia.*

Foi preciso um segundo questionário para que pudéssemos observar quais os conhecimentos os estudantes adquiriram após terem o contato com a etnia Tabajara. As perguntas do segundo questionário foram elaboradas apenas após a visita, pois foi a partir da visita que a professora pesquisadora pôde observar quais questionamentos seriam pertinentes de serem feitos a fim de se obter respostas mais diretivas. Pelo tempo necessário para elaboração do questionário após a visita, este só pôde ser aplicado no dia 13-10-2022. Alinhado a essa necessidade também foi pensado em sua aplicação o mais próximo possível da data posterior à visita para que as informações dela ainda estivessem vivas na memória dos estudantes. Este questionário também consta nos anexos deste trabalho.

A professora pesquisadora é a regente das aulas de língua portuguesa e utilizou procedimentos de pesquisa-ação-triângular com métodos de observação (do vivido na aldeia e na escola, gravação em aúdio da entrevista, fotografias e filmagens), entrevista e questionário para conciliar suas atividades de docência com as atividades de pesquisa preservando as informações obtidas ao longo do tempo de aplicação da pesquisa. Essa prática também auxiliou a professora a planejar os próximos passos de atividades em sala de aula com atividades posteriores aos questionários aplicados, o que permitiu uma melhor operacionalização do processo ação-reflexão-ação, como demonstra Bortoni-Ricardo (2008, p. 48).

Na semana posterior à aplicação do segundo questionário, o planejamento de aulas da professora pesquisadora foi elaborado com o objetivo de ser trabalhada a habilidade EF67LP28 da BNCC descrita no capítulo anterior. Com base nas respostas dos dois questionários, a professora elaborou uma atividade de interpretação com o texto *A Cidade Encantada,* cujas perguntas retomavam os questionários para que fossem refletidas de forma colaborativa em sala de aula. A orientação para esse planejamento seguiu a corrente linguística Aplicada para ser consolidada a pedagogia decolonial. Essa atividade também consta nos anexos deste trabalho mas, por não ser objeto de análise desta pesquisa, não será detalhada aqui.

As imagens que foram registradas em todo o percurso da pesquisa são para fins pedagógicos e foram tiradas sempre em contexto escolar, dessa forma, seu uso é autorizado mediante documento de concessão de imagem assinado pelos responsáveis no ato da matrícula dos estudantes no início do ano letivo de 2022. Um termo de anuência foi assinado pela instituição de ensino para aplicação e utilização dos dados dos dois questionários

aplicados antes da aplicação do primeiro questionário. Todos esses documentos encontram-se no anexo deste trabalho.

No próximo capítulo segue a análise dos dados onde são cruzadas as respostas de três estudantes prototípicos nos dois questionários aplicados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados, três dos 18 estudantes foram selecionados com base no critério do que e em qual grau estes conheciam previamente sobre a etnia Tabajara. Dessa forma, três questionários prototípicos serão analisados detalhadamente junto a um levantamento geral dos dados obtidos dos 18 questionários: o questionário prototípico A é o respondido pelo estudante A que não tinha nenhum conhecimento prévio sobre a etnia Tabajara; o questionário prototípico B é o respondido pelo estudante B que tinha algum conhecimento prévio sobre a etnia, mesmo que por conhecer numa relação profissional alguém que é Tabajara, como é o caso específico do estudante B que conhece o motorista do transporte escolar; e o questionário prototípico C que foi respondido pelo estudante C que conhecia alguém da etnia Tabajara e residente na Aldeia Barra de Gramame, local onde aconteceu a aula de campo para a aplicação da interculturalidade crítica proposta por Walsh (2012). De acordo com esse critério observamos que 12 estudantes se enquadram no prototípico A; quatro estudantes no prototípico B e dois estudantes no prototípico C.

Nesta análise iremos observar as respostas dos três estudantes no Questionário 1 completo, aplicado no dia 04/10/2022, o qual continha perguntas para que um levantamento prévio fosse feito sobre o que eles já conheciam no geral, como os tipos de textos que eles têm contato até o próprio conhecimento sobre as lendas e a etnia Tabajara e comparar com as respostas dadas pelos estudantes nas perguntas do Questionário 2, aplicado dia 13/10/2022, três dias após a visita à aldeia.

4.1 Comparativo das Respostas do Questionário 1 e 2

As duas primeiras perguntas do Questionário 1 foram:

1. *Que tipo de história você gosta?* ***2.*** *Quais são seus personagens favoritos?*

O interesse nessas duas perguntas estava em saber com quais gêneros textuais predominantemente narrativos os estudantes já tinham contato (pergunta 1) e quais os personagens habitam o imaginário dos estudantes (pergunta 2).

A professora pesquisadora pensou nas perguntas também na expectativa de usar esses dados em futuros trabalhos pedagógicos com eles fazendo, por exemplo, planos de aulas voltados especificamente para os gêneros textuais indicados pelos estudantes nas respostas.

O estudante A respondeu na pergunta um que gosta de quadrinho e na pergunta dois que seu personagem favorito é a bela e a fera; o estudante B respondeu na pergunta um que gosta de quadrinhos e na pergunta dois que seus personagens favoritos são o Batman, Flash, Naruto e Goku; o estudante C respondeu na pergunta um que gosta de quadrinhos, romance e comédia e na pergunta dois que gosta da Turma da Mônica, Barbie, Titãs, Liga da Justiça, Eleven, Max, Dora Aventureira, Super Girl, Cuphead, The Show e Hatsune Miku.

Dois pontos chamam atenção nas respostas que interessam a essa pesquisa: o primeiro ponto é o fato dos três estudantes terem repetido que gostam de quadrinhos. O gênero textual Histórias em Quadrinhos está previsto na BNCC em todos os anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais em Língua Portuguesa através de habilidades como a (EF15LP14) e (EF12LP05). Nos Anos Finais o trabalho com esse gênero textual está sugerido nas habilidades (EF67LP28), esta que é a mesma que também sugere o trabalho com as lendas indígenas, e na habilidade (EF67LP30). Ainda em Língua Inglesa há a previsão do trabalho com o gênero textual Histórias em Quadrinhos na habilidade (EF06LI15). Percebemos como o processo educacional iniciado desde o primeiro ano do Ensino Fundamental é consolidado e percebido no sexto ano e, ainda, como o estudante demonstra familiaridade com tal gênero, ao afirmar que esse é o seu gênero textual favorito. Com esse comparativo observamos que o trabalho com esse gênero textual é eficaz no processo de letramento dos estudantes.

O segundo ponto que destacamos são as respostas da pergunta dois que, com exceção da resposta do estudante C (Turma da Mônica), todos os personagens citados não são nacionais. Esse dado nos mostra que a cultura nacional ainda caminha para ganhar espaço no dia a dia dos jovens entrevistados e o que prevalece ainda é a cultura de massa com influência forte da cultura e costumes estrangeiros. O fortalecimento da cultura nacional a partir do reconhecimento desses jovens de desenhos e personagens do país, numa perspectiva macro, como é o caso de reconhecer a Turma da Mônica como desenho favorito, e numa perspectiva micro, reconhecendo histórias e lendas de sua própria região, é uma importante ação para romper com as fronteiras culturais e decolonizar as estruturas de poder que ainda são dominantes na escola (Tavares; Gomes, 2018). Foi possível perceber o reconhecimento nesta última perspectiva nas respostas dadas, por exemplo, no Questionário 2 na pergunta sete que buscou investigar se os estudantes se lembravam do nome de algum personagem das lendas contadas pelo Cacique Carlinhos ou pelo seu filho Juscelino Tabajara. Dos 18 estudantes que visitaram a aldeia, apenas três, os quais não são os estudantes A, B e C, responderam que não se lembravam ou indicaram outro personagem de lenda indígena que não faz parte das lendas

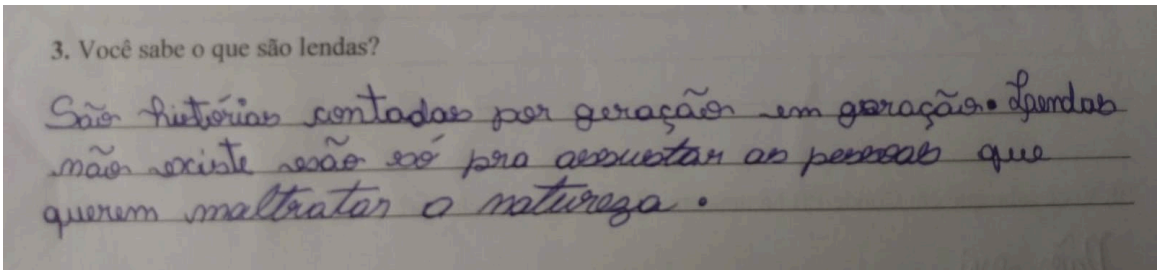
contadas na ocasião como, por exemplo, a Comadre Florzinha, esta que é conhecida numa perspectiva macro.

A pergunta três do Questionário 1 foi:

3. *Você sabe o que são lendas?*

Conforme dito no capítulo metodológico, essa pergunta buscou identificar se os estudantes já haviam tido contato com o gênero textual lendas e optou-se, intencionalmente, por não utilizar o termo indígena ainda para observar primeiro o que eles entendiam como conceito geral sobre esse gênero textual. O estudante A respondeu que lendas *"É uma história inventada"*. O estudante B respondeu que lendas são *"histórias ou rumores sobre criaturas que não podem ser explicadas".* Já o estudante C respondeu o seguinte:

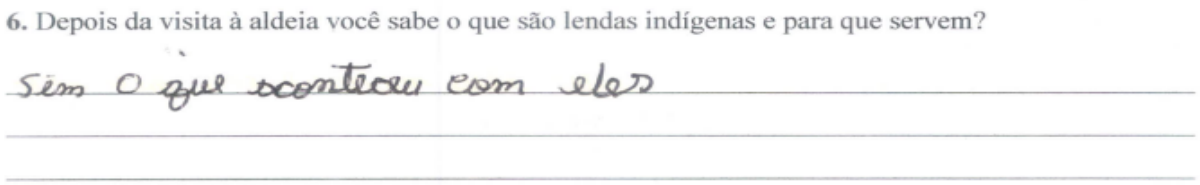
Figura 9 - Resposta do estudante C da questão 3 do Questionário 1



Fonte: arquivo da autora

É possível perceber que, embora as respostas dos estudantes A e B estejam menos elaboradas do que a do estudante C, os três têm a compreensão geral de que lendas são histórias que tratam de acontecimentos sobrenaturais e que possuem elementos misteriosos. O estudante C além de ter essa mesma compreensão, ainda entende que a lenda traz uma consciência de uma continuidade ou de uma permanência de um saber ancestral, conforme Thiél (2013), ao afirmar que lendas são histórias contadas de geração em geração e ainda demonstra compreender a relação de proteção dos povos indígenas com o meio ambiente. É possível perceber um novo entendimento do que são lendas nas respostas dos estudantes A e B na pergunta seis do Questionário 2, que dizia: *Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?*

Figura 10 - Resposta do estudante A da questão 6 do Questionário 2

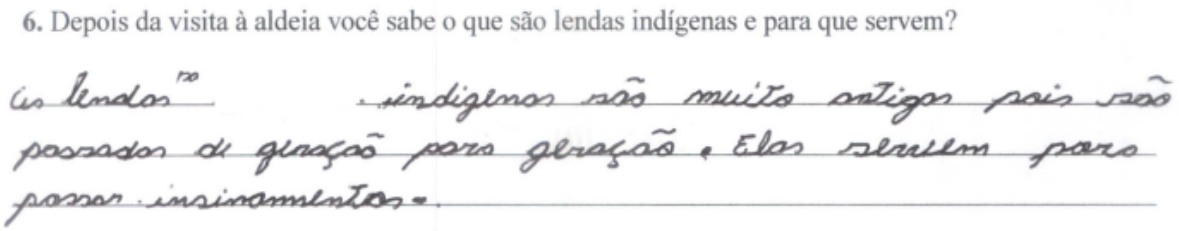

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Sim O que aconteceu com eles

Fonte: arquivo da autora

Nessa resposta o estudante B já demonstrou ampliar seu conhecimento acerca do que são lendas indígenas, indicando que essas histórias tratam de contar acontecimentos passados pelo próprio povo originário. Uma ampliação de conhecimento similar é perceptível na resposta do estudante B:

Figura 11 - Resposta do estudante B da questão 6 do Questionário 2

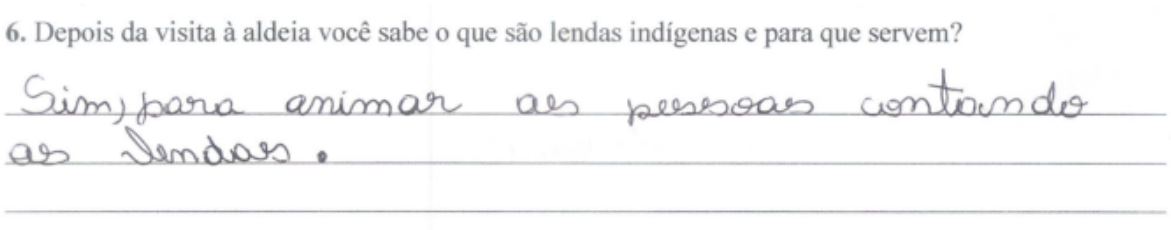

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

As lendas indígenas são muito antigas pois são passadas de geração para geração. Elas servem para passar ensinamentos.

Fonte: arquivo da autora

É possível perceber que o estudante B passou da compreensão de lenda indígena apenas como narrativa lúdica, com acontecimentos sobrenaturais e elementos misteriosos, e entendeu que possuem também um conhecimento ancestral transmitido de geração em geração. Já o estudante C, que antes havia respondido no Questionário 1 que era um conhecimento transmitido e que servia para proteger a natureza, nessa pergunta respondeu que as lendas servem para entreter.

Figura 12 - Resposta do estudante C da questão 6 do Questionário 2


6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Sim, para animar as pessoas contando as lendas.

Fonte: arquivo da autora

Nas perguntas quatro e cinco do Questionário 1 já foi introduzido o termo indígena para especificar qual tipo de lenda estávamos interessados em investigar.

4. *Você conhece alguma lenda indígena? Qual?*

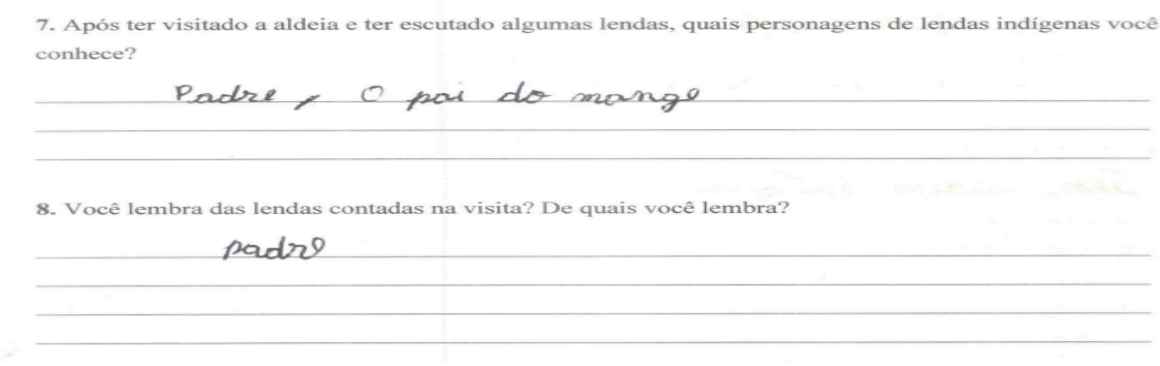
5. *Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?*

O estudante A respondeu que conhecia a lenda do Saci Pererê na pergunta quatro e a personagem Iara na pergunta cinco; o estudante B afirmou não conhecer nenhuma lenda indígena e nenhum personagem de lenda indígena; e o estudante C afirmou conhecer as lendas da Sereia Iara, Saci Pererê, Curupira, Mula sem cabeça, a lenda da macaxeira, Boitatá, entre outros e que conhecia os personagens indígenas Iara, Saci, Curupira, Mula, Boitatá, entre outros. Aos estudantes que responderam conhecer alguma lenda indígena ou personagem indígena pudemos identificar que, quando se conhece alguma lenda ou personagem, estes são de uma cultura folclórica nacional, não se tendo uma definição da etnia da qual a lenda foi criada.

O não reconhecimento da etnia da qual a lenda se originou dificulta o contato com as narrativas locais, por não se saber de onde é a etnia que originou a lenda, temporais, pois não se tem alguma temporalidade previsível sobre a lenda, nem situacionais, pois não se sabe sob quais circunstâncias e com quais propósitos essa lenda foi criada. Não concluímos, contudo, que essas narrativas nacionais não têm importância, pois vindos de um processo de colonização que silenciou os povos indígenas por muitos séculos, como ressalta Souza (2020) tais lacunas de informações de suas origens existirão.

Nosso objetivo é demonstrar que a colonização do saber ocorreu, também, através do não conhecimento da autoria dessas lendas, problematizar essa hierarquização e proporcionar aos povos que foram subalternizados o espaço de divulgar suas narrativas que lhes foi arrancado. Esta ação foi possível nesta pesquisa através da interculturalidade crítica proposta por Walsh (2012) e é possível percebê-la nas respostas da pergunta seis do Questionário 2 já comentada acima e também nas respostas das perguntas sete e oito deste mesmo questionário.

Figura 13 - Respostas do estudante A das questões 7 e 8 do Questionário 2



7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

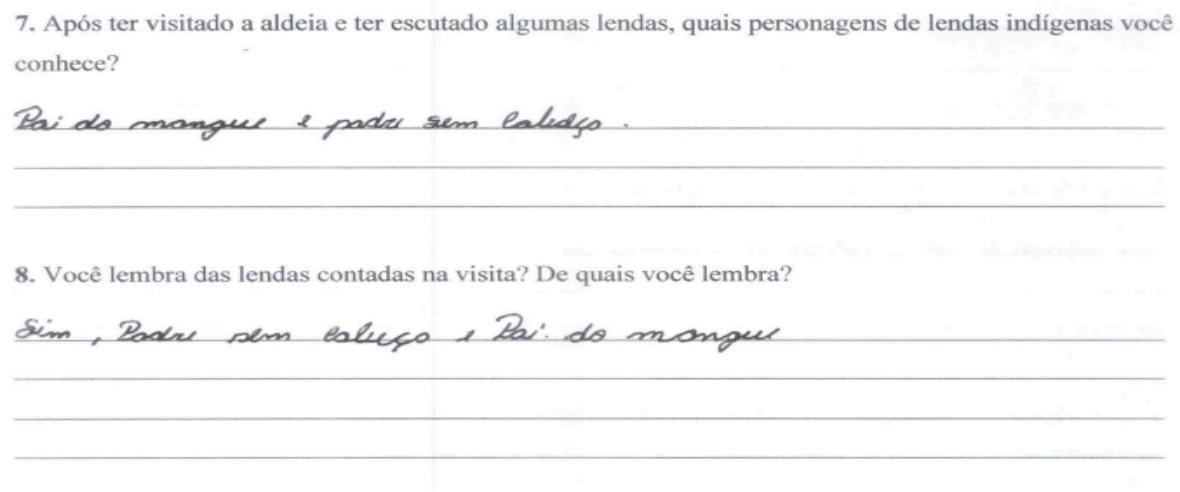
Padre e O pai do mangê

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

padre

Fonte: arquivo da autora

Figura 14 - Respostas do estudante B das questões 7 e 8 do Questionário 2



7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

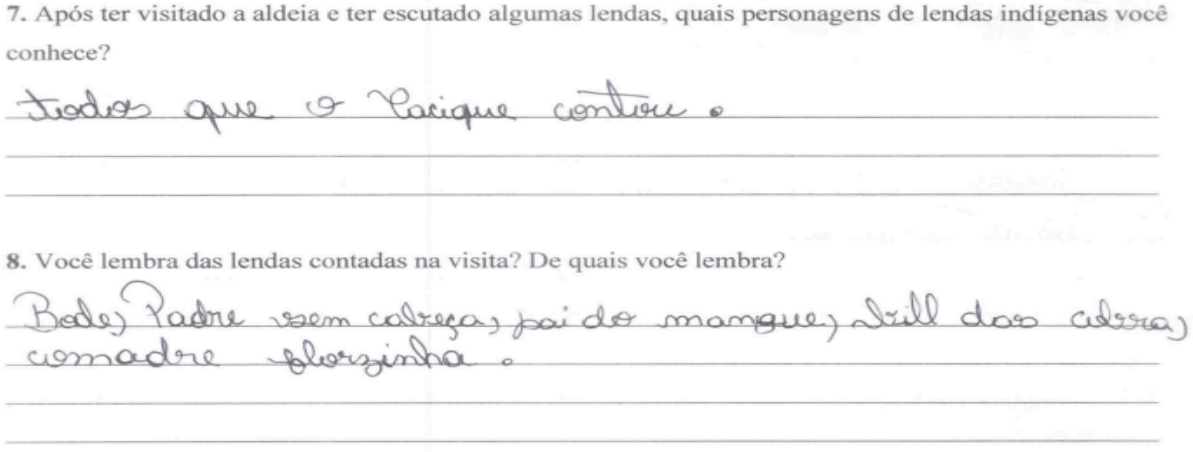
Pai do mangue e padre sem calsão.

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim, Padre sem calsão e Pai do mangue

Fonte: arquivo da autora

Figura 15 - Respostas do estudante C das questões 7 e 8 do Questionário 2



7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Todos que o Paique contou.

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

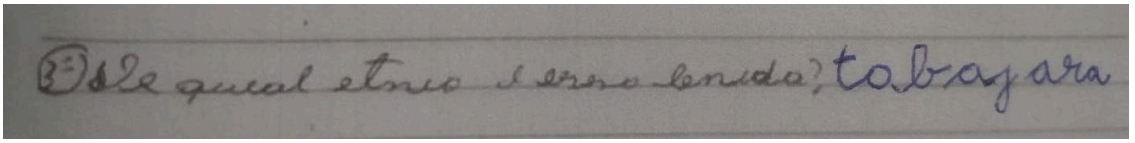
Bode, Padre sem cabeça, pai do mangue, Mãe das cabras, comadre florzinha.

Fonte: arquivo da autora

É possível perceber pelas respostas dos estudantes A, B e C, portanto, que os três demonstraram conhecer, a partir da visita à aldeia, lendas e personagens indígenas da região.

No total, dos 18 estudantes, apenas um não indicou nenhuma lenda indígena, seja ela Tabajara ou não no Questionário 2. No entanto, na aplicação da atividade em sala de aula feita após a aplicação do Questionário 2 o estudante conseguiu identificar que a lenda de *A cidade encantada* pertence ao povo Tabajara. Desse modo, as narrativas do povo Tabajara foram conhecidas e reconhecidas pelos 18 estudantes.

Figura 16 - Respostas da atividade do estudante não prototípico



Fonte: arquivo da autora

A pergunta seis do Questionário 1 foi igual a pergunta cinco do Questionário 2:

6. *Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?*

O objetivo dessa pergunta no primeiro questionário foi observar se os estudantes já haviam ouvido alguém contar uma lenda indígena ou se tiveram acesso apenas através da leitura e, ainda, quem havia contato essa lenda para eles de forma oral. O estudante A respondeu que sua avó já tinha contado alguma lenda indígena; o estudante B respondeu que ninguém havia contado uma lenda indígena antes; e o estudante C respondeu que os professores já haviam contado uma lenda indígena antes. Essa pergunta, juntamente com a quatro e cinco, foi formulada buscando observar qual das interculturalidades propostas por Walsh estava sendo aplicada com esses estudantes. No geral, dos 18 estudantes, apenas três não responderam que algum parente ou professor havia contado uma lenda indígena para eles.

Com os dados obtidos nesse primeiro questionário, percebemos que a interculturalidade funcional ainda era a vivenciada pois, embora os estudantes tivessem conhecimento de diversas culturas, como saber de lendas indígenas num contexto geral e nacional - dados observados nas perguntas quatro e cinco do Questionário 1 - ainda não reconheciam nenhuma lenda indígena do povo originário do mesmo território que eles, os Tabajara, havendo troca de conhecimentos parcial ao também não ouvirem as lendas de um povo a partir do seu próprio povo, como é possível perceber nas respostas dos estudantes A e C na pergunta seis do Questionário 1. Já na aplicação do segundo questionário após a visita os

estudantes A, B e C afirmaram já terem ouvido um indígena contando uma lenda na pergunta cinco. Os estudantes A e B responderam que ouviram o Pajé contar uma lenda e o estudante C respondeu que o Cacique contou as lendas. No total, dos 18 estudantes, sete não responderam nesse sentido. As respostas variaram entre terem ouvido as narrativas dos seus avós ou apenas responderam que já ouviram alguém contar alguma narrativa mítica indígena sem especificar quem. Nossa hipótese para os que responderam desta última forma é que os estudantes não lembravam quem tinha narrado no dia da visita ou não quiseram dizer por motivos outros, mas é possível identificar que o contato havia ocorrido pela resposta afirmativa.

Concluímos que os três estudantes quiseram se referir ao Cacique Carlinhos por duas razões possíveis: a primeira por ainda não estarem familiarizados com os termos ligados às tradições indígenas e terem confundido os nomes Cacique e Pajé e a segunda pois o Pajé Biu, que estava no dia da visita, não chegou a contar nenhuma lenda na ocasião.

As perguntas sete e oito do Questionário 1 foram elaboradas com o objetivo de saber se, de alguma forma, os estudantes já haviam tido contato com algum indígena.

7. *Você conhece algum indígena? Se sim, quem?*

8. *Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?*

Nessa pergunta o estudante A respondeu não para as duas perguntas; o estudante B respondeu na pergunta sete que conhecia a monitora do transporte escolar que o leva na escola e o traz em casa e na pergunta oito que nunca havia visitado uma aldeia antes; e o estudante C respondeu na pergunta sete que conhecia a *"Índia Tai"* e na pergunta oito respondeu que não havia visitado nenhuma aldeia, mas que iria visitar uma no sábado, se referindo à aula de campo que ocorreu no dia 08/10/2022. Concluímos com essas respostas que o estudante A não havia tido nenhum contato com alguma etnia ao menos de forma consciente e que, no total, dez estudantes também não o tinham feito; que o estudante B já havia tido contato com um indígena e com ele, quatro estudantes também o haviam feito e que o estudante C e mais um outro estudante tiveram o contato com uma indígena da aldeia na qual a aula de campo ocorreu e que esse contato se deu através da oficina *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola* referida no capítulo dois deste trabalho.

Constatamos que a interculturalidade funcional promovida com a oficina anterior foi um passo importante para que nessas próximas etapas do processo de decolonialidade dos saberes a interculturalidade crítica fosse iniciada, pois proporcionou para muitos estudantes um primeiro contato e diálogo com os indígenas Tabajara e a comunidade escolar.

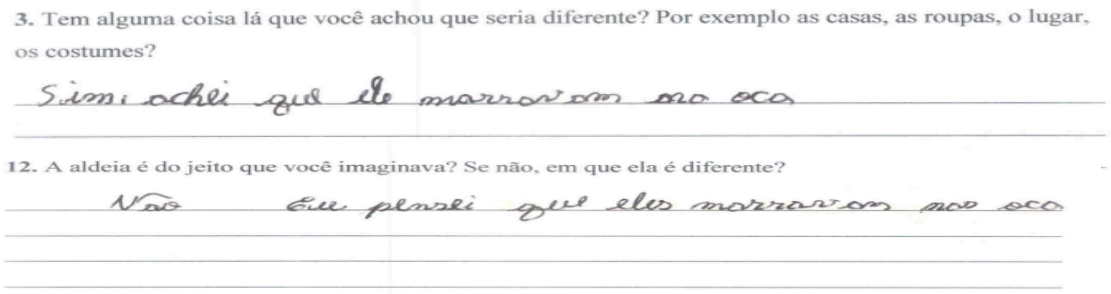
Após a visita à aldeia, apenas dois estudantes responderam que não haviam tido contato com os indígenas da aldeia, conforme comparativo entre as respostas da pergunta sete do Questionário 1 e cinco do Questionário 2. Como esse contato ocorreu de fato, pois os dois estudantes estavam presentes na aula de campo, não conseguimos identificar qual a razão de ter sido essa a resposta. Ainda assim, esses dois estudantes demonstraram lembrar das lendas contadas na aula de campo conforme as respostas das perguntas sete e oito do Questionário 2.

A pergunta nove do Questionário 1 foi formulada buscando observar como era o imaginário dos estudantes acerca de como é uma aldeia.

9. *Caso nunca tenha ido a uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?*

Nessa pergunta o estudante A respondeu que achava que tinham ocas, já nas respostas às perguntas três e 12 do Questionário 2 o estudante descreve que sua hipótese de que os indígenas Tabajara moravam em ocas não se confirmou:

Figura 17 - Respostas do estudante A das questões 3 e 12 do Questionário 2


3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim, achei que ele morravam na oca

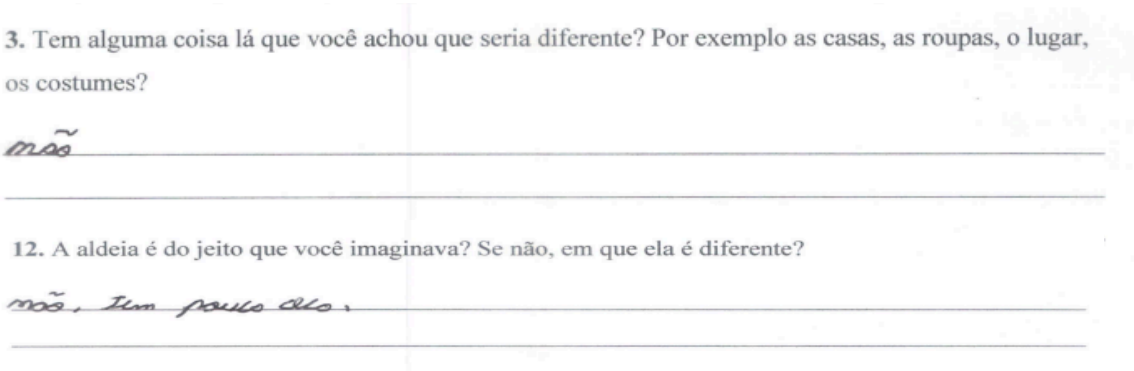
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Não Eu pensei que eles morravam na oca

Fonte: arquivo da autora

O estudante B respondeu no Questionário 1 que imaginava um lugar grande e com muitas culturas diversas e no Questionário 2 que a aldeia não era do jeito que imaginava pois havia poucas ocas.

Figura 18 - Respostas do estudante B das questões 3 e 12 do Questionário 2


3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

mão

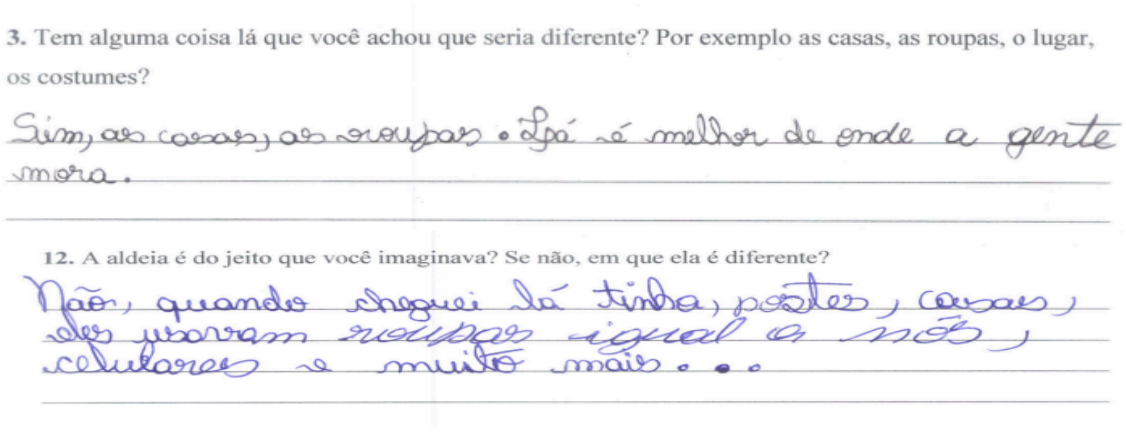
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

mão, tem pouco oca.

Fonte: arquivo da autora

O estudante C respondeu no Questionário 1 que imaginava a aldeia cheia de ocas, plantas, animais, culturas, tradições e tesouros. Já no Questionário 2 afirmou que a aldeia era muito diferente do que esperava, pois no local havia casas, postes de luz e que os indígenas usavam roupas assim como o estudante, esta última constatação ainda herança da hegemonia eurocentrada que data desde o início de 1500 com a chegada dos colonizadores e a primeira carta de Pero Vaz de Caminha que descreve em seu relato para a corte portuguesa que avistara no Brasil "Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas" (Brasil, s.d, p. 2).

Figura 19 - Respostas do estudante C das questões 3 e 12 do Questionário 2


3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim, as casas, as roupas. Lá é melhor de onde a gente mora.

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Não, quando cheguei lá tinha, postes, casas, eles usavam roupas igual a nós, celulares e muito mais...

Fonte: arquivo da autora

Foi possível observar com as respostas que ainda há no imaginário certa restrição pelo pouco ou nenhum contato com os indígenas Tabajara quando os estudantes idealizam que numa aldeia só é possível haver moradias em forma de ocas, como foi possível observar nas respostas das perguntas três e 12 do Questionário 2. Dos 18 estudantes que responderam ao questionários, apenas dois responderam que a aldeia era como imaginavam, e um deles já havia estado na aldeia antes desta pesquisa ser realizada. No caso da Aldeia Barra de Gramame, por exemplo, as casas são feitas de tijolos, madeira, cimento e barro e há no local apenas uma oca central onde ocorrem as reuniões e os eventos. No entanto, ainda com essa visão estreita, é possível perceber que os estudantes compreendem a diversidade de culturas existentes, ainda que não questionem o porquê de haver tal diversidade.

Na pergunta dez do Questionário 1 nenhum dos três estudantes prototípicos sabiam que há uma etnia de Conde nem como se chama. Dos 18 estudantes, dois afirmaram saber que havia uma etnia em Conde e apenas um deles a identificou como Tabajara.

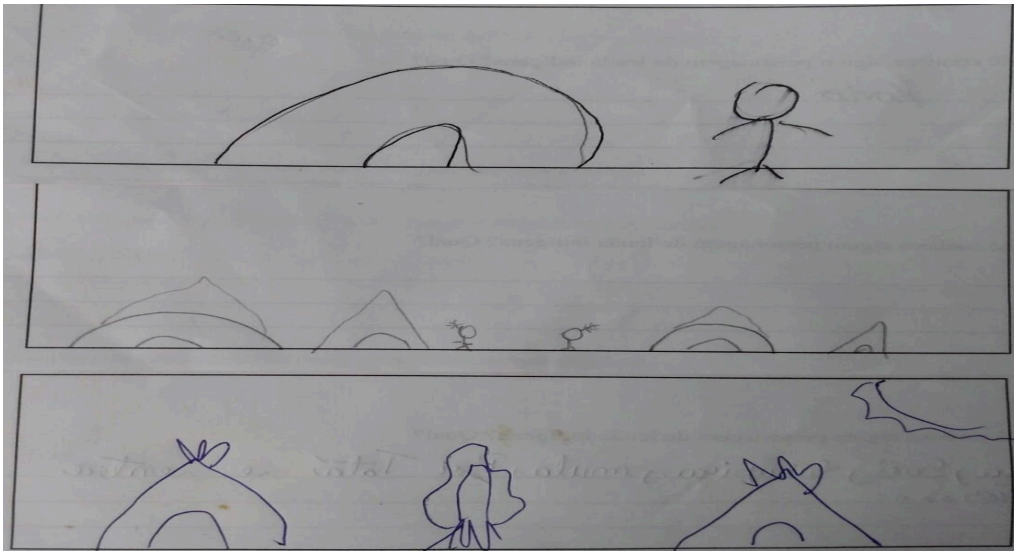
10. *Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?*

Essas respostas reforçam o que defende Souza (2020) acerca do silenciamento do povo Tabajara, haja vista que os jovens da região não estão conseguindo, ainda, reconhecer a existência dessa etnia no território. Dessa forma a interculturalidade na escola existe, pois os estudantes reconhecem que há outras culturas, inclusive culturas indígenas, na medida que são promovidos diálogos como em ações da Oficina Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola. No entanto, ainda é preciso discutir a assimetria social que faz com que os estudantes que compartilham do mesmo território com um povo originário não saibam o nome dessa etnia. Essa discussão só pode ser feita, no nosso entendimento, a partir da interculturalidade crítica e foi possível observar a mudança desse paradigma a partir das respostas dos estudantes à pergunta 2 do Questionário 2 que perguntou se os estudantes lembravam qual etnia foram visitar na aula de campo. O estudante A respondeu que havia sido a aldeia Tabajara; o estudante B que havia sido aldeia Barra de Gramame; e o estudante C que havia sido a aldeia Tabajara. Ao todo, dos 18 estudantes, cinco responderam Tabajara; dez estudantes responderam Barra de Gramame e três responderam lembrar, mas não indicaram nenhum nome. Constatamos através dessas respostas que os estudantes confundem o nome da aldeia com o nome da etnia, mas que compreenderam e reconheceram que há uma etnia originária da localidade.

Na pergunta 11 do Questionário 1 foi solicitado que os estudantes fizessem desenhos de como eles imaginavam que fosse uma aldeia.

11. *Faça um desenho de como você imagina que seja a aldeia.*

Figura 20 - Respostas da pergunta 11 do Questionário 1 dos estudantes A, B e C, respectivamente.



Fonte: arquivo da autora

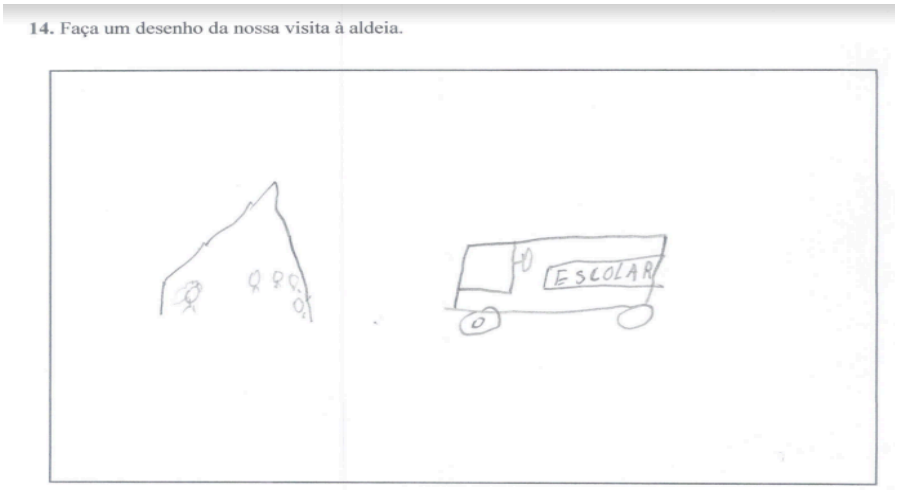
Nas três respostas é possível observar a representação das ocas que foram mencionadas na pergunta nove. O estudante A desenhou apenas uma oca e um boneco de palitos, sem qualquer ornamentação; o estudante B desenhou quatro ocas e dois indígenas com ornamentos na cabeça que lembram cocares, demonstrando algum conhecimento sobre as vestimentas utilizadas pelos indígenas; e o estudante C desenhou duas ocas e uma fogueira, demonstrando algum conhecimento sobre os rituais realizados pelos indígenas que, geralmente, envolvem fogueiras. Não conseguimos concluir nesta pesquisa como surgiu a inspiração para tais desenhos.

Já na pergunta 14 do Questionário 2 os desenhos feitos pelos estudantes já retratam outra realidade, com casas em outros formatos que não em ocas e o transporte escolar que fez o percurso aldeia-escola.

Figura 21 - Resposta da pergunta 14 do Questionário 2 dos estudantes A

Fonte: arquivo da autora

Figura 22 - Resposta da pergunta 14 do Questionário 2 dos estudantes B



Fonte: arquivo da autora

Figura 23 - Resposta da pergunta 14 do Questionário 2 dos estudantes C

Fonte: arquivo da autora

As perguntas um, quatro, 11 e 13 do Questionário 2 trataram de investigar como havia sido a experiência da visita à aldeia para os estudantes. Nas perguntas um e quatro perguntou-se se o que os estudantes haviam achado da visita e qual parte eles mais haviam gostado. Os estudantes A e B responderam, respectivamente, que haviam achado muito bom e muito educacional e divertido na pergunta um e que haviam gostado mais das histórias contadas pelo Cacique. Já o estudante C, que respondeu ter achado muito legal e divertida a visita na pergunta um respondeu na pergunta quatro que gostou da hora do lanche, das brincadeiras, das danças e de ter conhecido à aldeia. Na pergunta 11 os três estudantes afirmaram que gostariam de fazer outra visita à aldeia.

A pergunta 13 foi elaborada com o objetivo de observar as sugestões feitas pelos estudantes de outras atividades que poderiam fazer para conhecer mais sobre a etnia Tabajara. Os estudantes A e C sugeriram que a escola poderia levar eles lá outras vezes e o estudante C complementou sua resposta afirmando que poderiam assistir e escutar mais histórias sobre os Tabajara enquanto o estudante B propôs uma gincana. Foi possível observar com essas respostas o interesse dos estudantes pelas atividades que aconteceram na visita e por realizar outras visitas, além do interesse em ouvir mais narrativas sobre o povo Tabajara.

No próximo capítulo trataremos sobre o produtor de intervenção desta pesquisa que teve por objetivo inserir os estudos das lendas indígenas Tabajara no currículo de língua portuguesa do município de Conde/PB.

5. PRODUTO DA INTERVENÇÃO

Ao narrar suas histórias com os conhecimentos herdados, o Cacique Carlinhos caminha para a preservação da memória do seu povo fazendo importantes reflexões sobre suas práticas cotidianas, o que auxilia no fortalecimento da identidade e tradições da etnia como ressaltam Souza (2020) e Turner (1991). Foi possível fazer essa constatação no capítulo anterior ao percebermos a evolução nas respostas dos estudantes no entendimento sobre outra cultura, mais especificamente a cultura da etnia Tabajara, que compartilha do mesmo território, o município de Conde/PB. Essa evolução foi possível ao se combater a opressão em sua extensão de colonialidade sob a forma de produção de conhecimento.

Constatamos que, com a visita à aldeia e o trabalho com as narrativas míticas na escola pôde-se iniciar a discussão e problematização das fronteiras culturais ao percebermos, por exemplo, como os estudantes conseguiram desmistificar a própria visão que tinham sobre os Tabajaras, observada na mudança dos desenhos feitos na pergunta 11 do Questionário 1 e 14 do Questionário 2, por exemplo. A partir desta constatação notamos que o multiculturalismo foi superado e já se percebem as interculturalidades propostas por Walsh (2009, 2012).

Foi possível perceber nesta pesquisa que a interculturalidade relacional já foi superada e que já se vivencia a interculturalidade funcional na escola de aplicação deste trabalho, conforme demonstramos na seção 2.1 com ações como a oficina *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola.* A visita à aldeia com o roteiro detalhado no capítulo metodológico e o trabalho em sala de aula com os relatos míticos é a nossa proposta como passo inicial para o desenvolvimento de uma interculturalidade crítica que visa discutir a assimetria social e cultural.

No entanto, compreendemos que o desenvolvimento das interculturalidades a partir da decolonialidade não deve acontecer apenas na escola onde esta pesquisa foi aplicada, haja vista que a etnia é originária do município e nos colocamos a pensar como auxiliar as demais escolas do mesmo nível de ensino a desenvolver esse trabalho intercultural.

Observamos que a aplicação dessa prática pedagógica, que visa o estudo da etnia Tabajara, não era prevista no currículo do município e essa falta perpetua um modelo de ensino aprendizagem ideológico voltado para o bem viver do colonizador. Foi a partir dessa constatação que vimos a necessidade de o estudo de narrativas míticas indígenas Tabajara serem inseridas no currículo de língua portuguesa do município de Conde para desconstruir a

matriz colonial, como sugere Walsh com a interculturalidade utilizando a decolonialidade como ferramenta (WALSH, 2009).

A professora pesquisadora deste trabalho foi a responsável pela construção do currículo de língua portuguesa dos 6º anos do município em 2022 e 2023. O texto foi feito alinhando as habilidades e competências sugeridas pela BNCC para o ano de ensino de 2022 ainda sob um olhar que partia da perspectiva decolonial. A construção ocorreu durante a primeira formação pedagógica municipal no mês de janeiro de 2022. Na primeira versão do texto havia a habilidade EF67LP28 da BNCC, porém sem nenhum direcionamento para que o trabalho fosse feito, também, com narrativas míticas do povo Tabajara.

Após esta pesquisa ter sido concluída, foi acrescentado no currículo a especificidade de se trabalhar com essas narrativas por compreendermos a importância da comunidade escolar reconhecer os saberes ancestrais do povo Tabajara através de suas narrativas míticas e não apenas trabalharem o gênero textual de forma descontextualizada com a localidade. Essa mudança de perspectiva foi possível a partir das experiências interculturais que foram sendo observadas ao longo desta pesquisa, como a interculturalidade funcional observada com o projeto *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola* e constatada a necessidade de ações pedagógicas que auxiliassem para que chegássemos à uma interculturalidade crítica por meio da visita à campo e do trabalho interdisciplinar na escola.

A inserção foi proposta no 2º Bimestre nos Eixos Leitura e Oralidade, haja vista que é neste eixo que se encontra a habilidade nos documentos oficiais. Foi anexada ainda a proposta curricular à atividade elaborada e trabalhada pela professora em sala de aula e que se encontra nos anexos desta pesquisa.

Figura 24 - Lendas indígenas Tabajara na proposta curricular de língua portuguesa de Conde/PB

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONDE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ESPORTES E CULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

2º BIMESTRE	Leitura Oralidade Produção de textos Análise linguística	Variação linguística	**(EF69LP55)** Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. **(EF69LP56)** Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.
		Gênero textual: lendas indígenas Trabalhar na habilidade **(EF67LP28)** os relatos míticos Tabajara anexados no drive numa perspectiva decolonial.	**(EF67LP28)** Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores **(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Fonte: arquivo da autora

Com essa proposta curricular, todos os professores de língua portuguesa da rede de ensino do município alinham seus planejamentos para que seja trabalhado em todas as escolas da rede que atendem aos 6º anos do ensino regular o conteúdo e habilidade propostos.

Compreendemos que a quebra da episteme monocultural ao inserirmos as narrativas e saberes locais as quais esses estudantes terão acesso, garantindo seus direitos previstos nos documentos oficiais como a Lei 11.645/2008, a portaria CNE/CEB nº 4/2010 e a Lei nº 9.394/96, é um importante passo para decolonizar gradativamente o currículo do município. Após a alteração o currículo foi encaminhado aos demais professores de língua portuguesa da rede municipal de ensino, para a supervisão e para a coordenação do componente curricular para apreciação e aprovação.

Após aprovada a mudança a professora pesquisadora foi convidada pelo coordenador do componente curricular de língua portuguesa do município para apresentar aos demais professores da rede a inserção das narrativas míticas Tabajara no currículo . A apresentação aconteceu no planejamento mensal do mês seguinte na Secretaria Municipal de Educação, momento no qual a professora pesquisadora relatou a experiência desta pesquisa, indicando quais etapas e metodologias foram utilizadas, quais os resultados haviam obtido e que foram detalhados ao longo desta pesquisa. Na ocasião foi destacada também a importância da visita à campo para desenvolver as interculturalidades, de funcional para crítica, propostas neste trabalho. Foram apresentadas fotos da visita à aldeia, algumas que se encontram neste trabalho, um vídeo com trechos da visita, que também foi disponibilizado para os profissionais da rede via whatsapp e inserido no drive compartilhado do município onde também se encontra a proposta curricular, alguns relatos míticos além do que se encontra neste trabalho intitulado *A cidade encantada* e as atividades trabalhadas de forma interdisciplinar na escola de aplicação desta pesquisa.

Pretendemos disponibilizar aos profissionais em educação do município de Conde este trabalho assim que finalizado para apreciação de todas as etapas do processo da pesquisa, esperando que este trabalho sirva de fundamentação teórica para aplicação de mais projetos similares que também visem diminuir fronteiras sociais que advém do processo de colonização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva funcional é um passo relevante no processo da aplicação de uma pedagogia decolonial, afinal, com o histórico de silenciamento sofrido pelos povos originários, a retomada de seus espaços se dará de maneira gradual. No entanto, é preciso ao se chegar na aplicabilidade de tal perspectiva, como foi o caso da Oficina *Intercâmbio de Saberes: Aldeia <> Escola* realizada na Escola Professora Lina Rodrigues do Nascimento que se comece a planejar novas práticas pedagógicas visando transcender essa perspectiva e alcançar a perspectiva crítica. Esse trabalho não é possível de ser realizado só. É preciso, como dito antes, ser gradual em sua evolução de perspectivas e contar com a ajuda de todos os atores sociais envolvidos: escola, família e comunidade.

Este trabalho gradual começou antes da proposta deste projeto com a aproximação entre os membros da aldeia Barra de Gramame e a comunidade escolar. No entanto, para seguir caminhando para uma interculturalidade crítica não bastava convidar alguns indígenas Tabajara para irem visitar à escola em momentos específicos, onde os mesmos não conseguiam demonstrar plenamente seu bem viver, pois essa prática, que ressaltamos mais uma vez, é valorosa, não é suficiente para a problematização das hierarquias sociais construídas, ação que é possível na medida em que ouvimos as narrativas do próprio povo.

A pedagogia decolonial iniciou-se nesta pesquisa ao ser proposta a visita à aldeia e ser organizado o trabalho interdisciplinar para abarcar as questões que iriam surgir a partir dos novos questionamentos que iriam aparecer mediante o intercâmbio das culturas. Nas aulas de Língua Portuguesa, foco deste trabalho, ir até à aldeia num primeiro momento para ouvir as histórias contadas pelo Cacique Carlinhos, o deixando livre para escolher o quê e como contar sua cultura e modo de vida é uma tentativa de devolver o espaço para a voz que foi silenciada no processo de colonização.

A aplicação do Questionário 1 foi importante para que pudesse ser feito um levantamento prévio do que os estudantes já conheciam sobre as lendas e sobre a etnia para que o planejamento da pedagogia decolonial, que seguiu sequência com a visita à campo, fosse organizado. Com as respostas dos três estudantes prototípicos foi possível identificar que estes ainda possuíam uma visão eurocentrada dos povos originários quando imaginam que os indígenas possam viver só em ocas e nus. No entanto, estes estudantes demonstram compreender que há outras culturas valorosas e que é interessante conhecê-las. Percebemos aí a interculturalidade funcional sendo aplicada.

Foi possível perceber com a visita à aldeia que esta ação foi a primeira aplicação da interculturalidade crítica com os estudantes. Na visita, além dos estudantes terem contato com as lendas, os costumes e vida prática dos indígenas Tabajara puderam, também, ouvir suas narrativas, pois na ocasião o Cacique pôde falar do processo de luta do povo Tabajara para existir enquanto povo e isso pôde ser feito dentro do seu território. A pedagogia decolonial foi aplicada neste momento de forma lúdica, com a contação das lendas de forma adequada para a faixa etária e também de forma crítica, problematizando o porquê da luta Tabajara e do não reconhecimento de seu povo no território.

Ao aplicarmos o Questionário 2 e compararmos as respostas foi possível identificar a mudança de perspectiva que os estudantes tinham antes e depois dessa visita. Os que antes tinham no imaginário uma visão estereotipada do indígena, construída pelo pouco ou nenhum contato com as tradições indígenas, após a visita já construíram um pensamento realístico do bem viver indígena Tabajara. Esse pensamento do real pôde ser construído, também, ao identificarem nas lendas contadas que eles, os estudantes e os Tabajara, compartilhavam do mesmo espaço geográfico que constava nas lendas ouvidas e dos mesmos biomas, como o mangue e a mata.

Com a análise dos dados identificamos a importância para uma pedagogia decolonial, que visa diminuir as fronteiras sociais criadas pelas linhas abissais colonizadoras, de avançarmos de perspectiva intercultural funcional para a crítica, proporcionando aos nossos estudantes a troca de saberes e a problematização das desigualdades sociais que existem em nossa sociedade. Propomos que isso seja feito não apenas na Escola Professora Lina Rodrigues do Nascimento, mas que ações pedagógicas decoloniais como essas sejam proporcionadas por todas as escolas da rede municipal de educação do município de Conde/PB, haja vista que a etnia é originária do município e é direito dos estudantes reconhecerem também a sua história local. Dessa maneira, incluir na Proposta Curricular do Município de Conde/PB de Língua Portuguesa o estudo de lendas indígenas por meio das narrativas míticas Tabajara nos 6º anos do Ensino Fundamental Anos Finais, alinhado ao que sugere a BNCC na habilidade (EF67LP28) foi um importante passo para começarmos a romper com a monocultura eurocêntrica no currículo escolar do município.

Anexamos a lenda que se encontra na íntegra neste trabalho e as sugestões de atividades elaboradas pela professora pesquisadora a esse currículo como material de apoio para que os outros professores de língua portuguesa da rede municipal possam ter acesso, auxiliando em seus trabalhos.

Esperamos, com essas propostas, que o trabalho intercultural continue e que os estudantes e os indígenas Tabajara possam compartilhar do mesmo espaço se identificando, se respeitando e trocando saberes não só institucionalizados, mas do bem viver.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J.P.; SARTORI, J. **O professor autor e experiências significativas na educação do século XXI: estratégias ativas baseadas na metodologia de contextualização da aprendizagem.** In: BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem téorico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha.** Brasilia: MEC, [s.d]. Disponível em: https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf

DELGADO, L. de A. N. (2003). **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** *História Oral*, *6*.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. (Org.). Práticas interdisciplinares na escola. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora. 1991.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. - 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, A. A. S. **Ensino de línguas e educação escolar indígena.** Macapá: UNIFAP, 2019.
KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L.C. **A coerência textual.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

LACERDA, Naziozênio Antonio. **O gênero textual lenda: fantasiando a imaginação de alunos em processo de alfabetização e letramento.** Piauí: Anais do COGITE, 2015. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/10934/6272.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2010.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locales, diseños globales. Colonidad, conicimientos subalternos y pensamento fronterizo.** Madrid: Akal, 2003.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística a linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1 – ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, B. D. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**.** In SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2017, p. 23-71

SANTOS, R. B. d. & SERRÃO, M. C. **Educação Escolar Indígena em Escolas Urbanas: realidade ou utopia?** RELEM – Revista Eletrônica Mutações, jul–dez, 2017.

SIMAS, H. C. P. **Letramento indígena: entre o discurso do RCNEI e as práticas de letramento da Escola Potiguara de Monte-Mór.** João Pessoa: UFPB, 2009.

SOUZA, Juscelino Silva de. **TABAJARA ANDOU NA MATA: Um estudo sobre o papel dos processos técnicos no fortalecimento da identidade indígena no Litoral Sul da Paraíba.** João Pessoa: UFPB, 2020.

TAVARES, M.; GOMES, S.R. **Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial.** Dialogia, São Paulo, n. 29, p. 47-68, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n29.8646>.

THIÉL, Janice Cristine. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/edu_realidade/> acesso em 09/01/23.

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies.** São Paulo: Alfa, p. 39-79, 2007.

TURNER, Mark. **The Literary Mind.** New York: Oxford University Press, 1996.

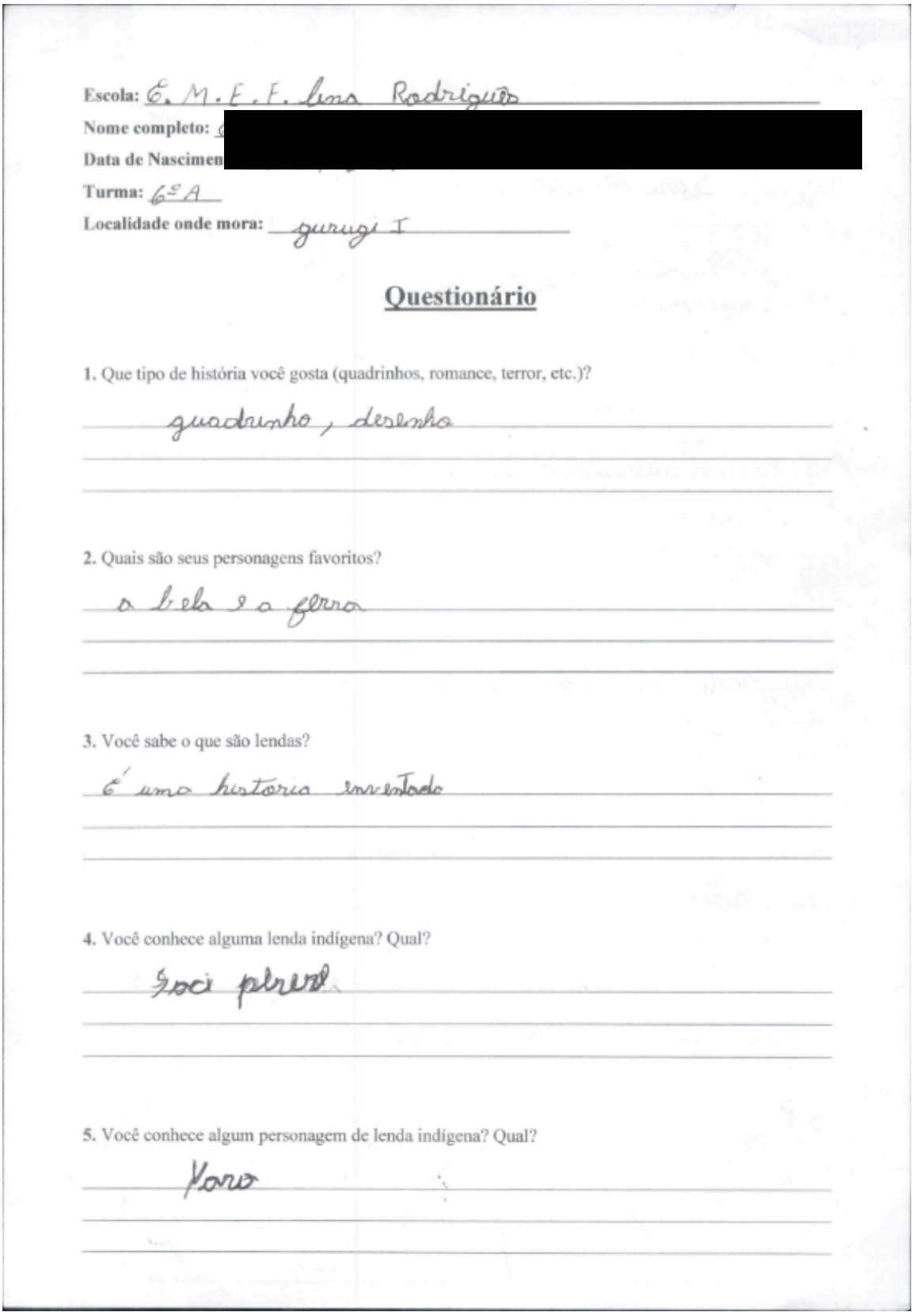
WALSH, C. Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M (org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. 2009. Rio de Janeiro: Novamerica, 2009. p. 12-42.

WALSH, C. **Interculturalidad y (de) colonialidad: perspectivas críticas e políticas.** In: CONGRESSO DA ASSOCIATION POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELE (ARIC) 2009. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412/1511> . Acesso em: 14 nov. 2022.

WALSH, C. **Interculturalidad y (de) colonialidad: Perspectivas críticas y políticas.** Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIOS 1 E 2 E RESPOSTAS DA ATIVIDADE PROPOSTA



Escola: E. M. E. F. Lina Rodrigues

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimen

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: guruji I

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinho, desenho

2. Quais são seus personagens favoritos?

a bela e a ferra

3. Você sabe o que são lendas?

é uma historia inventado

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Yoci pirera

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Yoro

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim minha vó

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Não

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Eu acho que tem ocas

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Lina Rodrigues

Nome completo: [redacted]

Data: 13/10/2022 [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: _____

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

Achei muito Bom

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim, aldeia Tabajara

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim achei que de marrom na oca

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

As parte das historia

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim pajé

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Sim O que aconteceu com eles

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Padre, O pai do mangé

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

padre

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

achei boa pai do mangé

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

mang

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

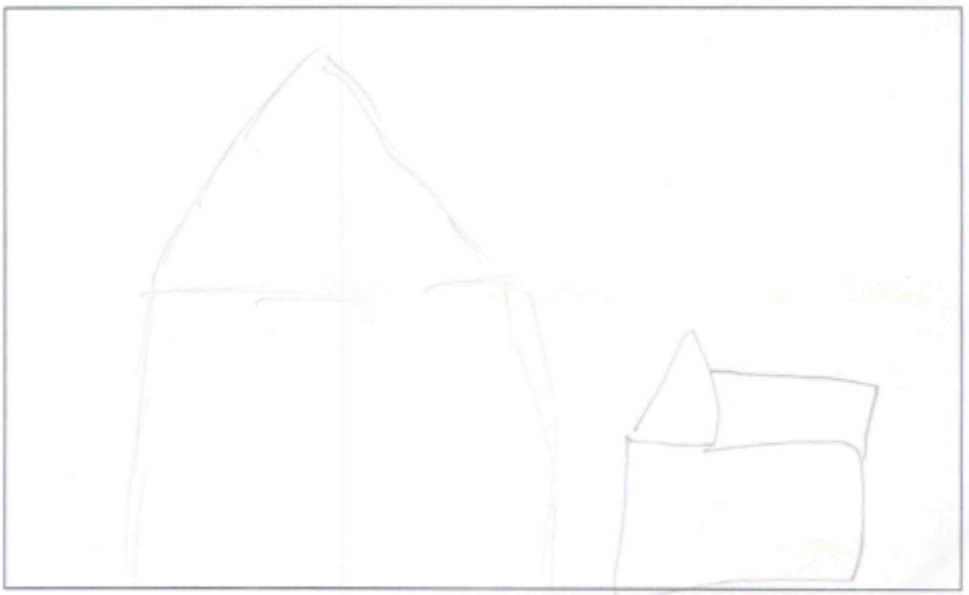
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Não Eu pensei que eles morravam no oco

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Ir lá outros dias

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.



18 . 10 . 2022

[redacted]

Profª Rafaella Félix
Atividade Realizada
(x) Sim ( ) Não
19/10/22

responda

1: O que são lenda indígenas e para que servem?
x uma historia que já aconteceu para
x ser contada pras outras pessoas
x

2: Sobre o que essa lenda fala?
x A cidade encantada
x
x

3º de qual etnia é essa lenda?
x Tabajára
x
x

4º Onde essa etnia está localizada
x Baia de gramame
x
x

5º No lenda são citados as localidade de mituaçu, paripe e gurugi você conhece alguma dessas localidade? Qual? Sim, gurugi, paripe, mituaçu
x
x
x

6º Qual parte da lenda está retratada na imagem
x O caboclo caminhava distraido quando
x chegou em um vilarejo e achou estranho, pois
x nunca tinha passado por aquele lugar antes

Escola: Municipal Leina Rodrigues do nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 20/02/2011 [redacted]

Turma: 6ºano A

Localidade onde mora: Sitio Tijuanga

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinhos

2. Quais são seus personagens favoritos?

batman, flash, naruto, goku.

3. Você sabe o que são lendas?

historias de humanos reais criaturas que não podem ser explicados

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

não

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

não

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

não

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Sim o monitore do meu aniversário

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

grande com muito culturas e diversidades

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Lina Rodrigues do nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 27/10/2022

Turma: 6ª A

Localidade onde mora: Sitio Tipiranga

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

Muito educativo e divertido

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim, aldeia de barra de gramame

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

não

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

dos historias

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim, o pajé

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

As lendas indígenas são muito antigas pois são passadas de geração para geração. Elas servem para passar insinamentos.

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Pai do mangue e padre sem coleiço.

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim, Padre sem coleiço e Pai do mangue

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

legais, Pai do mangue

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

não, um pouco dela.

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

uma gincana

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

n roupas muito diferentes das que o povo da região costumava usar.

Mesmo desconhecendo o lugar, o caboclo encantado com tudo o que via foi caminhando pelo vi
tabuleiros tinham frutas muito bonitas. Resolveu comprar 5 laranjas do céu para levar para sua nam
ao tentar pagar o dono do tabuleiro disse que ali não aceitavam dinheiro e que ele podia levar as la
n pagar por elas. O caboclo então pegou as laranjas, agradeceu e seguiu caminhando. Mais na frente
na **bodega** para limpar a garganta com uma bebida e fumar um cigarro e mais uma vez ao tentar
aceitaram seu dinheiro.

O caboclo então seguiu seu caminho pela cidade com as laranjas para a casa de sua namora
gando no fim da rua, quando se virou para trás, todas as
es se apagaram. Ele percebeu que estava dentro da mata.
gicamente aquele vilarejo havia desaparecido.

O caboclo não conseguia explicar o que havia
ntecido e não havia sinais desse vilarejo. Era uma cidade
antada. Ao chegar em Gurugi contou essa história para
os de lá e até hoje se fala dessa cidade.

abulário:

deeiro: utensílio de formatos variados que, contendo líquido
bustível e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar.

ega: pequena venda de secos e molhados.

Profª Rafaela ...
Atividade Realizada
(x) Sim ( ) Não
19/10/22

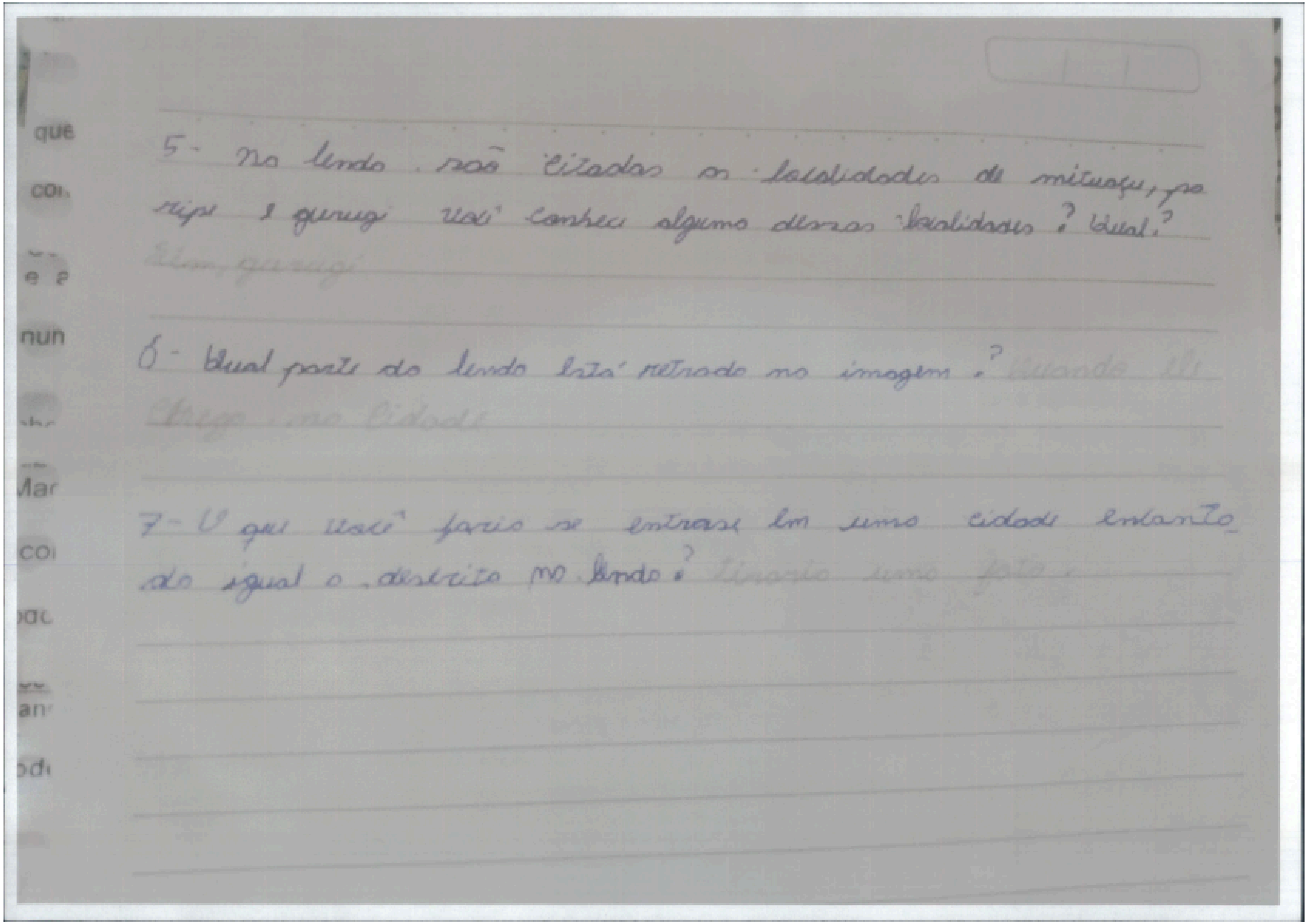
[redacted] Responda

1- O que são lendas indígenas e para que servem? São historias co
Tadas desde muito tempo atraz. Para preservar as culturas de
muito tempo atraz.

2 - Sobre o que essa lenda fala? Sobre uma cidade encantada

3 - De qual étnia é essa lenda? Tabajara

4 - Onde essa etnia stá localizada? na mata



5- no lendo, são citadas as localidades de mituaçu, pa-
ripe e gurugi você conhece algumo dessas localidades? qual?
Sim, gurugi

6- Qual parte do lendo está retrado na imagem? Quando ele
chega na cidade

7- O que você farío se entrase em uma cidade encanta-
do igual a descrito no lendo? Tirarío uma foto.

Escola: Profª Lúcia Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 18/10/2022

Turma: 6º ano A

Localidade onde mora: Jurugi / Sítio Ipiranga

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

Muito legal e divertida.

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

A Aldeia Tabajára.

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim, as casas, as roupas. Lá é melhor de onde a gente mora.

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

A hora que a gente comeu, brincou, dançou, e conheceu a aldeia.

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

O Cacique contou a lenda do Bode Padre com cabeça, pai do mangue, Bill das cobra.

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Sim, para animar as pessoas contando as lendas.

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Todos que o Cacique contou.

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Bode Padre com cabeça, pai do mangue, Bill das cobra, comadre florzinha.

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Bill das Cobra

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Terra encantada, Praia do amor.

Escola: E.M.E.F Profª Laina Rodrigues do Nascimento.

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 06/05/2010 [redacted]

Turma: 6° ano A

Localidade onde mora: Jurugi / Ipiranga.

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinhos, romance, comédia.

2. Quais são seus personagens favoritos?

Turma da Mônica, Barbie, Titãs, liga da justiça, Ben10, Max, Dora Aventureira, Super Girl, Pinhead the Show, Hatsune Miku.

3. Você sabe o que são lendas?

São histórias contadas por geração em geração. Lendas não existe são só pra assustar as pessoas que querem maltratar a natureza.

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Sereia Iara, Saci Pererê, Curupira, mula sem cabeça, a lenda da macaxeira, Boi Tatá e entre outros...

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Iara, Saci, Curupira, mulas Boi Tatá e entre outros...

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim, os professores.

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Índia Tai.

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

Não, vou visitar uma no sábado.

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Cheia de oca, muitas plantas, animais, culturas, tradições, tesouros.

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

Não sei

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim, para tomar banho de rio
Sim, para comer o bolo formigueiro com refri.

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Não, quando cheguei lá tinha, postes, casas, eles usavam roupas igual a nós, celulares e muito mais...

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Irmos mais lá, assistir e escutar muitas histórias sobre os Tabajaras.

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

Profª Rafaella Félix
Atividade Realizada
Sim Não

18/10/22

[redacted]

Responda:

1º) O que são lendas indígenas e para que servem? Todas desde muito tempo atrás e para preservam as culturas de muito tempo atrás.

2º) Sobre o que essa lenda fala? Sobre a cidade encantada.

3º) De qual etnia é essa lenda? Tabajara.

4º) Onde essa etnia está localizada?
na mata.

5º- Na lenda são citadas as localidades de Mituaçu, paripe e Jurugi. Você conhece alguma dessas localidades? Qual?

Sim, gurugi

6º Qual parte da lenda está retratada na imagem? a cidade encantada

7º O que você faria se entrasse em uma cidade encantada igual a descrito na lenda lido?

tiraria umá [illegible]

Escola: Lina Rodrigues

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 17/03/2013 [redacted]

Turma: 6° ano A

Localidade onde mora: Sitio guriugi

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

romance, Terror, ação

2. Quais são seus personagens favoritos?

liga da justiça

3. Você sabe o que são lendas?

lendas são umas historias que são mitos fic mas muito gente acredita

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

não lembro

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

curupira

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

não sei

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

não

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

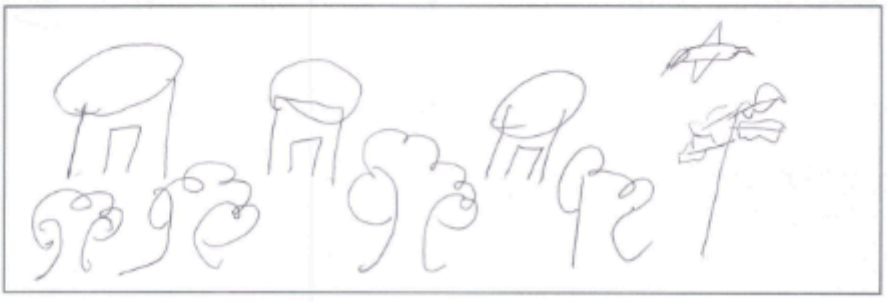
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

com oca bicho larva
eles comem eles fazem madon
Loca

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: Lina Rodrigues do nacimento

Nome completo: [redacted]

Data: 12/10/2022 [redacted]

Turma: 6º A

Localidade onde mora: sitio gurugi

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

muito legal agente ouvio histor i se pintol

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

aldeia Barra de gramame
Sim

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

achei que Teria varias ocas

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

as historias i oi pintar

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

sim minha avô

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

para Entender sobre as histo ria

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

pai do mangue, padre sem cabeça

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim, pai do mangue, padre sem cabeça, bode preto cuspindo fogo

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

muito boas, pai do mangue

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Sim

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim muitas

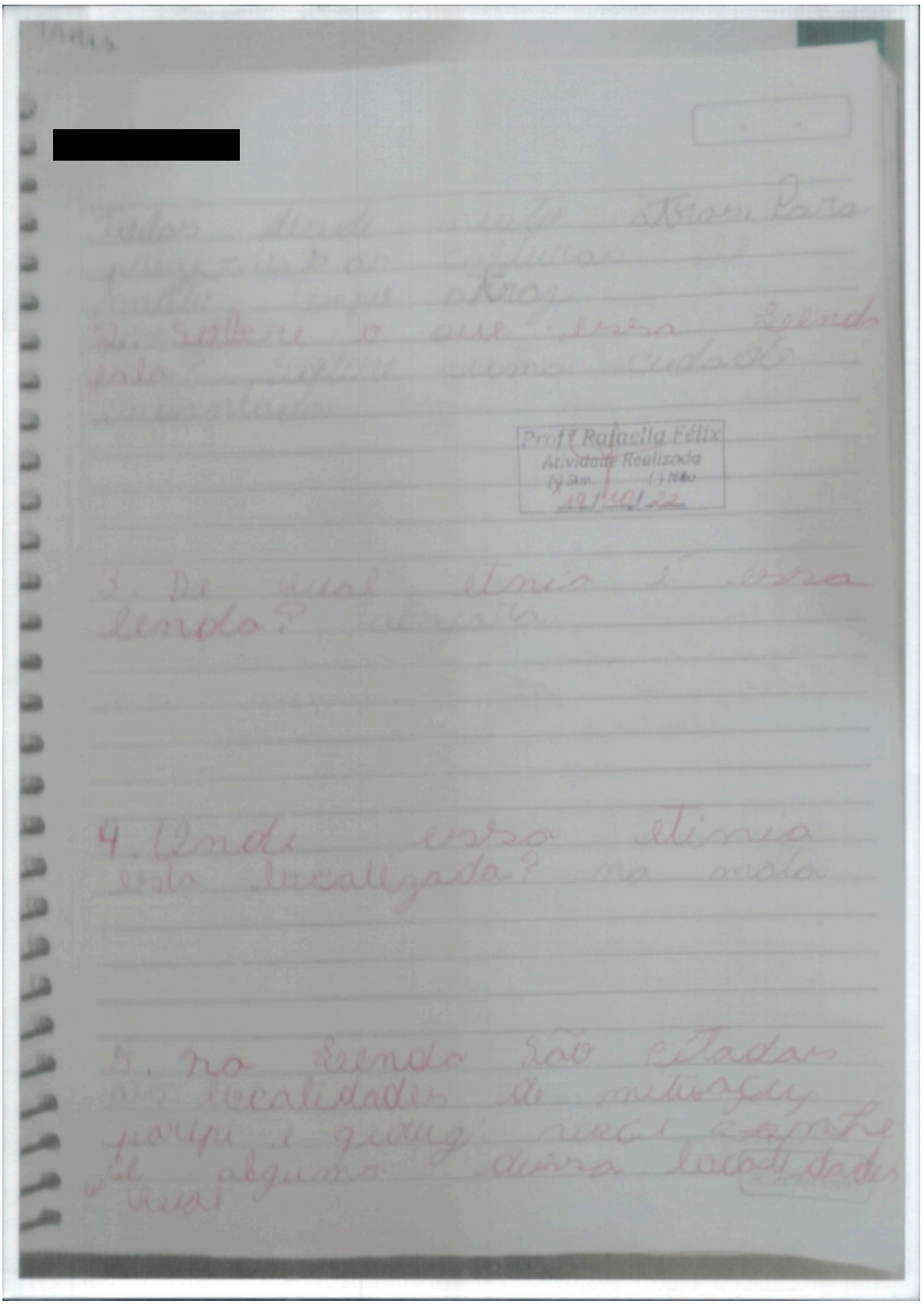
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

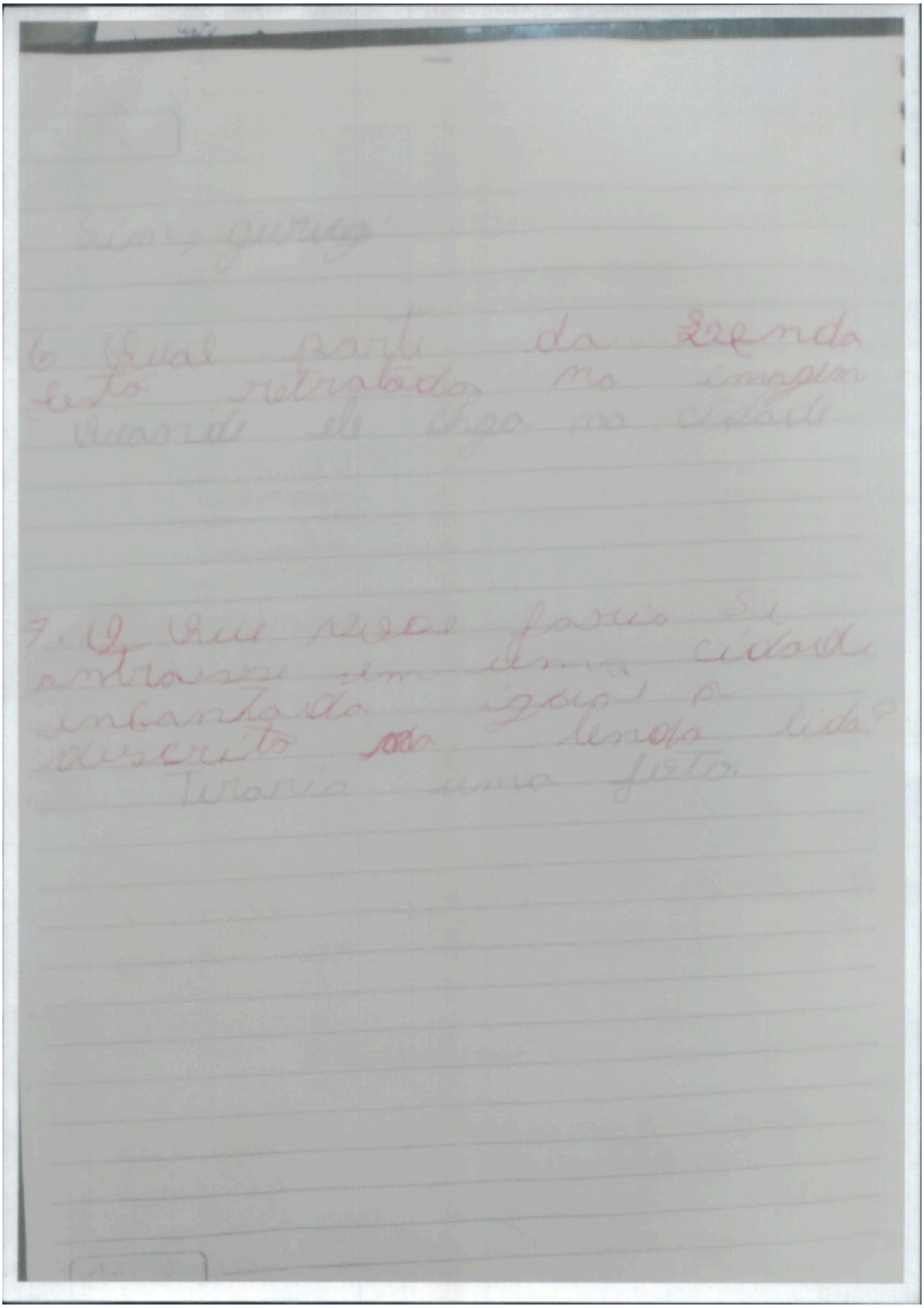
não, não Tem ocas só uma oca achei que as casa eram Todas di oca

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

vivir la ne ai agente entendia mas!

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.


Profª Rafaella Félix
Atividade Realizada
(X) Sim ( ) Não



Sim, gurug.

6 Qual parte da Lenda esta retratada na imagem
Quando ele chega na cidade

7. O que você faria se entrasse em uma cidade encantada igual a descrito na lenda lida?
Tiraria uma foto

Escola: Lina Rodrigues do nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 11/03/2011 [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: Guruge

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

Terror mistura do com comedia

2. Quais são seus personagens favoritos?

não lembro

3. Você sabe o que são lendas?

Sim

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Sim, saci-Pererê

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

mula sem cabeça.

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim, meu avô.

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

não

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Com oca, homens pescando, crianças brincando e mulheres fazendo a comida e cuidando da casa

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 11/03/11

Turma: 6° A

Localidade onde mora: Guarujá

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

Foi muito legal, tudo, gostei muito

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim. Barra de Gramame

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

as Roupas e os Costumes

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

Lanches depois do Lanches

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim. Pagé

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Eleis

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Curumade florzinha, Paí do mangue

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Paí do mangue

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Paí do mangue

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não Sei

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

não ? mais ou menos

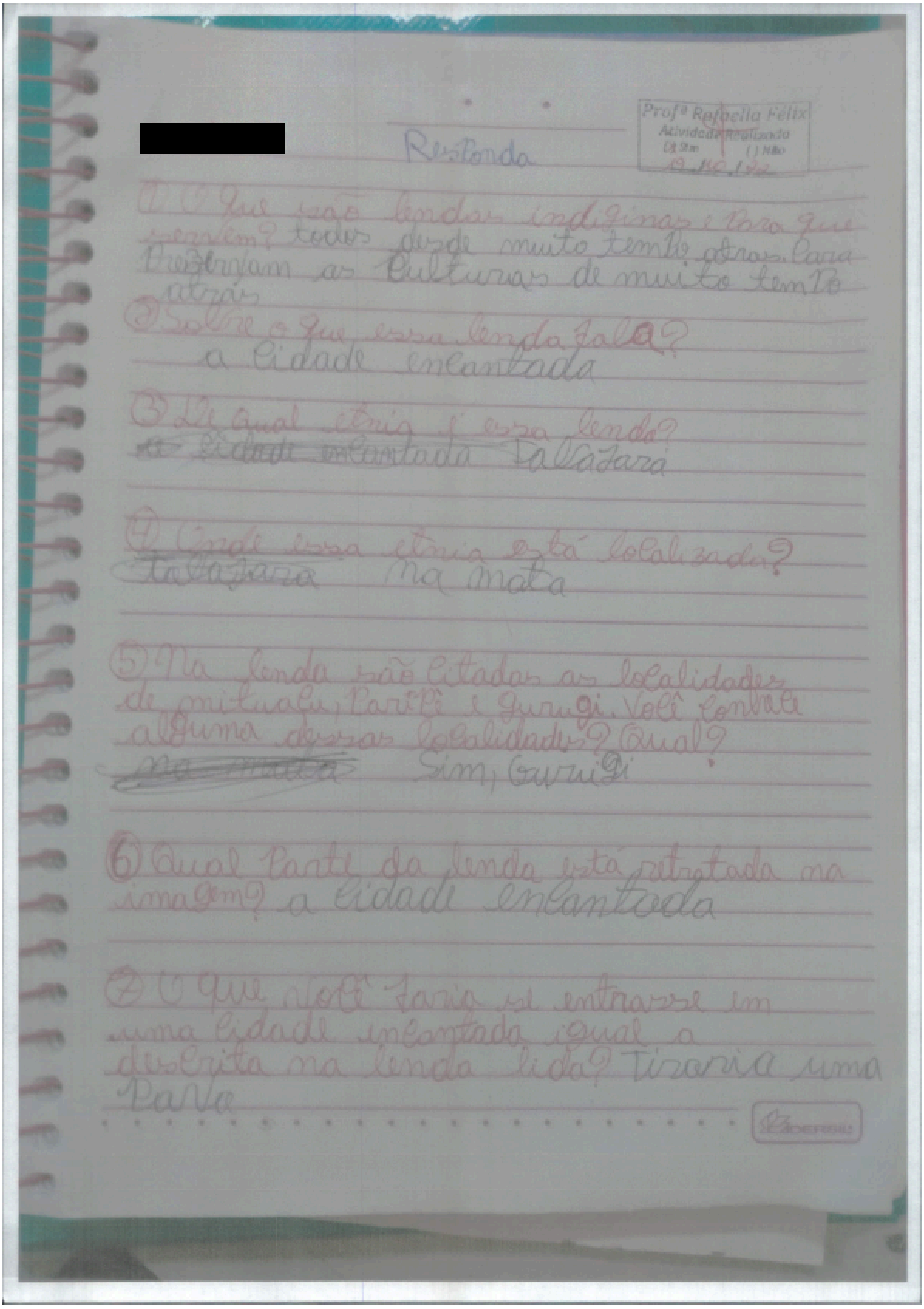
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

é Sim.

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não Sei

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.



[redacted]

Responda

Profª Rafaella Félix
Atividade Realizada
(X) Sim ( ) Não

1) O que são lendas indígenas e para que servem? todos desde muito tempo atrás. Para preservam as culturas de muito tempo atrás

2) Sobre o que essa lenda fala?
a cidade encantada

3) De qual etnia é essa lenda?
~~a cidade encantada~~ Palatará

4) Onde essa etnia está localizada?
~~Palatará~~ na mata

5) Na lenda são citadas as localidades de mituaçu, Paripê e gurugi. Você conhece alguma dessas localidades? Qual?
~~na mata~~ Sim, Gurugi

6) Qual parte da lenda está retratada na imagem? a cidade encantada

7) O que você faria se entrasse em uma cidade encantada igual a descrita na lenda lida? Tiraria uma Parva

Escola: Lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 04/06/2011 [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: _____

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

romance

2. Quais são seus personagens favoritos?

não sei

3. Você sabe o que são lendas?

não mim lembro o que é

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Saci Perere Iara e o lido cor de rosa

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Saci Pererê

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim minha mãe

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

não conheço

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Eu imagino que lá é muito lindo com varias ocas e ervas ~~ate~~ medicinal

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não sei

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 13/10/2022

Turma: 6º Ano

Localidade onde mora: Sitio Ibiranga

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

muito interesante

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

sim. A Barra de Gramame

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

não

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

a parte das historia

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim. Pagé arto

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

não sei

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

a cumade blozinha, Padre sem calbesa e Pai do mange

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim, a cumade blozinh, Padre sem calbesa e Pai do mange

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

muito interesante. o Pai do mange

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não sei

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

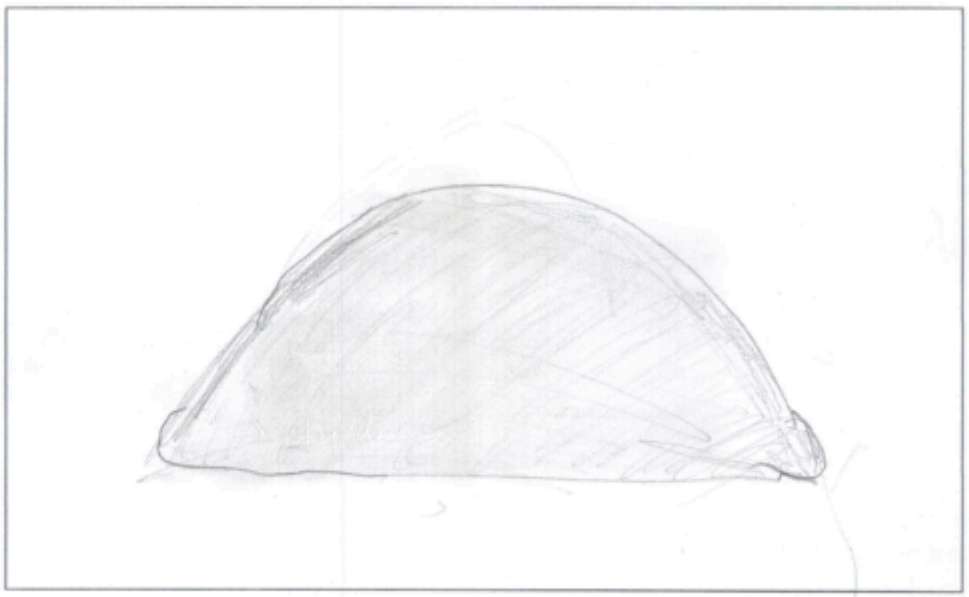
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

não eu imaginarto quela era * feia de ocas

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não sei

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.



Escola: Lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: ___/___/_____ [redacted]

Turma: 6 ano

Localidade onde mora: Guaraci

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

terror

2. Quais são seus personagens favoritos?

Bob esponja

3. Você sabe o que são lendas?

Sim mula sem cabeça

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

não sei

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

não

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

mãe avó

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

o índio

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

muitos índio

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Lina Rodrigues do nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: ___/___/_____

Turma: 6 - A

Localidade onde mora: Guriri

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

é legal tem muitas lindas artesanatos etc

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Barra de Garmame
Sim etc

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

as lendas etc

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

o cacique

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

por dar susto

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

o padre sem cabeça

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

mula sem cabeça e pai do mostro

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

o boto cortia fogo

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

na ponte e na rio

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim muito

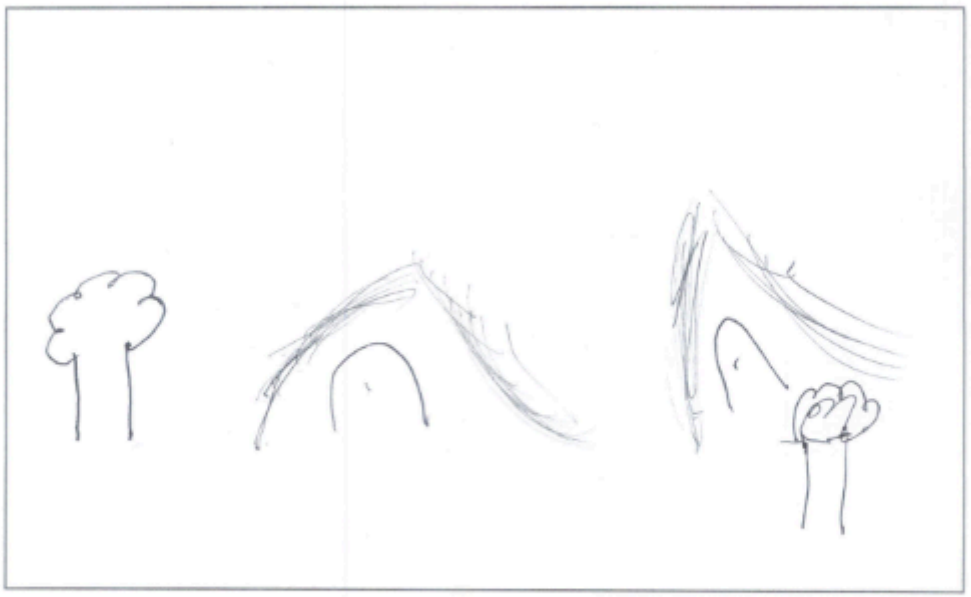
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

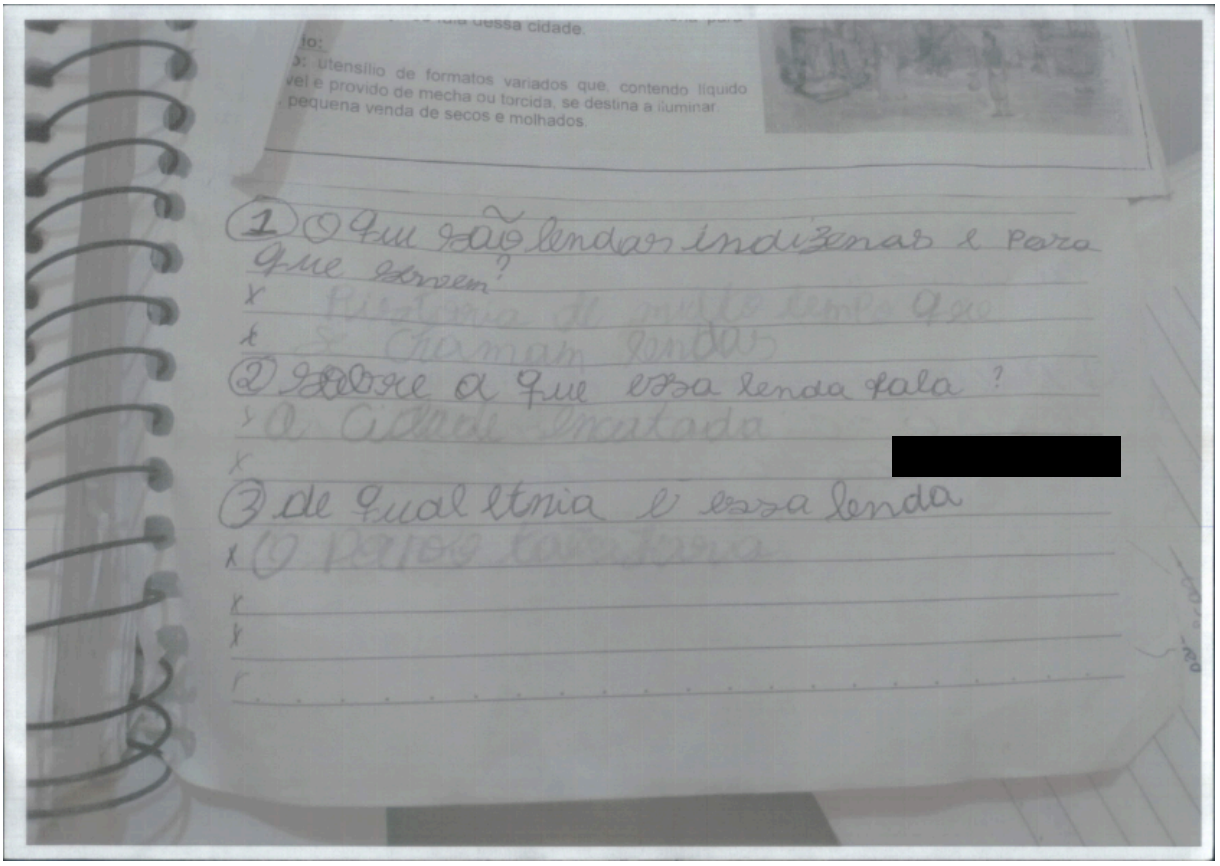
Não casa

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Pescaria

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.




dessa cidade.
lo:
: utensílio de formatos variados que, contendo líquido
vel e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar.
pequena venda de secos e molhados.
1 O que são lendas indígenas e para
que servem?
2 Sobre o que essa lenda fala ?
3 de qual etnia é essa lenda

[redacted]

Extra

Profª Ro[illegible] Félix
Atividade realizada
[x] Sim [ ] Não
[illegible]

lenda do curupira
lenda boi tata
lenda do boto
lenda da iara
lenda gralha azul
lenda do caipora

4. Onde essa etnia esta localizada?
[illegible]

5 na lenda são citadas as localisadas de ribeirinhas Paripe e Suruca. você conhece algumas dessas localidades quais
Paripe

6 Qual parte da lenda esta relatando na imagem
[illegible]

7 O que você faria se estivesse em uma cidade encantada igual a descrita na lenda lida
[illegible]
eu ficaria assustada

Escola: municipal professora lina rodrigues do nacimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 08/04/2033 [redacted]

Turma: 6º A

Localidade onde mora: pitiu guruji

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

terro comedo

2. Quais são seus personagens favoritos?

mula sem cabeça

3. Você sabe o que são lendas?

Não Sei

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Não

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Não Sei

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Não

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

Não

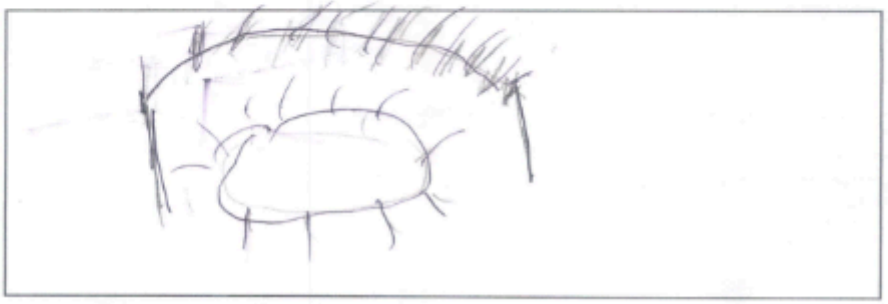
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Eu não sei

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

Não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: monicipae professoro lina rodriguẽs do nascimento
Nome completo: [redacted]
Data: 27/10/2022 [redacted]
Turma: 6ºA
Localidade onde mora: citil gurugi

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

eu gostei de ve o casique comeno bolo melacia e tambem foi dirvertido

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

eu achei que la a casa de la e bom e tabem quando agente vai pra dibaixo ai fais cilcio a gente corre

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

de Bricar de comer bolo refrigerante melacia

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim. para comer o bolo formigueiro com refri...

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

não. quando cheguei lá tinha postes, carros eles usavam roupas igual a nós, celulares e muito mais...

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

a com madre floresta

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

do padre em capela

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

do padre do mangue

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim.

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

era do jeito que eu imaginava.

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não quam do agete chegou la tinha festa

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

Tinha casa tambem

26 09 2011

[redacted]

danças da Região Norte

a região norte é a mior do Brasil

Atividade 2º Card

Portugues

Prof. Rafaela Felix
Atividade Avaliada
60 Sem 1 Trim
19/10/12

1º O que são lendas indigenas e para que servem? São historias com todas desde muito tempo atraz, para prezervem as cultura de muitos tempos atraz

2 Sobre o que essa lenda fala? xx Sobre demonio encantado

3º De qual etnia é essa lenda? xx Tatazaro

4º Onde essa etnia esta localizadas? xx no mato

5º Na lenda são citadas as localidades de mituaçu, paripe e gurigi você conhece alguma dessas localidades? Quais?

6º Qual parte da lenda está retratada na imagem? xx quando eu chego na cidade

Escola: Lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 4/10/2022 Sexo: F ( ) M ( )

Turma: 6º A°

Localidade onde mora: ________________

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

terror, comeda

2. Quais são seus personagens favoritos?

ana Bella

3. Você sabe o que são lendas?

O, a, os, as, um, uns, umas

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

não

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

não

Escola: Lina Rodrigês do Nacimeto

Nome completo: [redacted]

Data: 13/10/2022 [redacted]

Turma: 6º Aº

Localidade onde mora: Gurugi

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

achei muito legau e foimuto bom

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim achei que ele moravo no oca

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

a cumida e a história

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

cacique

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

não

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

O pai de mangue

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

não

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

legal. O pai de mangue

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

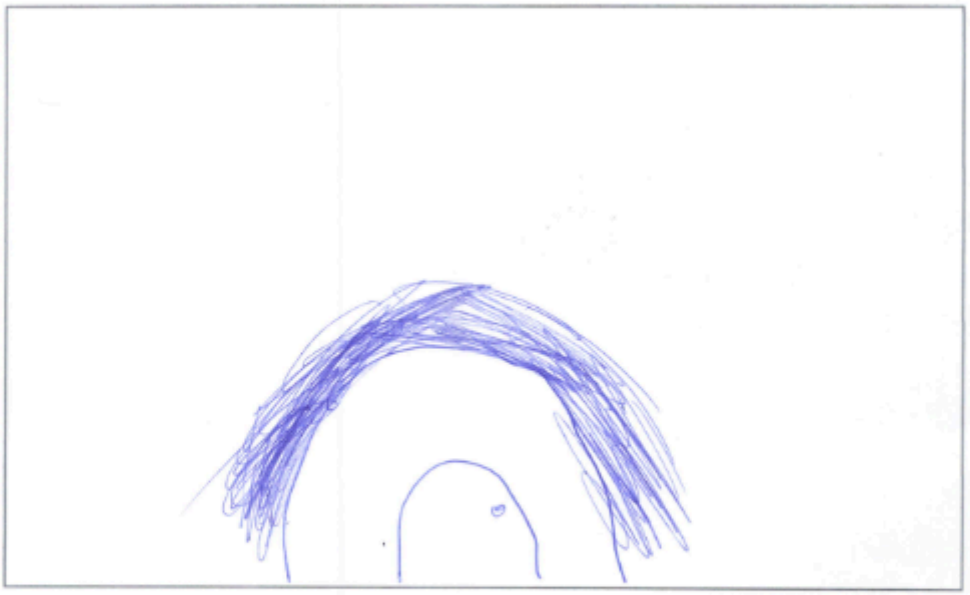
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Sim

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Sim

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.



Escola: Escola Lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 20/08/2022 [redacted]

Turma: 6° ano

Localidade onde mora: Guruge

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinhos e romance

2. Quais são seus personagens favoritos?

cinderela, rapunzel

3. Você sabe o que são lendas?

sim

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

sim. saci-pererê

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

sim. yara

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim. minha vó

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

não.

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não.

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

eu imagino que tem oca e uma floresta, indio e só.

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não.

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: _____

Nome completo: [redacted]

Data: ___/___/_____

Turma: 6º Ano

Localidade onde mora: gurugi

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

achei legal e aprendi muito.

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim. Barra de Gramame.

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

os costumes deles, eles usam as quelas pintura fazem aquelas rituais

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

o lanche eu amei.

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim. Cacique

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

elas servem para relatar acontecimentos passados.

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Padre sem cabeça, o pai do mangue e outros.

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim. Padre sem cabeça, Pai do mangue e outros.

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Legal. Padre sem cabeça.

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Sim.

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

não mas todo eu achei que eles não usavam roupas.

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não sei

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

[redacted]

Respostas.

1- Tudo ainda muito tempo atrás. Porque perderam a cultura de muito tempo atrás.

2- Sobre a cidade encantada.

3- Tabatinga

4- Na mata

5- Sim, [illegible]

6- A cidade encantada

7- Ficaria com medo e nunca mais voltaria lá.

Prof.ª Rafaella [illegible]
Atividade Realizada
(X) Sim ( ) Não
[illegible]/10/[illegible]

Escola: Lina Rodrigues Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 13/08/22 **Sexo: F ( ) M ( )**

Turma: 6 A

Localidade onde mora: Sitio Guruge

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

muito ligal, la tem muitas casas

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim. A Barra de Gramame

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim. Eu pensei que la ia ter muitas Ocas, que lles iam usar folha no lugar das Roupas

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

As tatuagens e as historias

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim. o Pajé

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Elas são sim para relatar acontecimentos que aconteceu no passado

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

o Padre sem cabeça o Pai do Mangi

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Lembro de todas

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Do Pai do Mangi

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Sim. o mangi

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Não. Eu pensei que la ia ter varias ocas

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Uma visita mais completa

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

[redacted]

Responda

Profª Rafaella
Atividade Realizada
( ) Sim ( ) Não
12/

1. O que são lendas indigenas e para que servem
As lenda fazem parte da nossa cultura
Elas servem para informar [illegible]

2. Sobre o que essa lenda fala?
Sobre uma cidade que era encantada

3. De qual etnia é essa lenda?
Da etnia [illegible]

4. Onde essa etnia esta localizada?
[illegible]. Em uma mata que fica entre
gurugi e Paripe

5. Na lenda sao citadas as localidades de mutuaçu
Paripe e gurugi. Você conhece alguma dessas
localidades? Qual? Sim. Conheço todas elas

6. Qual parte da lenda esta localizada na imagem
A cidade encantada

7. O que você faria se entrasse em uma cidade
encantada igual a descrita na lenda. Se eu
soubesse que era encantada ficaria com [illegible]

www.cadersil.com.br

Escola: Lenna Rodrigues Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 25/08/2010

Turma: 6º A

Localidade onde mora: Sitio guruagi

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

gosto de ação e quadrinho

2. Quais são seus personagens favoritos?

quadrinho: Monica, Cascão, Absolinha
ação: Homem Aranha, Mulher Maravilha

3. Você sabe o que são lendas?

Lenda é uma historia que não sabemos se é verdade

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

não conheço muitas Lendas mas tem a do Saci pererê

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Sim. A Jara

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Meus avos.

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Não

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

Não

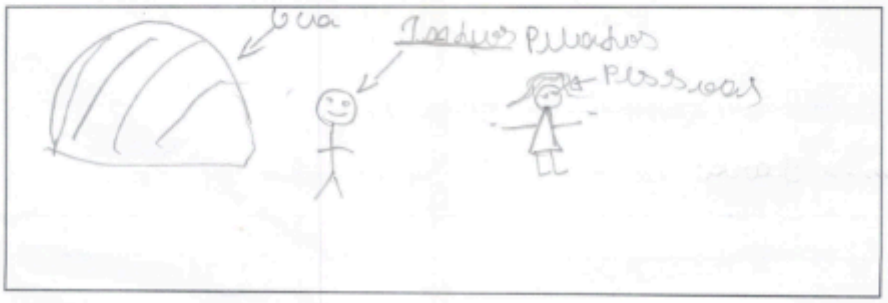
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Casa, arvores, Indios, Pessoas,

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

Não sei

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: lina rodrigues de nascimento
Nome completo: [redacted]
Data de Nascimento: 24/10/2022 [redacted]
Turma: 6 A
Localidade onde mora: Sitio guruji

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

eu gosto da cumade ~~flo~~ florzinha

2. Quais são seus personagens favoritos?

o patu de tres orelha

3. Você sabe o que são lendas?

uma pessoa que fez as Historias

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

iara e ~~a~~ lenda indigena

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

curupira

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim os professores ja falou

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

indio Iai

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não visitei ainda

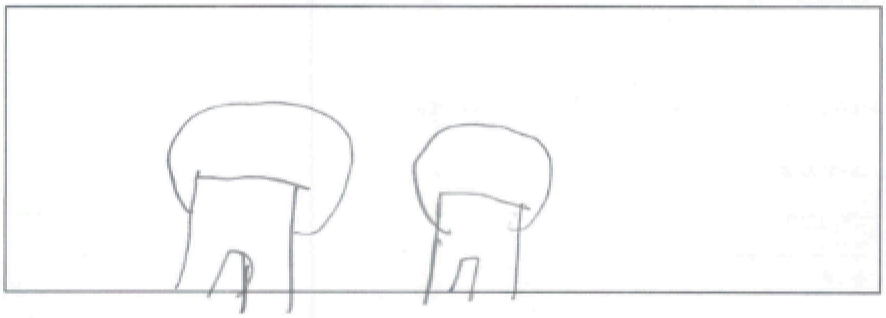
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

legal de visitar

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não Sei não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: Lina Rodrigues do nascimento
Nome completo: [redacted]
Data:___/___/_____ Sexo: F ( ) M ( )
Turma: ______
Localidade onde mora: Sitio Gurugi

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

lá é muito legal divertido de mais memo

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim A aldeia barra de gramamal

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

os costumes

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

A parte da que ele estava contando as historias

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim meu avô

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

para Entêdes Sobre as historias

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

não

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

pai do mangue e Comade florzinha

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

todas foi ótimas mais eu gostei mais do pai do mangue

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim muito

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

não

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Sei lá

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

Escola: [redacted] Beatriz do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 12 / 09 / 2017

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: Jacumã

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinho

2. Quais são seus personagens favoritos?

Nenhum

3. Você sabe o que são lendas?

Não sei

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Não conheço nenhuma

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Não

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Nunca ouvi

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

conheço, não me lembro o nome

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

Já, não me lembro o nome

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

Tabajara

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Sirca Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: ___/___/_____

Turma: 6ª A

Localidade onde mora: _____

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim, aldeia dos tabajaras

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Não, porque eu ja fui lá.

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

A comida, e tambem os contos

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim, o cacique.

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

O padre sem cabeça, eram entidades que serviam para proteger o local.

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

O padre sem cabeça

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim, Padre sem cabeça e o Bode que soltava fogo.

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Boas, O padre sem cabeça.

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Não.

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Gostaria de ir na aldeia depois.

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Era igual, eu sabia como era.

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Ler contos dos tabajaras e a história deles.

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

Escola: Sina Rodrigues do Nascimento
Nome completo: [redacted]
Data de Nascimento:____/____/______ [redacted]
Turma: ________
Localidade onde mora: ____________________________

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

Sim

2. Quais são seus personagens favoritos?

minha família

3. Você sabe o que são lendas?

lenda é uma mãe de terra queuja

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Sim

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

aluando da bratão a lenda do rua

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

não

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

nao

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

Lorá que ujelo morlia

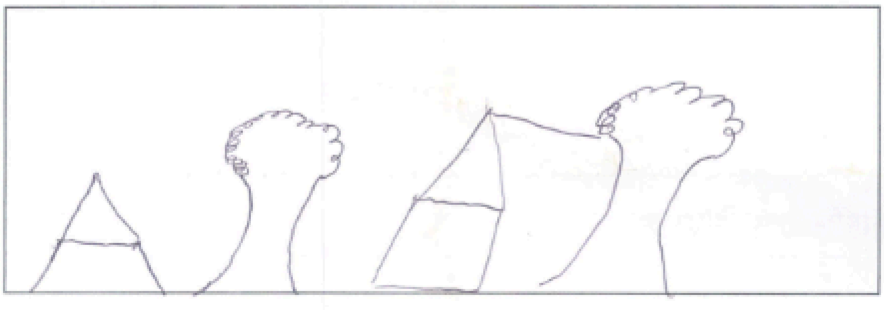
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

não

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

nav

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: Lica Rastrugi a

Nome completo: [redacted]

Data: 13 / 10 / 2022 [redacted]

Turma: 6 A

Localidade onde mora: gurugí

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

c cher muito legau e fatmutu bom

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

não

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

nao

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim.

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Sim

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

não

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

não

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Sim

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Sim

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Não

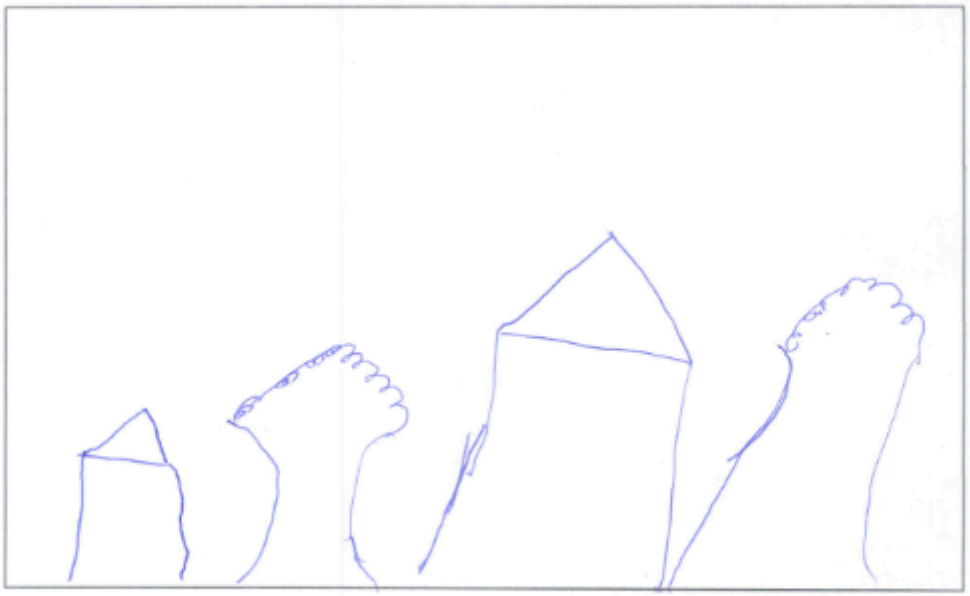
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

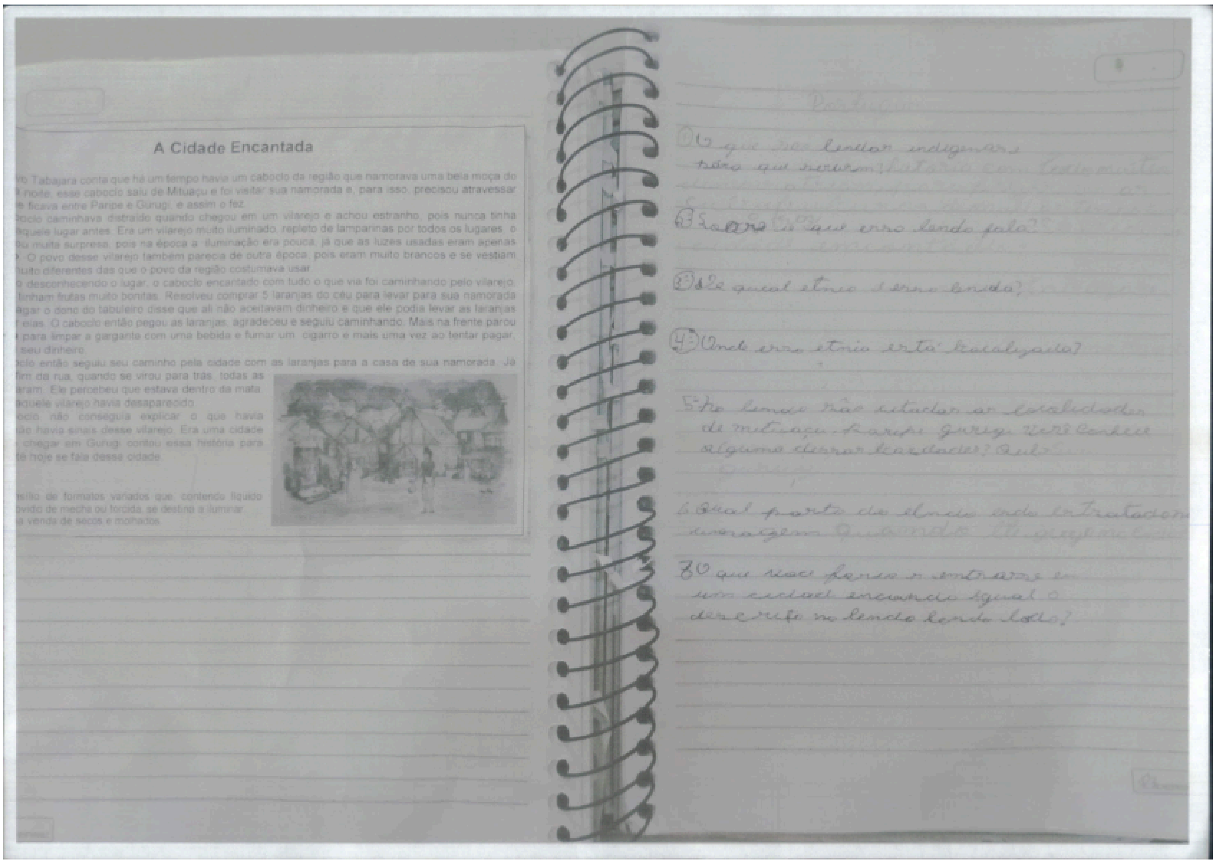
Sim

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

Sim

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.





A Cidade Encantada

vo Tabajara conta que há um tempo havia um caboclo da região que namorava uma bela moça do
 noite, esse caboclo saiu de Mituaçu e foi visitar sua namorada e, para isso, precisou atravessar
e ficava entre Parpe e Gurugi, e assim o fez.
oclo caminhava distraído quando chegou em um vilarejo e achou estranho, pois nunca tinha
quele lugar antes. Era um vilarejo muito iluminado, repleto de lamparinas por todos os lugares, o
ou muita surpresa, pois na época a iluminação era pouca, já que as luzes usadas eram apenas
. O povo desse vilarejo também parecia de outra época, pois eram muito brancos e se vestiam
uito diferentes das que o povo da região costumava usar.
o desconhecendo o lugar, o caboclo encantado com tudo o que via foi caminhando pelo vilarejo.
tinham frutas muito bonitas. Resolveu comprar 5 laranjas do céu para levar para sua namorada
agar o dono do tabuleiro disse que ali não aceitavam dinheiro e que ele podia levar as laranjas
 elas. O caboclo então pegou as laranjas, agradeceu e seguiu caminhando. Mais na frente parou
 para limpar a garganta com uma bebida e fumar um cigarro e mais uma vez ao tentar pagar,
 seu dinheiro.
oclo então seguiu seu caminho pela cidade com as laranjas para a casa de sua namorada. Já
fim da rua, quando se virou para trás, todas as
aram. Ele percebeu que estava dentro da mata.
quele vilarejo havia desaparecido.
oclo não conseguia explicar o que havia
ão havia sinais desse vilarejo. Era uma cidade
 chegar em Gurugi contou essa história para
té hoje se fala dessa cidade.

silio de formatos variados que, contendo líquido
ovido de mecha ou torcida, se destina a iluminar.
a venda de secos e molhados.

4- Onde essa etnia está localizada?

Escola: Nina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 11 / 10 / [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: RICK CHALI

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

NÃO

2. Quais são seus personagens favoritos?

NÃO

3. Você sabe o que são lendas?

Sim, são histórias

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

Sim, O Saci, BOITATÁ, [illegible]

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

Sim, SACI, BOITATÁ, CURUPIRA, BOTO COR ROSA

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Sim

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

NÃO

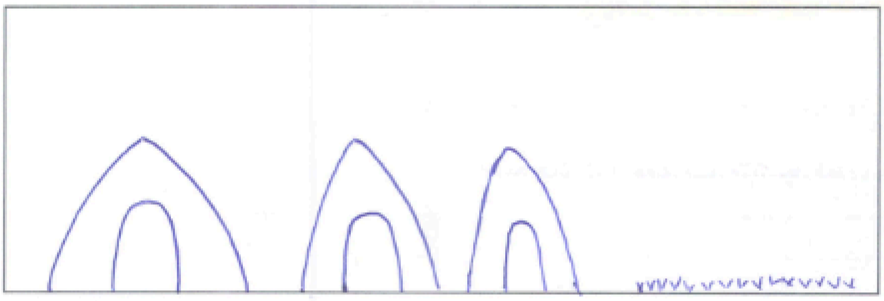
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

muito planta [illegible] 2 o OCAS

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

NÃO

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: Lina rodrigues da nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 13/10/2022 [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: RICK CHALI

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

Legau

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim, Aldeia barra de gramame

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim, as casa

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

eu gostei do [redacted] e de lendo

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

Sim, o pai.

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

Sim, [illegible]

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

Sim, o pai do mato, padre sem cabeça

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim, o pai do mato, padre sem cabeça

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Legal, padre sem cabeça

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

Sim

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

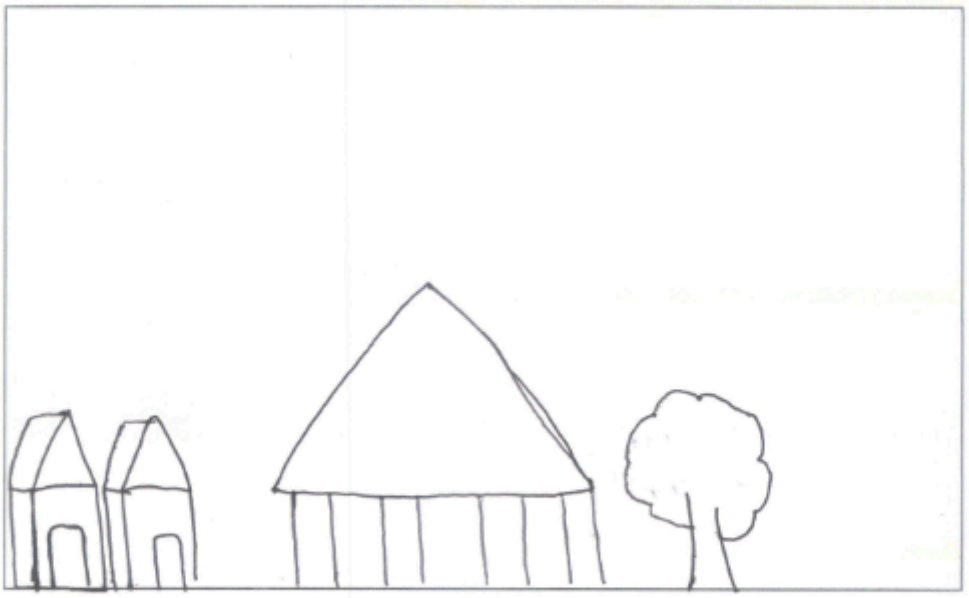
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Sim

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não sei

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.



Escola: lina Rodrigues do Nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 4/10/2022 [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: para

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

Eu gosto de romance e terror

2. Quais são seus personagens favoritos?

curupira

3. Você sabe o que são lendas?

uma coisa que já foi estoria

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

a iara ela emuito famosa mais historias indigenas

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

curupira

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

a bruxa ola iara

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

Sim Não Sera o nome

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

Não

9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

meio de mia muito bonito

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

Não

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.

Escola: Profª Laina Rodrigues do Nascimento.

Nome completo: [redacted]

Data: ___/___/_____ Sexo: F ( ) M ( )

Turma: _____

Localidade onde mora: _____

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

muito legal e divertido

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Sim a Barra de gramame

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

os costumes

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

a hora que a gente comeu

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

mia vó

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

não

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

é pare ~~sim~~ caiçara

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

Sim é pare sei caiçara

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

não sei eu tive medo detadas

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

não

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

sei lá

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

Escola: Lima rodrigues do [redacted] nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: 28/03/2011 [redacted]

Turma: 6ºA

Localidade onde mora: Vilage jacumã.

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinhos e romance por eu gosto deste de infância.

2. Quais são seus personagens favoritos?

Mônica Turma da mônica.

3. Você sabe o que são lendas?

[redacted] não sei

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

não sei

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

não sei.

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

sim, minha vó.

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

não sei

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não.

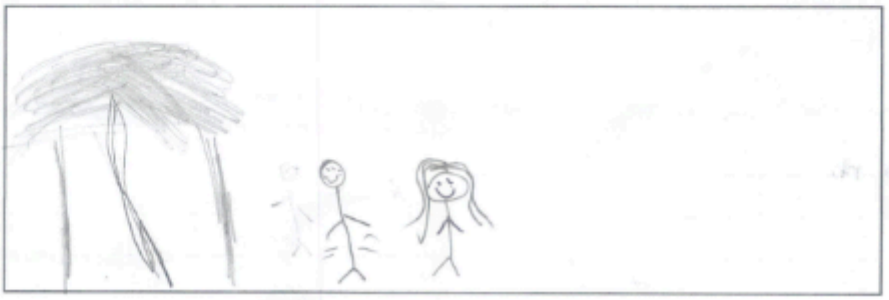
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

Uma cabana com varias indias dançando e lá deve ser Bem grande.

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

não sei

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: Lima Rodrigues do nascimento

Nome completo: [redacted]

Data: 18/10/2022

Turma: 6°A

Localidade onde mora: Vilage jacumã

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

Muito legal eu gostei muito ~~por~~ por que eu pensei que não teria casas de tijolo.

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

Aldeia Tabajara.

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

Sim. por que eu pensei que as casas seria de Barro.

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

~~De~~ Não sei

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

~~quando~~ Meu avó e minha avô

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

sim.

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

O homem da cobra ~~e o padre nem coleça~~.

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

O padre nem coleça.

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

Do homem da cobra.

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não sei

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

Sim. Por que eu gostei dos índios.

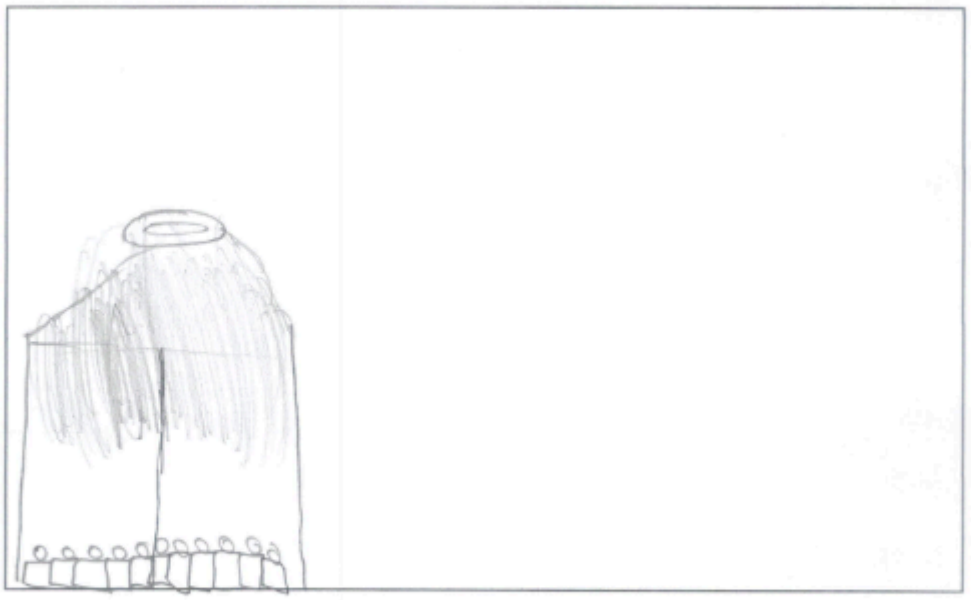
12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

Eu casas.

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não sei

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.



Escola: Lina [illegible] de nascimento

Nome completo: [redacted]

Data de Nascimento: ___/___/_____ [redacted]

Turma: 6º A

Localidade onde mora: [illegible]

Questionário

1. Que tipo de história você gosta (quadrinhos, romance, terror, etc.)?

quadrinhos

2. Quais são seus personagens favoritos?

Mônica

3. Você sabe o que são lendas?

[illegible]

4. Você conhece alguma lenda indígena? Qual?

[illegible]

5. Você conhece algum personagem de lenda indígena? Qual?

[illegible]

6. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

sim, minha mãe

7. Você conhece algum indígena? Se sim, quem?

não.

8. Você já visitou uma aldeia indígena? Se sim, qual?

não

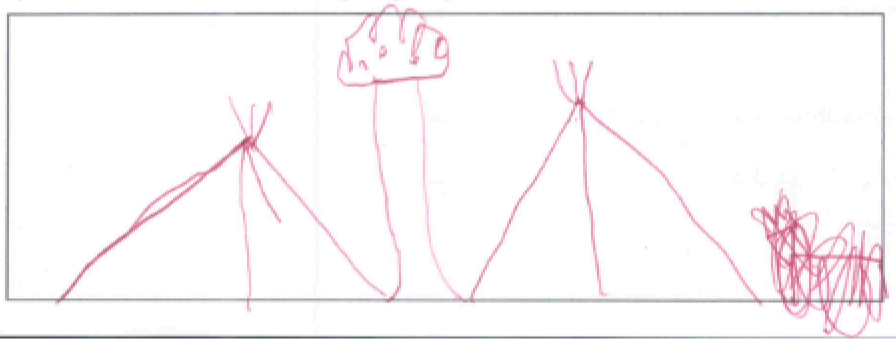
9. Caso nunca tenha ido à uma aldeia indígena, como você imagina que é lá?

um bucado di cabana i linda

10. Você sabe que em Conde/PB há uma etnia? Sabe como se chama?

paraiba

11. Faça um desenho de como você imagina que seja a Aldeia.



Escola: isolo lina rodrigues
Nome completo: [redacted]
Data: ___/___/______ [redacted]
Turma: 6º A
Localidade onde mora: capim açu

Questionário

1. O que você achou da visita que fizemos à Aldeia Barra de Gramame?

eu achi massa porque o atrilo tabajara muito lindos teve danson e teve lanche

2. Você lembra qual etnia fomos visitar? Qual é?

o indio tabajara

3. Tem alguma coisa lá que você achou que seria diferente? Por exemplo as casas, as roupas, o lugar, os costumes?

~~não~~ sim. ~~as~~ ~~roupas~~ porque eles usava roupa quinem a gente

4. Qual a parte da visita você mais gostou?

a ora da comida

5. Você já ouviu alguém contar uma lenda indígena? Se sim, quem?

sim a lil das cobras

6. Depois da visita à aldeia você sabe o que são lendas indígenas e para que servem?

sim. serve para alerta as que estão passando por ali.

7. Após ter visitado a aldeia e ter escutado algumas lendas, quais personagens de lendas indígenas você conhece?

lil da cobras e padre sem cabeça, e a bode que corri fogo

8. Você lembra das lendas contadas na visita? De quais você lembra?

lil das cobras, o padre se cabeça, e o bode que corre fogo

9. O que você achou das lendas contadas? Qual a que você mais gostou?

lil das cobra

10. Você conhece os lugares citados nas lendas?

não

11. Você gostaria de fazer outras visitas à aldeia?

sim.

12. A aldeia é do jeito que você imaginava? Se não, em que ela é diferente?

não. era mais

13. Quais outras atividades poderíamos fazer para conhecermos mais sobre a etnia Tabajara?

não sei

14. Faça um desenho da nossa visita à aldeia.

ANEXO B - MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO NA VISITA DE CAMPO

PREFEITURA DE CONDE
UM NOVO TEMPO

Estado da Paraíba
Prefeitura Municipal de Conde
Secretaria de Educação Cultura e Esportes
Escola Municipal do Ensino Fundamental Lina Rodrigues do Nascimento

Autorização dos pais ou responsáveis

Eu, [redacted],

responsável pelo(a) aluno(a) [redacted]

autorizo a participar de uma aula de campo, que acontecerá no dia 08 de outubro de 2022, na Aldeia Barra de Gramame Conde - PB, com saída da escola às 07h 30min horas e retorno previsto para às 12 horas.

Afirmo que as declarações acima são verdadeiras e afirmo ainda que o mesmo participará de livre e espontânea vontade.

[redacted]

Assinatura do responsável

RG nº [redacted]

CPF nº [redacted]

Conde, 04 de outubro de 2022

ANEXO C - LENDAS INDÍGENAS TABAJARA

A Cidade Encantada

O Povo Tabajara conta que há um tempo havia um caboclo da região que namorava uma bela moça do Gurugi. Certa noite, esse caboclo saiu de Mituaçu e foi visitar sua namorada e, para isso, precisou atravessar uma mata que ficava entre Paripe e Gurugi, e assim o fez.

O caboclo caminhava distraído quando chegou em um vilarejo e achou estranho, pois nunca tinha passado por aquele lugar antes. Era um vilarejo muito iluminado, repleto de lamparinas por todos os lugares, o que lhe causou muita surpresa, pois na época a iluminação era pouca, já que as luzes usadas eram apenas de **candeeiro**. O povo desse vilarejo também parecia de outra época, pois eram muito brancos e se vestiam com roupas muito diferentes das que o povo da região costumava usar.

Mesmo desconhecendo o lugar, o caboclo encantado com tudo o que via foi caminhando pelo vilarejo. Os tabuleiros tinham frutas muito bonitas. Resolveu comprar 5 laranjas do céu para levar para sua namorada e ao tentar pagar o dono do tabuleiro disse que ali não aceitavam dinheiro e que ele podia levar as laranjas sem pagar por elas. O caboclo então pegou as laranjas, agradeceu e seguiu caminhando. Mais na frente parou numa **bodega** para limpar a garganta com uma bebida e fumar um cigarro e mais uma vez ao tentar pagar, não aceitaram seu dinheiro.

O caboclo então seguiu seu caminho pela cidade com as laranjas para a casa de sua namorada. Já chegando no fim da rua, quando se virou para trás, todas as luzes se apagaram. Ele percebeu que estava dentro da mata. Magicamente aquele vilarejo havia desaparecido.

O caboclo não conseguia explicar o que havia acontecido e não havia sinais desse vilarejo. Era uma cidade encantada. Ao chegar em Gurugi contou essa história para todos de lá e até hoje se fala dessa cidade.

Vocabulário:

Candeeiro: utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar.

Bodega: pequena venda de secos e molhados.

O bode que cuspia fogo

Antigamente Jacumã era um lugar bem pacato, as ruas ainda não eram asfaltadas e as poucas casas que tinham eram de palha. A água do rio ainda era muito forte e havia apenas uma pontezinha de madeira que dava para passar apenas um carro por vez. Nessa época, a subida para a Praia do Amor era um morro com mais de 40 metros de altura que foi demolido e planado para virar zona urbana. Esse lugar era conhecido como Purgatório e nele morava, e dizem que ainda mora, um bode que cuspia fogo.

O compadre João Mariano arrumou um namoro com uma moça de Jacumã e ia visitá-la de vez em quando. Quando a maré estava seca ele ia pela praia, mas quando a maré estava cheia ele precisava ir pelo Purgatório.

Certa vez, numa dessas visitas de maré cheia, João, ao passar pela ponte, ouviu um berro de um bode vindo de cima do morro. Lembrou-se das histórias de um bode grande preto que soltava faíscas bela boca e corria atrás das pessoas e não quis arriscar ser atacado. Resolveu correr por um caminho que passava por uma encruzilhada e dava dentro da mata. Não sabia se temia mais levar carreira do bode ou ser atacado dentro da mata por um **Maracajá-açu**, muito comum na região naquela época.

Compadre João foi subindo a ladeira e quanto mais corria mais ouvia o berro do bode se aproximando dele. Correu mundo a cima. Pegou um caminho que dava no Rio do Ouro e atravessou até chegar numa encruzilhada próximo à Aldeia. João sabia que, chegando na encruzilhada, o bode ia parar de persegui-lo, pois esses seres encantados não passam por encruzilhadas.

Faltando cerca de 50 metros para o compadre João chegar na encruzilhada, o bode chegou bem atrás dele, berrando muito alto e soltando labaredas de fogo pela boca. João apertou o passo e conseguiu passar da encruzilhada e entrar na mata que era caminho para a aldeia, deixando o bode furioso para trás. Na mata, por sorte, também não viu nenhum Maracajá-açu pelo caminho e seguiu até chegar em casa.

O Compadre João Mariano chegou na aldeia assustado e cansado e contou a história que acabara de acontecer com ele, alertando que os outros tivessem muito cuidado ao passar pelo Purgatório para não serem atacados pelo bode que cuspia fogo.

Vocabulário:

Maracajá-açu: em tupi-guarani significa literalmente:¨o gato grande¨. é uma palavra indígena que define um animal felino,de tamanho médio.

A lenda do padre sem cabeça

Senhor Antônio, ancião do povo Tabajara mais conhecido como Seu Piaba, contava uma história que aconteceu com ele há muito tempo atrás.

Certa vez, quando as estradas de Conde ainda não eram asfaltadas, ele estava voltando do centro de Conde para sua aldeia em Barra de Gramame a pé, tarde da noite. Criado desde menino nessas terras, seu Piaba vinha tranquilo, mesmo naquela escuridão, pois sabia o caminho muito bem.

Já tendo andado uma boa parte do caminho, quando passava por Chão Duro, lugar que fica entre Mata da Chica e o Gurugi, avistou um homem muito alto, vestido de preto com um colarinho branco, roupas que os padres usam.

O homem vinha em sua direção e, achando que era um padre que também voltava a pé para seu destino, seu Piaba o cumprimentou. O homem não respondeu ao cumprimento de Seu Piaba, que ficou fora de tempo, não sabendo direito se o homem não o cumprimentara pela escuridão ou pelo cansaço da andada.

Quando Seu Piaba passou pelo homem resolveu olhar para trás e viu que aquele homem vestido com roupa de padre não tinha cabeça. Seu Piaba então percebeu que se tratava do padre da lenda do padre sem cabeça das histórias que os mais antigos de sua aldeia contavam.

Seu Piaba ficou assustado com a visão, mas lembrou dos ensinamentos do seu povo de que quando estivesse assombrado deveria pegar uma faca e colocar na boca, entre os dentes cerrados, para que o susto passe. Seu Piaba sempre andava com uma faca na cintura e assim fez igual seu povo ensinou. O assombro passou e Seu Piaba conseguiu continuar seu caminho até sua casa.

Chegando em casa Seu Piaba contou do que tinha visto para todos da sua aldeia e todos ficaram surpresos. Seu Piaba viveu até os 106 anos e hoje não se encontra mais nesse plano, mas sua visão desse dia ainda é contada na Aldeia.

ANEXO D - ATIVIDADE PROPOSTA PELA PROFESSORA PESQUISADORA

ESCOLA: _____ DATA:___/___/____

PROF:_____ TURMA: _____

NOME: _____

Lendas Indígenas

As lendas indígenas são histórias contadas pelos povos originários e ajudam a retratar a cultura e crenças dos povos ao longo dos séculos. As lendas indígenas brasileiras são contadas em várias regiões, por isso assumem características diferentes. Algumas surgem para explicar o aparecimento de plantas, como a **vitória-régia**; outras falam sobre alimentos, como a **mandioca**, e outras tantas ainda citam deuses e forças da natureza.

O litoral sul da Paraíba é o território da etnia Tabajara. Os Tabajaras são de origem étnica Tupi, de linguística também Tupi e esse nome é originado das palavras taba = aldeia + jara = de yara, senhor, dono, aquele que domina (Os donos da aldeia). Atualmente contam com uma população de cerca de 755 habitantes, que residem nos municípios paraibanos de João Pessoa, Alhandra, Pitimbu, Caaporã e em três aldeias no município de Conde: Aldeia Barra de Gramame, Aldeia Nova Conquista e Aldeia Vitória. Os indígenas Tabajaras vêm num processo de fortalecimento de sua identidade e lutando pelo direito da demarcação de suas terras.

Leia abaixo uma lenda do povo Tabajara contada pelo Cacique Carlinhos da Aldeia Barra de Gramame.

A Cidade Encantada – Lenda do Povo Tabajara

O Povo Tabajara conta que há um tempo havia um caboclo da região que namorava uma bela moça do Gurugi. Certa noite, esse caboclo saiu de Mituaçu e foi visitar sua namorada e, para isso, precisou atravessar uma mata que ficava entre Paripe e Gurugi, e assim o fez.

O caboclo caminhava distraído quando chegou em um vilarejo e achou estranho, pois nunca tinha passado por aquele lugar antes. Era um vilarejo muito iluminado, repleto de lamparinas por todos os lugares, o que lhe causou muita surpresa, pois na época a iluminação era pouca, já que as luzes usadas eram apenas de **candeeiro**. O povo desse vilarejo também parecia de outra época, pois eram muito brancos e se vestiam com roupas muito diferentes das que o povo da região costumava usar.

Mesmo desconhecendo o lugar, o caboclo encantado com tudo o que via foi caminhando pelo vilarejo. Os tabuleiros tinham frutas muito bonitas. Resolveu comprar 5 laranjas do céu para levar para sua namorada e ao tentar pagar o dono do tabuleiro disse que ali não aceitavam dinheiro e que ele podia levar as laranjas sem pagar por elas. O caboclo então pegou as laranjas, agradeceu e seguiu caminhando. Mais na frente parou

numa **bodega** para limpar a garganta com uma bebida e fumar um cigarro e mais uma vez ao tentar pagar, não aceitaram seu dinheiro.

O caboclo então seguiu seu caminho pela cidade com as laranjas para a casa de sua namorada. Já chegando no fim da rua, quando se virou para trás, todas as luzes se apagaram. Ele percebeu que estava dentro da mata. Magicamente aquele vilarejo havia desaparecido.

O caboclo não conseguia explicar o que havia acontecido e não havia sinais desse vilarejo. Era uma cidade encantada. Ao chegar em Gurugi contou essa história para todos de lá e até hoje se fala dessa cidade.

Vocabulário:

Candeeiro: utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar.

Bodega: pequena venda de secos e molhados.

Atividade

1. O que são lendas indígenas e para que servem?

_____
_____
_____

2. Sobre o que essa lenda fala?

_____
_____
_____

3. De qual etnia é essa lenda?

_____

4. Onde essa etnia está localizada?

_____

5. Na lenda são citadas as localidades de Mituaçu, Paripe e Gurugi. Você conhece alguma dessas localidades? Qual?

_____
_____
_____

6. Que momento da lenda está retratada na imagem?

_____
_____
_____

7. O que você faria se entrasse em uma cidade encantada igual a descrita na lenda lida?

_____
_____
_____

Referência Bibliográfica: FLORES, Elio Chaves (org.). Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2014.